



TRIBUNA

22-3-52

A morte esperava na ponte

NOTÍCIA E FOTOS
DA PAVOROSA
CATÁSTROFE FER-
ROVIÁRIA DA CEN-
TRAL DO BRASIL

(Nas páginas centrais)

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Mulheres descobrem a 7ª Arte (por Domingos de Lucca Jr.)	4/7
Na primavera parisiense	11/13
Desfile ao microfone	16/18
O arroz e o feijão pedem passagem (por José Asmar)	19/21
A Morte esperava na ponte	27/34

LITERATURA

A Grande Travessia (por Alceu Marinho Rêgo)	3
O Pequeno Conto (por Geo William)	8
A Semana Literária (por Edmundo Lys)	14
Apelidos (Conto de Romeu Cruzóé)	26
Algum dia morrerei... (Conto de Arnaldo Bittencourt Marchetti)	35

ROMANCE

A Insatisfeita (por Irene Temple Bailey)	22/23
--	-------

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista	8/9
Personagem da Semana (Lucas Garcez)	9
Leon Eliachar apresenta (Cinema)	39
Puxe pelo Cérebro	46
Palavras Cruzadas (por Renato Cartaxo)	47
Psicanálise (pelo Dr. Luís Fraga)	50
Tudo isto aconteceu	54/55
A Revista há 50 anos	57
A Pergunta da Semana	58

FOLHETINS

Aventuras do Capitão Rob	24/25
Felicidade Inesperada	38

CARICATURA

Aumento e inflação (por Théo)	10
-------------------------------	----

FEMININAS

Figurinos (Ramon)	36/37
A Saúde do Bebê (pelo Dr. Sabóia Ribeiro)	45
Novidades de Paris	51
Sugestões elegantes	52/53

CINEMA

Assuntos vários	40/44
-----------------	-------

EXPEDIENTE

	58
--	----

FOTOS

Ferreira Lima — José Santos — Dario Terini — Keystone — Arquivo — Avulsas.
--

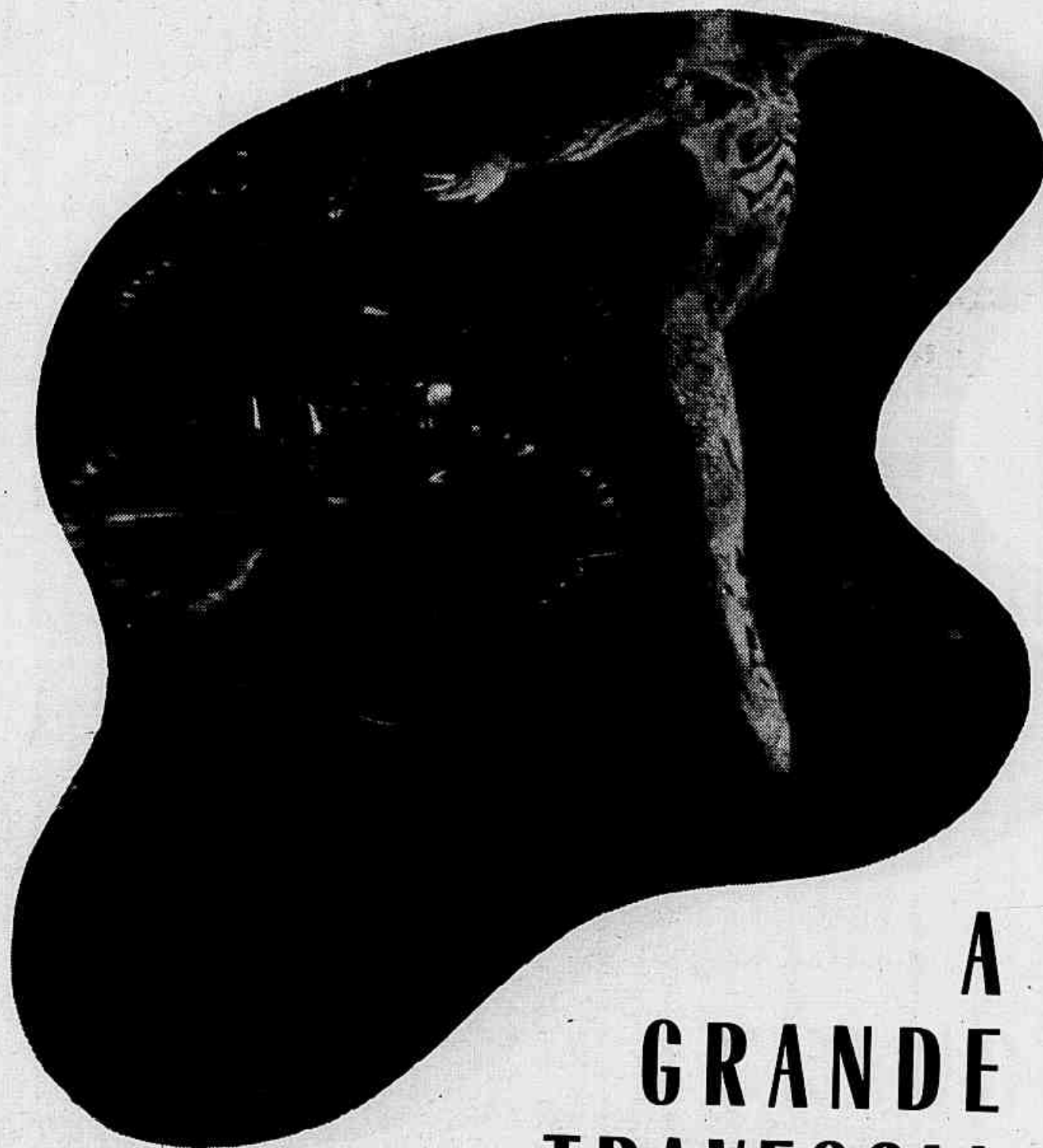
ILUSTRAÇÕES

Oswaldo da Cunha — Renato de Souza — Jerônimo Ribeiro — Alberto Lima.

★

CAPA:

Debbie Reynolds (M.G.M.)

A
GRANDE
TRAVESSIA

UM general romano, entediado nos acampamentos da Gália, imortalizou um pobre curso d'água da paisagem cisalpina, ao cruzá-lo, com firme determinação, os olhos ambiciosos postos em Roma.

Por mais de um motivo se faz a travessia de um rio, animado de inflexível decisão. Penso quantos são os rios reais e imaginários que atravessamos em nossa vida e diante de quantos outros recuamos, descoroçados.

Penso na travessia que realizou a pobre amiga, no sábado de Carnaval, cruzando um rio cheio de surpresas que não vem riscado nos mapas humanos.

Que pensamentos encheriam sua cabeça no momento derradeiro, quando, o cano da arma apontado contra o peito, ouvia os primeiros rumores da festa que despertava a cidade?

Ninguém o saberá — e pouco importa sabê-lo. Não seriam talvez pensamentos, nada mais que um morno sentimento de tédio, capaz de encher o espírito como um bocejo é capaz de encher uma vidra.

Não importava que a natureza cantasse toadas no mar tão próximo nem que uma doce palpitação bolisse na atmosfera da manhã. Havia já perdido os segredos da sensibilidade para essa compreensão matinal.

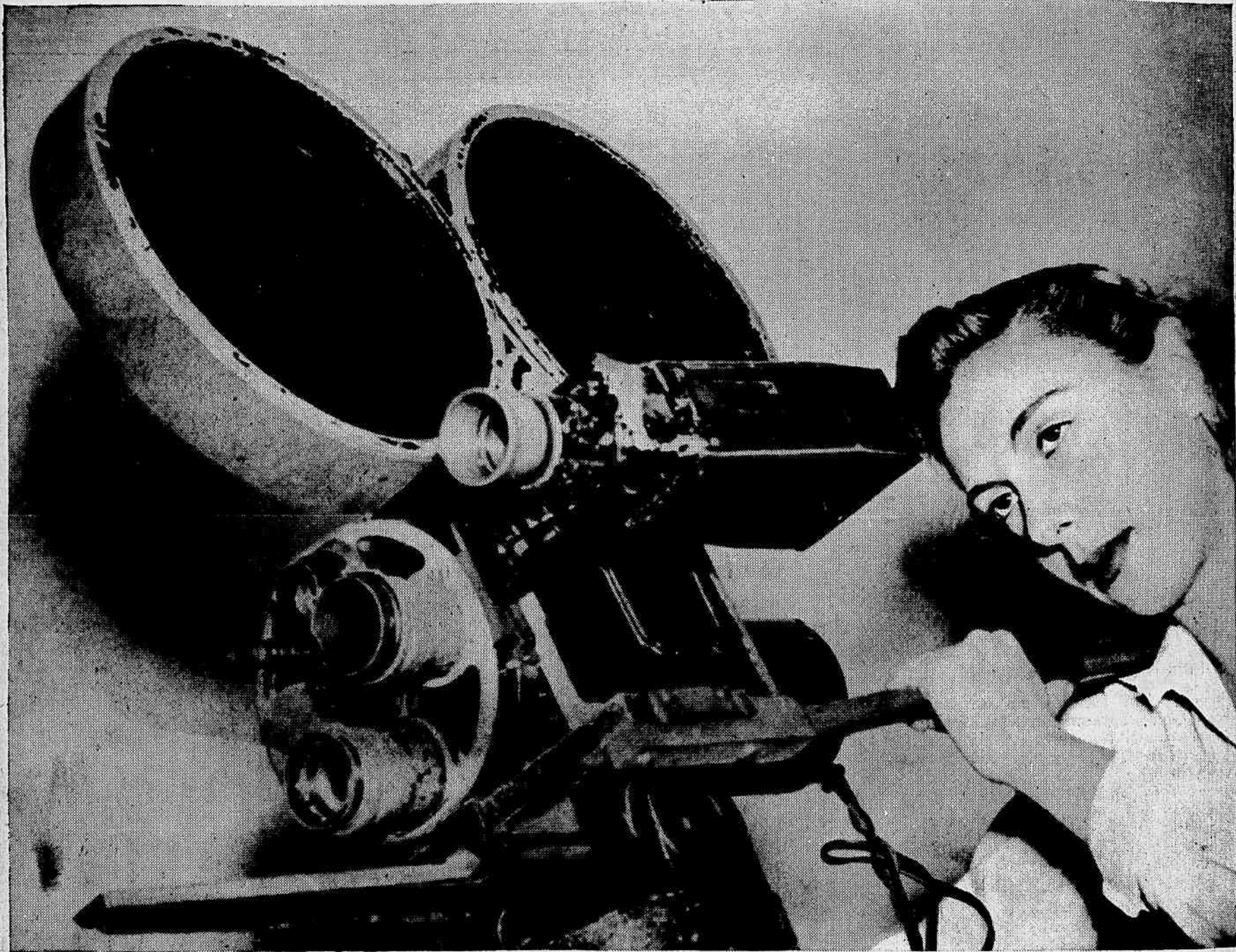
Não lhe tremeu a mão, preparada para o auto-sacrifício. A pressão firme do gatilho escreveu o fim. Nada ficou dito, nem uma linha foi dirigida a alguém, como se uma determinação orgulhosa lhe selasse os lábios antes mesmo do grande frio.

Nenhum suicida ainda traduziu o mistério e a sedução trágica desse último gesto, para o qual se dão as mãos o heroísmo e a covardia. Também a revelação não chegará da amiga morta.

Será semelhante à decisão de varar um rio cheio o drama dos suicidas, esses pobres fatigados que tudo perdem menos o poder de deliberação. Eles determinam, como o general romano, o curso da própria vida num minuto angustioso, ambicionando alcançar a margem oposta, perdida em bruma impenetrável, com os olhos deslumbrados pela visão da Cidade Eterna.

ALCEU MARINHO REGO

SEM HOMEM NÃO HÁ ROMANCE



TANIA SIMÕES TROCOU o «ballet» por uma câmara de 35 milímetros. É responsável pela filmagem e pelo argumento de «Estrada da Vida», celulóide ainda não projetado nas telas e cujo mérito se desconhece

MULHERES DESCOBREM A 7ª ARTE

TANIA E JOVITA FUMARAM JUNTAS E FICARAM AMIGAS ★ AS MULHERES NÃO QUEREM SAIAS ★ UMA EMPRESA SEM FÓLHA DE PAGAMENTO ★ QUE PENSARÃO OS HOMENS? ★ AULAS DE ARTE PARA CALOUROS ★ UMA DIRETORA E UMA "CAMERA-GIRL" BRASILEIRAS

Reportagem de DOMINGOS DE LUCCA JR.

Fotos de DARIO TERINI

O leitor deve imaginar qual não foi minha surpresa ao topar com aquela simpática loira «mignon» manejando uma gigantesca filmadora de 35 milímetros, ao som dos berros de outra jovem, que gesticulava para um par elegante sentado num dos cantos da «boite». Mas elas pareciam estar à vontade. Era como se uma estivesse manejando um frasco de perfume e a outra dando um gritinho à porta de casa, para chamar o irmão que jogava «pelada» na rua.

— Corte, corte — bradou a gritadora, cujo nome é Jovita de Almeida — A cena não está boa. Vamos repetir.

A moreninha que ia entregar a flor ao galã, visivelmente cansada, reclamou: «Dê-me, então, outra flor, pois esta já murchou...»

Jovita gritou alguma coisa, que não compreendi, e os refletores voltaram a brilhar. «Ação!» — fez ela, com energia masculina. E a câmara rodou.

Quando a cena terminou e os artistas, fatigados e suarentos, retiraram-se, fomos à cata da história da única companhia cinematográfica do mundo dirigida só por mulheres. E pode ler, que é interessante.

DO «BALLET» AO CINEMA

Tânia Simões, a «camera-girl», simpática, viva e inteligente, com Jovita de Almeida forma o que elas denominam, orgulhosamente, de «uma equipe única de duas mulheres», responsáveis pela filmagem, revelação, montagem, direção, argumentação, técnica

de luz e de som, decupagem, dublagem, etc., de uma companhia cinematográfica que elas idealizaram e fundaram, realizando, em pouco tempo, seu primeiro filme e já prometendo um segundo que, conforme dizem, «abafará» o Brasil.

Os artistas são todos «calouros» da sétima arte. Aprenderam a representar com Tânia e não percebem salário, porquanto coparticiparão dos lucros das películas em que atuarem.

Quando Tânia Simões cansou de dançar, novas idéias nasceram em sua cabecinha viva e ela dissolveu sua companhia de «ballet» afro-brasileiro, trocou os palcos e as pistas das «boites» pelo ar livre e o nome de Tânia Tanagra pelo de Tânia Simões. Pôs-se a estudar fotografia, adquiriu uma pequena filmadora de 16 milímetros que, quando se

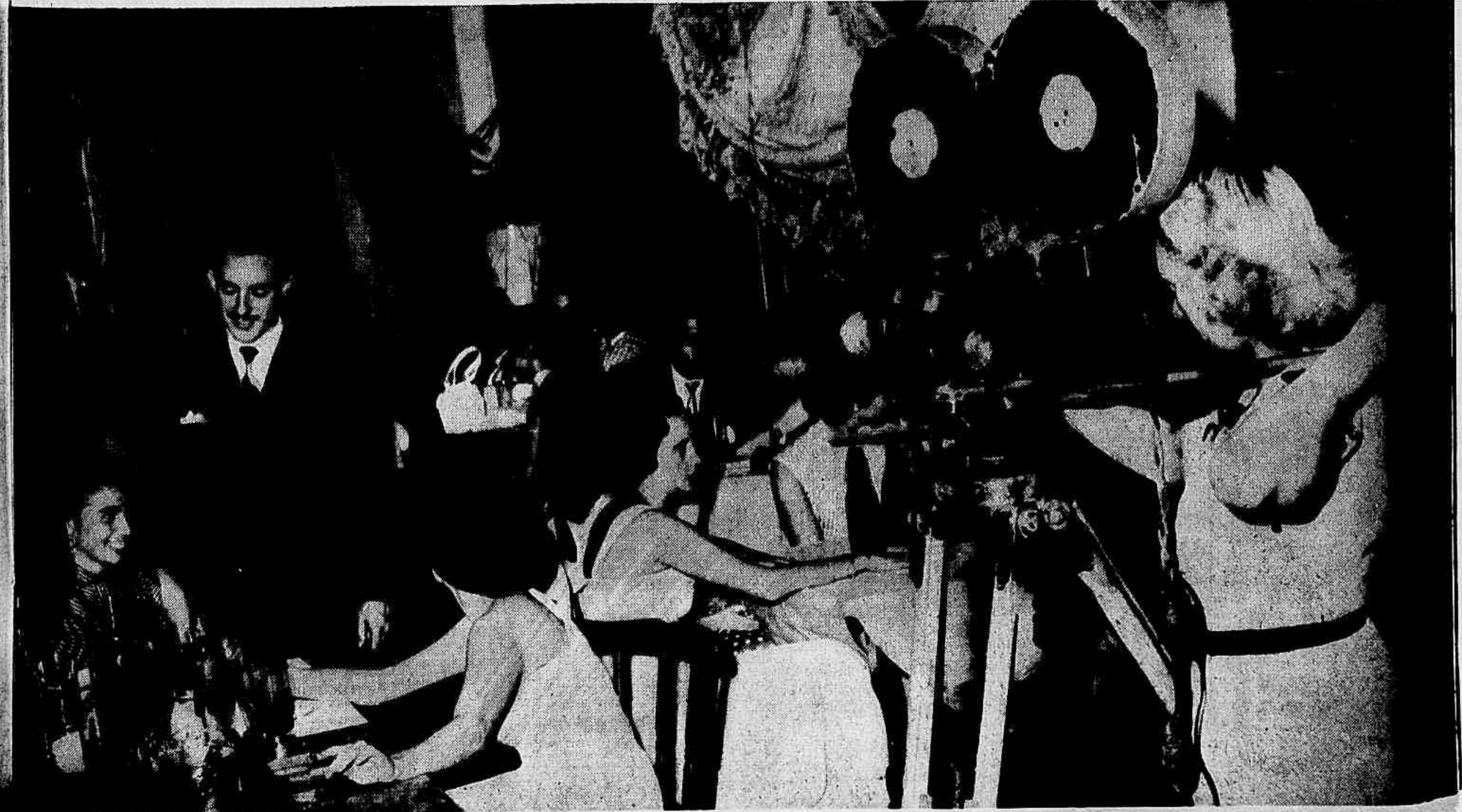


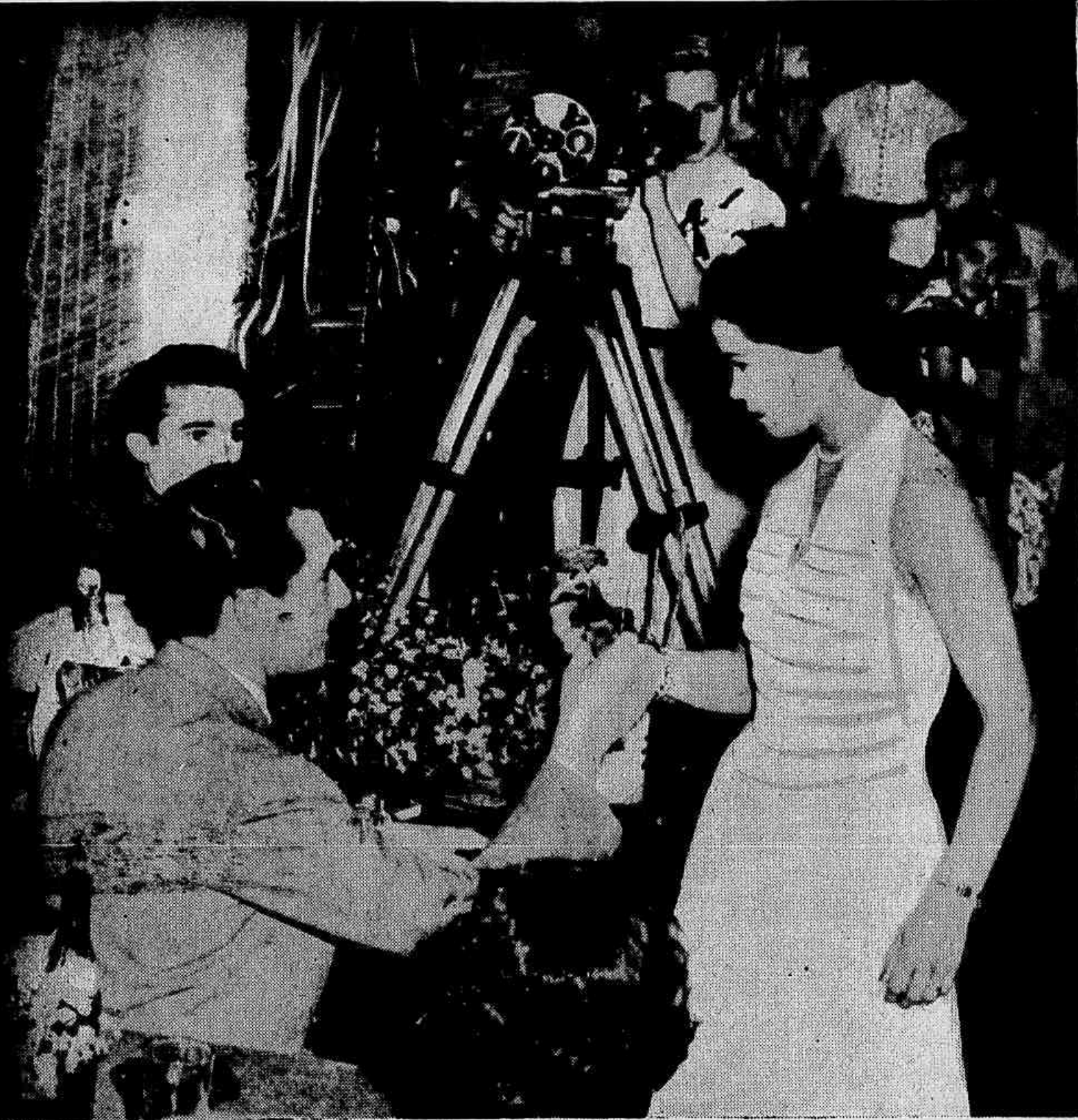
AÇÃO! — GRITOU JOVITA. E Tânia (que se vê acima), ligou a câmara, com um jeito de quem carrega uma peça de artilharia, pronta para a filmagem

FILMAR E DAR AULAS constitui a principal atividade das duas amigas e suas. Nos intervalos aplicam-se no estudo dos manuscritos, de autoria própria

ENFRENTANDO A MAQUINA, que vimos no momento em que era ligada, Tânia

prepara-se para rodar uma cena interior, mostrando os personagens num caban





achou apta, substituiu por uma de 35 milímetros, ingressando, permanentemente, no profissionalismo da objetiva, onde passou a fazer jornal projeto.

Porém, para a ambiciosa ex-bailarina isso não bastava. Novas idéias nasceram e, com seu talento artístico, achou que perdia tempo, filmando documentários e jornais. Precisava fazer algo maior, algo que empolgasse o país, que satisfizesse sua ambição artística, que realizasse seus desejos: um filme de longa metragem.

O ENCONTRO COM JOVITA

Muito longe estava a sua «camera-girls» de pensar que conheceria uma parceira, resolvida, como ela, a enfrentar quaisquer dificuldades e até privações, se necessário, para uma tal realização.

E foi numa bela tarde de sol, quando filmava nos arredores da Capital, que ambas se conheceram. Jovita havia vindo, há pouco, do Rio Grande do Sul, montada num cavalo de sonhos, com uma enorme lança de D. Quixote, derrubando todos os vilões que encontrava pelo caminho. Ambas eram jovens e conhecedoras dos segredos da arte de representar. A gaúcha dissolvera uma companhia teatral de sua propriedade e emigrara para o «norte», com vontade de fazer alguma coisa grande e majestosa.

Conversaram, fumaram, ficaram amigas. Tânia queria uma companhia cinematográfica, Jovita um elenco teatral. Trocaram idéias, discutiram planos e resolveram formar essa estranha «equipe», iniciando uma grande batalha que só terminará no decorrer do presente mês, quando o público nacional tiver oportunidade de ver o primeiro filme, escrito, dirigido, revelado, montado e filmado por duas únicas mulheres.

COMO SE FAZ CINEMA

«Não há dúvida que Tânia Simões, cujo verdadeiro nome é Dirza Simões Diniz, é uma moça curiosa. Nasceu para falar gesticulando, mandar em voz alta, fazer carranca de «camera-man» italiano, envergar calças compridas e fumar com longas tragadas». Assim você a definiria, se não a conhecesse melhor. Vou lhe contar. Ela é uma jovem de fibra e, quando grita ou faz cara feia, nem os «astros» se atrevem a contrariá-la. E' porque tem razão e é a professora com quem eles aprenderam a trabalhar frente à câmara, sem fitar a objetiva, como artista de radiatro improvisado em ator de cinema — lembre-se de «Quase no Céu».

Quanto a Jovita, fala pouco e trabalha muito — coisa rara em mulher, se as leitoras me perdoam dizer — sendo responsável pela direção das películas. E' ela quem gesticula, grita, ensina, sem ficar zangada, chorar de desespero ou arrancar os cabelos côr de palha.

E vejam só, quando a dupla resolveu fazer cinema muita gente achou graça. Porém, Jovita e Tânia não ligaram importância ao fato e meteram mãos à obra. Contrataram jovens que aspiravam um cantinho na constelação cinematográfica, fizeram uma rigorosa seleção de tipos, explicaram as condições de trabalho e iniciaram um curso de arte dramática por elas mesmas ministrado.

O início foi de canseiras, mas ninguém desistiu. Valla a fibra, o futuro, a fama, a glória e... também o dinheiro, é claro.

Os ensaios sucediam-se, tôdas as noites. Substituições foram feitas até que, após muito trabalho, constituiu-se o «cast» que estrearia no filme «Estrada da Vida», cujo argumento é de Tânia.

RODA O CELULOIDE

E o celuloide começou a rodar. Os estreantes tuõ faziam para melhorar cada desempenho, procurando, sempre, superar o anterior. A colaboração foi um dos princípios básicos adotados para o êxito da confecção da película.

Os ensaios e as filmagens realizaram-se à noite ou aos sábados à tarde e domingos. Ninguém se importava, pois, não havendo salário, o remédio era sacrificar-se, esperando que o filme se tornasse um sucesso de bilheteria, para poder receber um gordo quinhão, pois, caso contrário, tudo estaria perdido e o tempo passado jamais seria recuperado.

(Cont. na pág. 18)

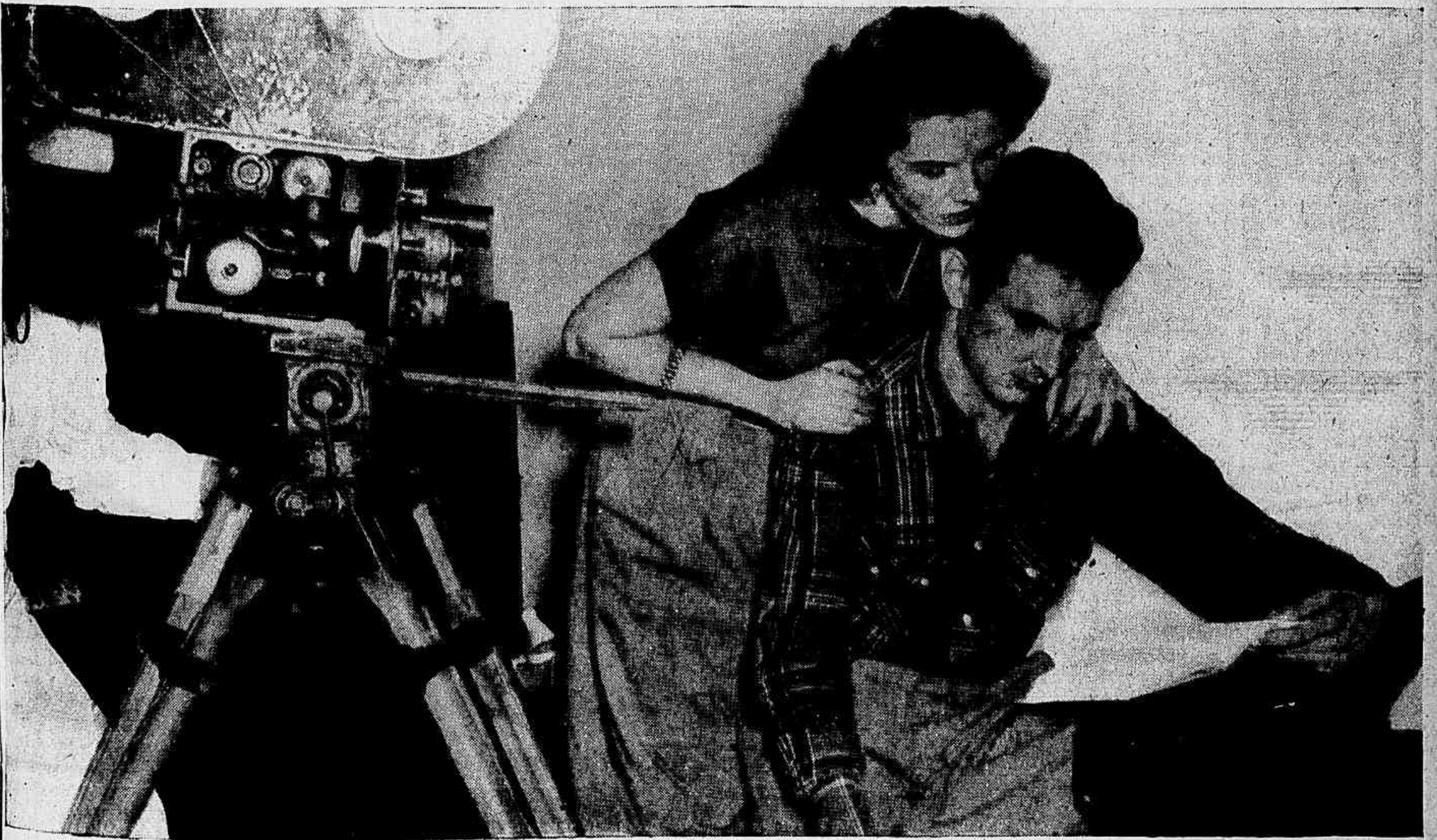
A TELA MOSTRARA esse casal a sós, arrulhando coisas de recém-casados. O estúdio é outra realidade: atrás da máquina posta-se uma quase multidão

MULHERES DESCOBREM A SÉTIMA ARTE



UNS OLHOS FRIOS e veementes, uma cara adequada para cenas de apreensão ou angústia. Ainda uma anônima. Quando mostrará suas possibilidades?

«E' ASSIM» — Tânia grita para o «vilão» que não interpretou o realismo da cena. «Seja brutal, odioso, como convém a um vilão que se presa...»



NESTE MOMENTO está sendo tomado um «close-up» num lar de gente recém-casada. Tudo parecerá perfeito na tela, os dois sôzinhos, longe do mundo... Quem suspeitará a presença da câmara que aqui se vê?

AUMENTO e INFLAÇÃO.

BARNABÉ — Olha só em que altura está o custo da vida!

GETÚLIO — Bem, mas se eu puser alguns níqueis no seu prato, você não vê logo que o outro prato da balança sobe mais?!



etco

NA PRIMAVERA PARISIENSE

MOMENTO ALTO DA MODA PARISIENSE, QUANDO AS ÁRVORES COMEÇAM A FLORIR NOS CAMPOS ELÍSIOS ★ A ANSIOSA ESPECTATIVA DAS ELEGANTES DO MUNDO INTEIRO, QUE COPIAM FIGURINOS PARISIENSES ★ O FOTÓGRAFO DE MODAS É UM HÁBIL AUXILIAR DA ALTA COSTURA EM PARIS



O MANEQUIM vivo dá o último retoque ao «maquillage» quando é avisado de que o fotógrafo o espera para fotografar a «toilette»



A ENCAREGADA do «atelier» veste ela própria o manequim, pondo o maior cuidado em verificar cada um dos menores detalhes da «toilette»



O FOTÓGRAFO, obrigado a aguardar pacientemente que o manequim se prepare, mergulha na leitura de revistas de modas para matar o tempo



AFINAL, ENTRAM em contáto o manequim e o fotógrafo, para a cena de pequena comédia indispensável no ofício: o 1º tempo é um bate-papo



OUTROS TEMPOS transcorreram depois do encontro mas esta cena agora é importante e o fotógrafo arma seu tripé e suas lâmpadas refletoras



BEM, NEM tudo está completamente certo, na opinião muito entendida do fotógrafo. E ele mesmo se abaixa para um arranjo de última hora



TUDO TERMINADO dentro do atelier. Agora o manequim deve sair com o fotógrafo para bater cenas de exterior. E ele indica como ela deve posar

ELA
comen
fere.

A
ginqu
fevere
sentad
da pri
te ag
nalida

O fo
tante
Paris.
ele nã
obriga
ele va
pressã
para
«dern

Não
hábil;
uma
pera
fim d
mire
cuida
lier».

Dep
previ
ller».
começ
que s
luz n
tomac
Paris
der a
balho

Os
tram
de c
prios

AS C
pre,
é

Na Primavera Parisiense



ELA PROCURA executar exatamente o que êle recomendou. «Pronta», avisa ao fotógrafo. Ele confere, muito entendido, e bate a chapa: «clie!»

A alta costura parisiense, que leva o bom gosto e a arte no vestir às mulheres dos mais longínquos pontos da terra, tem seu grande mês em fevereiro de cada ano. E' nessa época que são apresentadas ao público as coleções para a nova moda da primavera e essas apresentações são ansiosamente aguardadas pelas elegantes de qualquer nacionalidade.

O fotógrafo de modas é um personagem importante no movimento que se faz por êsse tempo em Paris. Sua responsabilidade é das mais pesadas e êle não o ignora: tem um senso perfeito de suas obrigações e do que dêle se espera. As chapas que êle vai bater aparecerão no mais fino papel de impressão em milhares de revistas do mundo inteiro, para estudo e cópia de quantos se interessam pelo «dernier cri» lançado pela moda de Paris.

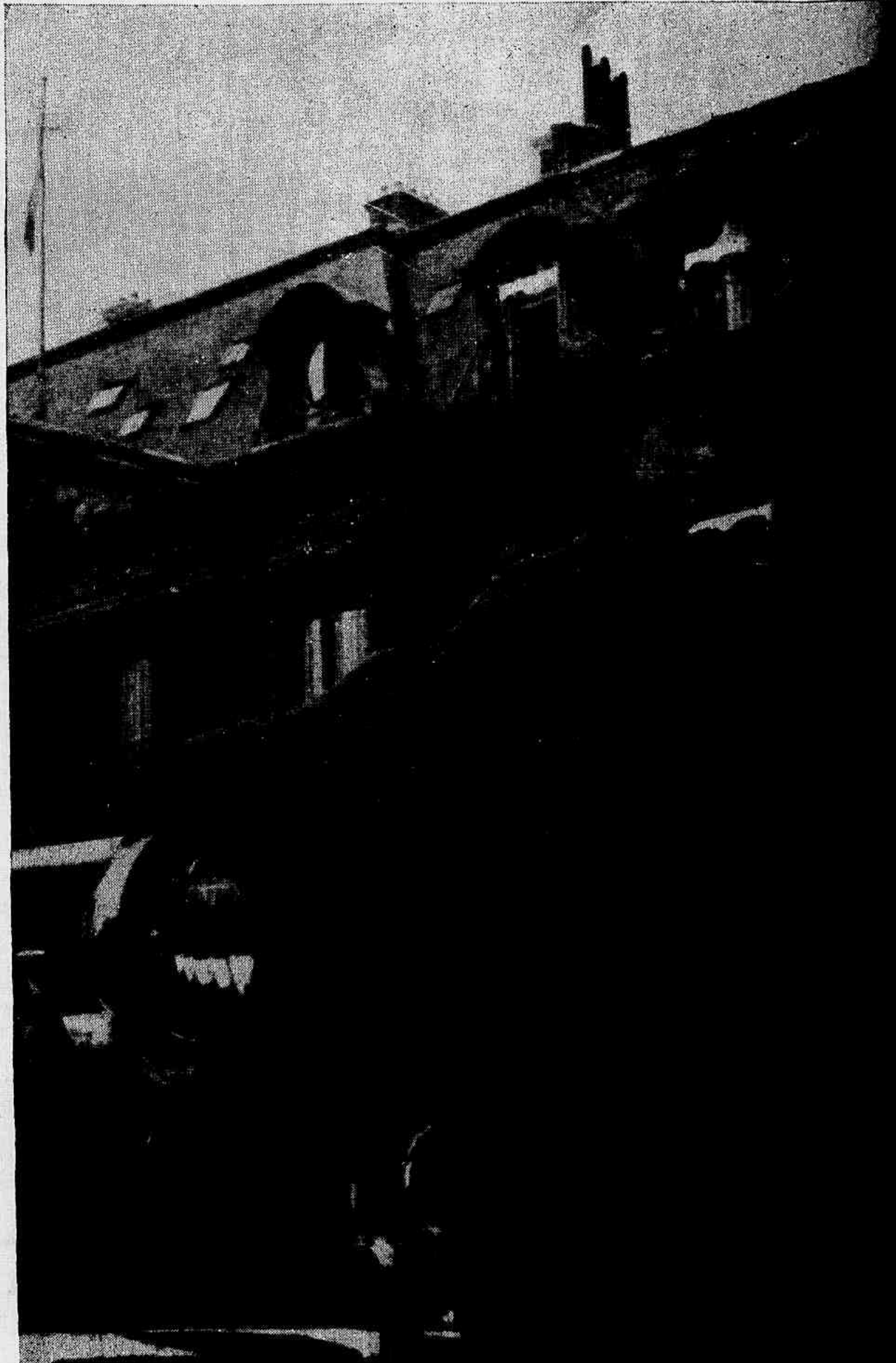
Não basta que êle seja, contudo, um fotógrafo hábil; (também deve ser paciente (para que dizer?) uma vez que lidas com mulheres. Êle às vezes espera longos minutos além da hora combinada, a fim de que o manequim se vista e se retoque, se mire várias vezes ao espelho e atenda a todos os cuidados e impertinências da encarregada do «atelier», que é a sua sombra enquanto se veste.

Depois vêm os ângulos e as poses que devem ser previamente ensaiadas, dentro como fora do «atelier». Uma bela «toilette» para a primavera que já começa a florir nas árvores dos Campos Elísios, tem que ser fotografada à luz do «flash» e também à luz natural. A pose dos exteriores é quase sempre tomada na Praça Vendôme, centro das modas em Paris. O fotógrafo deve estar preparado para perder a manhã inteira ou toda sua tarde num tal trabalho.

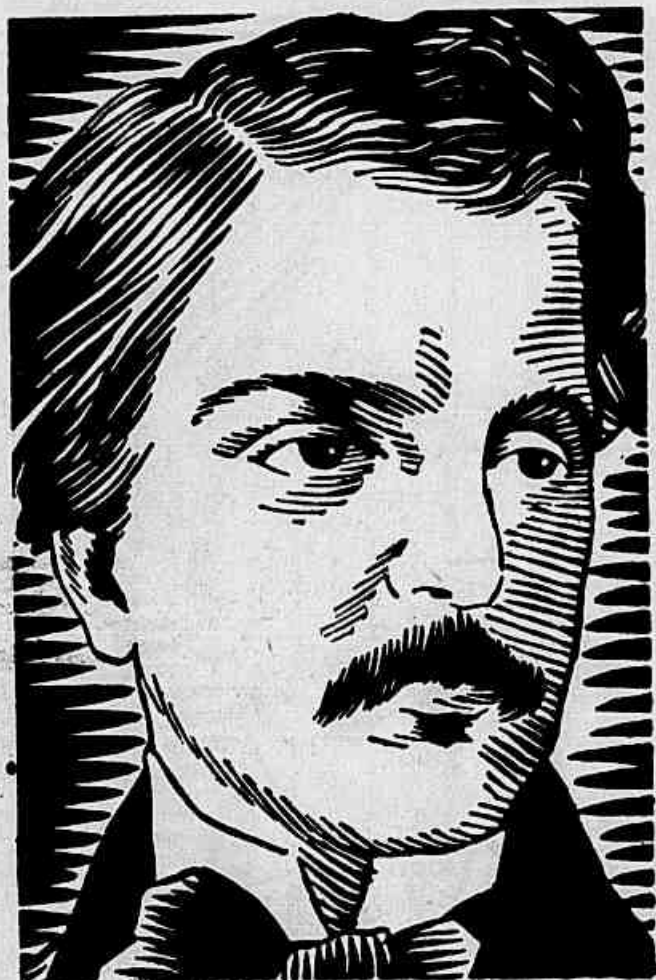
Os flagrantes apresentados nesta página mostram alguns dos segredos da moda de Paris, através de cenas que são freqüentemente vistas pelos próprios parisienses.



AS CENAS EXTERIORES são tomadas, quase sempre, na Praça Vendôme. O automóvel colocado atrás é indispensável ao senso decorativo do ofício.



ÁLBUM DE FAMÍLIA



GONÇALVES DE MAGALHÃES

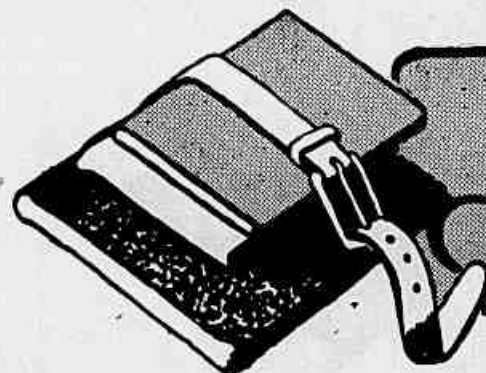
GONÇALVES MAGALHÃES é o pai de nosso romantismo. Foi realmente o seu livro, «Suspiros poéticos e Saudades» que abriu a nossa era romântica, em 1836, dois anos, portanto, depois da data francesa da escola. É curioso entretanto lembrar, como o fez Alcântara Machado, que o poeta nunca se supoz romântico. Vale a pena transcrever um trecho desse estudo de Alcântara Machado, em seus pontos essenciais. É o que fazemos:

«Vejam como a fortuna é maliciosa: o poeta que introduziu na literatura nacional o romantismo não se considerava romântico. Estaria iludido como Byron? Não. Salvo no breve período em que descreveu os «Suspiros», Magalhães sempre foi, na realidade, um clássico retardatário, o último dos arcades. Nem podia ser outra coisa.

Transplantado bruscamente para o meio europeu, ele perde por assim dizer o contacto consigo mesmo, e deixa-se embriagar pelo aroma dos jardins desconhecidos, que respira a plenos pulmões. Livre, porém, da influência imediata do ambiente, não tarda a convencer-se de sua incompatibilidade irreductível com os processos e as idéias da revolução espiritual de que o romantismo constituiu a expressão triunfante do domínio da arte.

Com os processos. Nada tem o romantismo, a princípio, que lhe agrida a sensibilidade. Nobres na inspiração e na fatura são as elegias de Lamartine harmoniosas, delicadas e lânguidas, e os poemas dramáticos de Vigny, de um pessimismo altaneiro. Só depois vem o lirismo hugoano, com as suas truculências e os seus desmandos; um lirismo «dont la seule loi est le désordre», e que se permite tôdas as liberdades, abolindo as hierarquias seculares, misturando o trágico solene ao grotesco atrevido, e admitindo no santuário das letras os sentimentos vulgares e as palavras plebéias. É o que Magalhães chama o «desalinho» e a «barafunda». Tanta falta de recato e compostura irrita profundamente os homens de uma geração como a dele, grave e circunspecta, ciosa do decoro no trato, nas maneiras, nas atitudes sentimentais e intelectuais».

Os dados biográficos de Gonçalves de Magalhães são muito obscuros, entretanto, podemos dizer que nasceu no Rio de Janeiro, a 13 de agosto de 1811, e que seu nome por inteiro é Domingos José Gonçalves de Magalhães, sendo sua obra de maior importância o poema «A Confederação dos Tamoios», editada em Coimbra, em 1864, de puro sabor clássico.



Semana

NA POEIRA

É SSE branco das selvas, ou esse indígena das cidades — Nunes Pereira — tem livros fascinantes, como o «Ensaio de etnologia amazônica», 1942, Manaus. Pg. 23 da 2ª edição, ao falar dos maus: «Nas danças, as mulheres casadas são excluídas; só dançam as solteiras».

★

TEODORO Cabral verteu «Viagem no interior do Brasil», de João Emanuel Pohl. Coube aos profs. Filomena Filgueiras e Petrônio Mota a revisão ortográfica e estilística. Edição do Instituto Nacional do Livro, 1951. Dos muitos erros do I vol. cumpre agulhoar a monstruosidade seguinte, pg. 65: «Ainda hoje os historiadores discutem sobre o dia exato do descobrimento». Escrita de 26 de abril a 1º de maio de 1500, a missiva de Caminha apareceu pela 1ª vez na Corografia Brasílica (1817) do padre Manuel Aires do Casal. Jaime Cortesão publicou, Livros de Portugal, Rio, 1943, «A Carta de Pero Vaz de Caminha». Não há, absolutamente, nenhuma dúvida a respeito do 22



LYDIA GUERZON, nova voz feminina da poesia brasileira, cujo livro de estréia, «Cinzas Vivas», está obtendo grande sucesso

FORA DO

O LIVRO DA SEMANA

ENSAIOS BIOGRÁFICOS

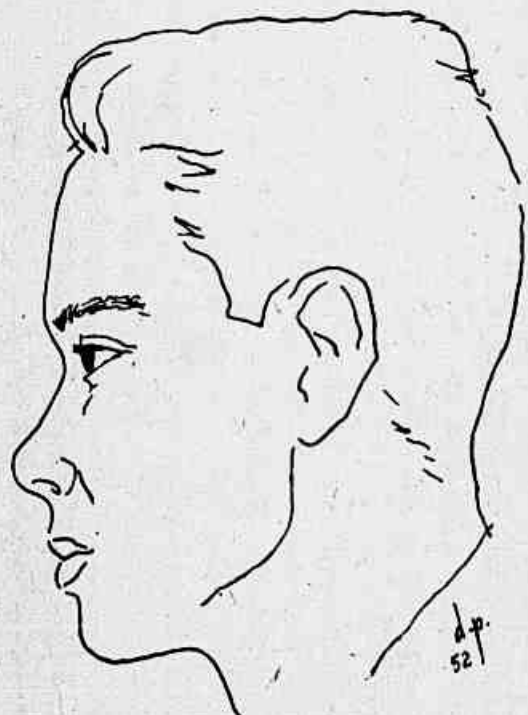
APENAS o primeiro dos ensaios que compõe o presente alentado volume que nos vem de São Paulo, de autoria de Antônio Gontijo de Carvalho — apenas ele basta para consagrar a obra: realmente, o estudo biográfico que aqui temos de João Pandiá Calógeras, o eminente brasileiro que injustamente é hoje um de nossos grandes esquecidos, representa uma obra de vulto, pelo que nos traz de pesquisa e de exame a respeito de uma das figuras mais altas que já ocuparam o cenário brasileiro. De fato, nunca estivemos em tão estupefacente penúria de homem. A nova geração deve ter a impressão desoladora de que brotou em um deserto. Nossa história, mesmo a contemporânea, principalmente a contemporânea, é mal ensinada e pior aprendida. Por mais que se renovem os métodos históricos, permanecemos na simples cronologia, na belografia herdada da Idade Média, quando as guerras eram o que para os povos havia de maior importância. Falamos em paz e preparamos soldados. O homem civil fica relegado às esferas especializadas do pensamento, conhecidos de uns poucos, da minoria dos estudiosos e alfarrabistas. Assim, mais uma vez temos de louvar esse interesse acentuado que alguns escritores vêm revelando por nossas figuras eminentes, criando, por assim dizer, nossas cartas de nobreza.

É precisamente este o caso do livro cujo aparecimento aqui registamos e diante do qual todo louvor será mesquinho. Citamos o estudo dedicado a Calógeras, vulto representativo de nosso gênio e, como tantos outros homens públicos, vítima de sórdidas campanhas de imprensa, pelo simples fato de, em certa fase da vida, terem estado vinculados à administração. Confesso que, conhecendo Calógeras através dessa versão foliculária, ainda na infância, muito nos surpreendeu encontrar dele, certa vez, uma obra da mais profunda importância: julgávamos houvesse sido uma comparsa, na comédia republicana, e eis que se nos deparava o sábio eminente. Pensamos, assim, na nova geração que não teve nem oportunidade de realizar esse contraste, de opor, à fábula jornalística mais sórdida, a verdade dos fatos. Essa geração que, certamente, não conhecerá do grande homem nem mesmo o nome. E aqui lhe estamos indicando, a essa geração sedenta de lastros morais, o belo estudo de Antônio Gontijo de Carvalho, obra lapidar no seu gênero, entre outros capítulos que figuram no mesmo volume, verdadeira preciosidade na bibliografia do ano que vem de terminar.

Edmundo Lys

EDMUNDO LYS

DOS ARQUIVOS



REYNALDO BAIRAO, nome familiar dos leitores desta página e que vem de publicar o belo «Poema Saturno de Minas Gerais» que tanta sensação vem fazendo neste princípio de ano literário. (Desenho de Darcy Pentead)

de abril. Ninguém tem o direito de ignorar a existência de documento de tanta importância... e fazer afirmativas absurdas!

No mesmo vol., pgs. 66 e 67, está «Villegaignon» — outro erro! Correto é Villegagnon. Os mencionados tradutores e revisores precisam ler «Villegagnon», de M.T. Alves Nogueira. Epasa, Rio, 1944, pgs. XXI e XXII da apresentação de Basílio de Magalhães.

OS professores aplaudimos entusiasticamente as Caravanas Estudantis à Fábrica do Café Predileto — é uma forma utilíssima de dar, aos escolares, vigorosa contribuição objetiva a seus estudos! Belo exemplo a ser imitado pela indústria em geral!

EM interessante a «Gramática da língua esperanto» de Alberto Alvares Fernandes Vieira e Leonel Gonzaga Pereira da Fonseca, 2ª edição. Rio, sem data.

PRELO

CINZAS VIVAS — Acaba de aparecer o livro de estreia de uma nova poetisa que tem, a apresentá-la um prefácio de Renato Travassos: Lydia Guerzon «Cinzas Vivas» é o título de seu livro, todo ele de lírica inspiração, com poemas comovidos e comunicativos, vasados em forma trabalhada, de labor tradicionalista, porém servida pela espontaneidade do talento criador e pela variedade do ritmo. Os versos de Lydia Guerzon trazem uma eloquente acentuação amorosa e, fugindo ao puro sentimentalismo, atingem por vezes a dolorosos momentos de sensualismo, esse sensualismo contido com sabor de lágrimas e de sofrimentos. Aqui está um dos poemas mais característicos da maneira poética dessa nova voz feminina que tantos aplausos tem merecido, de justiça:

T U A

Nos braços teus eu me perdi de amor,
Como quem mitigasse sede antiga...

Não me ofendi, no entanto, em meu pudor:
Embora puro, o amor se desvirtua:
Que importa, pois, o que de mim se diga,
Se quase eu tive a glória de ser tua?

PENSAMENTOS DE GUERRA JUNQUEIRO — Estela Brandão vem de iniciar a série de Pensadores Portugueses, da Editorial Domingos Barreira (Pôrto Portugal), com este bem feito «Pensamentos de Guerra Junqueiro». Trata-se de uma antologia de idéias e conceitos extraídos da obra poética do grande poeta luso, precedido os excerptos de uma breve cronologia de Guerra e em apresentação muito cuidada. Uma obra que interessará a toda a espécie de leitores e que na verdade se recomenda ao público, sobretudo hoje em dia, quando estamos pouco habituados a ler o poeta dos mais lidos do princípio do século.

KRITERION — Recebemos os números 17-18, em um só volume, da revista da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, «Kriterion», cujo sumário indica um número de notáveis estudos firmados por Artur Versiani Velloso, Gilles Gaston Grangier, Pero Botelho, Eduardo Prado de Mendonça, Vincenzo Spinelli, José Quintela Vaz de Mello, Eduardo Frieiro e outros.

O REI TRISTEZA — Depois de escrever e ilustrar «João Minhoca no país das fadas», K.H. Hansen reaparece ao público infantil, ainda pelas Edições Melhoramentos, nas «Historietas» nº 22, que é o luxuoso álbum colorido «O rei tristeza». Apenas o título não corresponde à realidade, pois se trata dum trabalho festivo e bonito, contradizendo o nome de «Rei tristeza».

Interregno

De VICENTE AUGUSTO CARNICELLI

Arranquem-me os passos desta dança,
Quero outra Dama, outro Hino,
Qualquer coisa assim como a bonança
Do não-ser em desatino.

Retorno ao pôrto de um tédio que não há!

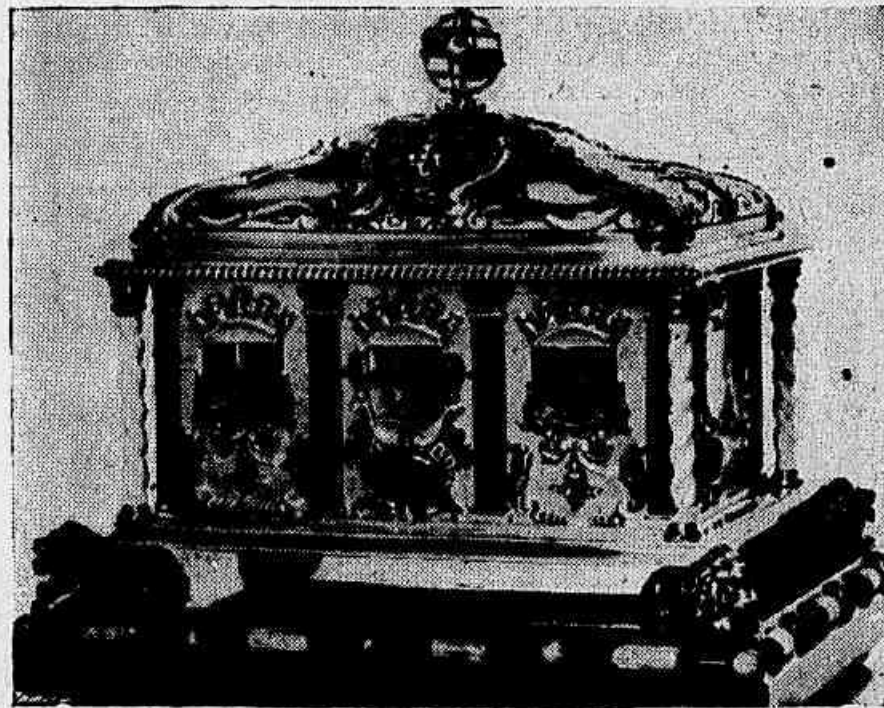
O luar repetido em face desigual,
Meu duplo descobre a golpes de pá
Ó carrêta de nojo, delírio de sal.

Minh'alma desnuda, em fogo proscrita,
Qual dardo em sonho nos afeta a sós...
Terminou-se o balanço, o ser, a escrita

Ó corredores de ócio, terminando em nós.

(Do livro em preparo: «Hora Consumada»)

O ESTOJO DOS «LUSIADAS»



ESTE é o precioso estojo do exemplar dos «Lusiadas» oferecido ao sr. Getúlio Vargas pelo presidente de Portugal, general Craveiro Lopes. Foi portador dessa preciosa reliquia literária o escritor Gilberto Freyre que recentemente visitou aquele país. Este cofre, de forma retangular tem a toda a volta, enquadros na decoração cinzelada, os escudos das oito províncias ultramarinas, em prata esmaltada, com as coroas murais em ouro da Guiné. Por baixo de quatro desses escudos, estão cravadas outras tantas pedras de jade, enviadas expressamente de Macau, por avião. Embebidas na prata e separando os escudos entre si, estão oito colunas de tartaruga, originárias de S. Tomé, com bases e capiteis de prata. A tampa do cofre assenta sobre quatro colunas de mármore vindo de Moçambique, com bases e capiteis em ouro da Guiné, e é encimada por uma esfera armilar, em ouro. Abaixo da esfera armilar e de cada lado da tampa, vão dois escudos de Portugal, de ouro esmaltado, sendo as quinas com diamantes de Angola. Ferrado com pele de caracul de Angola, o cofre assenta sobre quatro leões de prata e foi executado pelos dezessete melhores artistas da Casa Leitão.

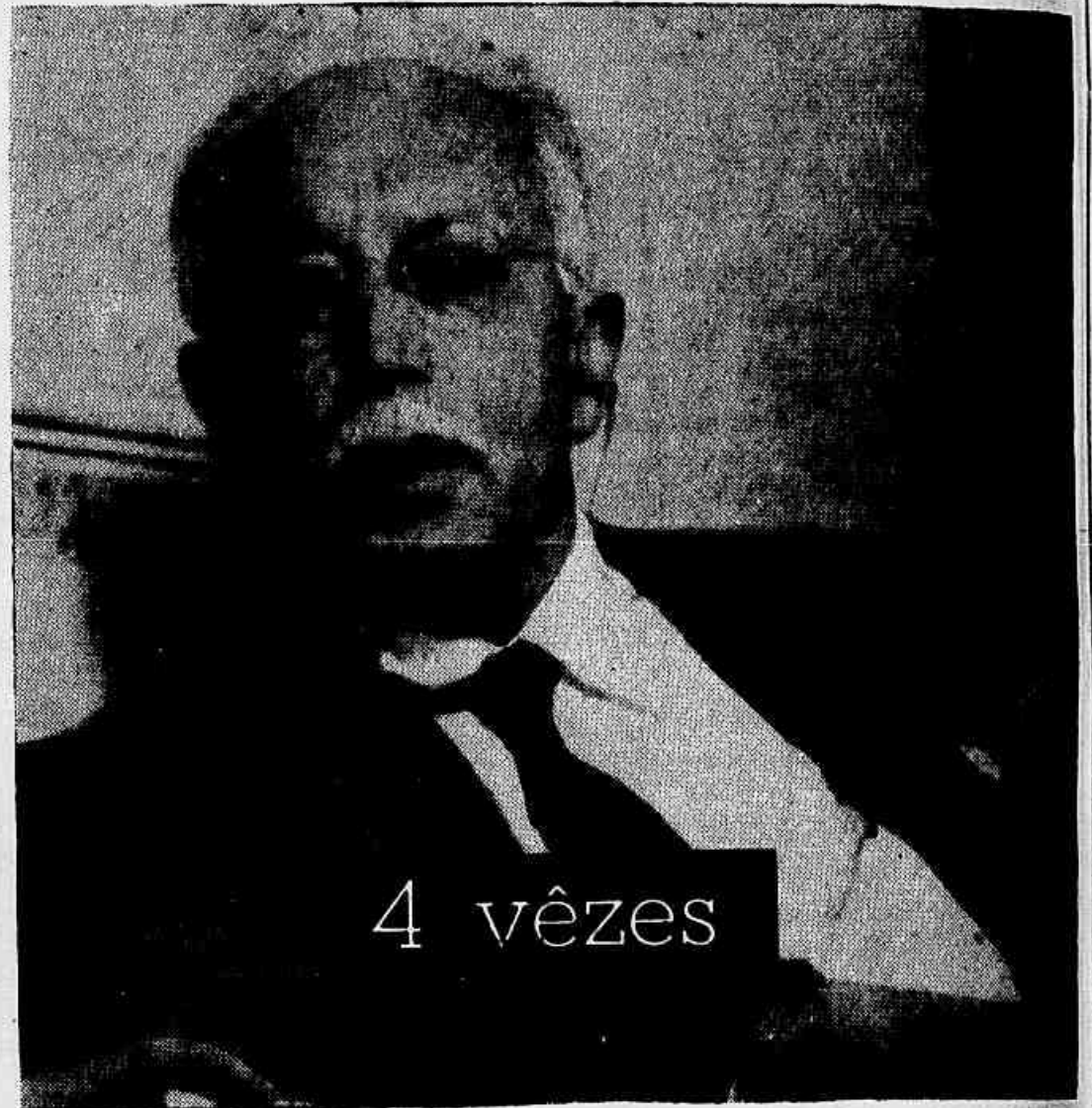
DESFILE AO MICROFONE

ALGUNS CAMPEÕES DA TRIBUNA DA CÂMARA, EM 1951 ★ A ÚNICA MULHER NA CÂMARA É A QUE FALA MENOS (DA TRIBUNA): A DEPUTADA IVETE VARGAS ★ O SR. FLORES DA CUNHA É ORADOR TÍPICAMENTE GAÚCHO ★ O SR. RAUL PILA, LÍDER PARLAMENTARISTA, SÓ FALOU DUAS VEZES ★ QUEM DÁ OS RECADOS EM JARGÃO COMUNISTA: SR. ROBERTO MORENA



117 vezes

O LÍDER DA MAIORIA, Sr. Gustavo Capanema, foi um dos campeões da tribuna, em 1951, a que subiu 117 vezes. Para ele, a oratória não vale um grão e seis vinténs. Sua função, porém, o obriga a entrar em fogo mais do que deseja.



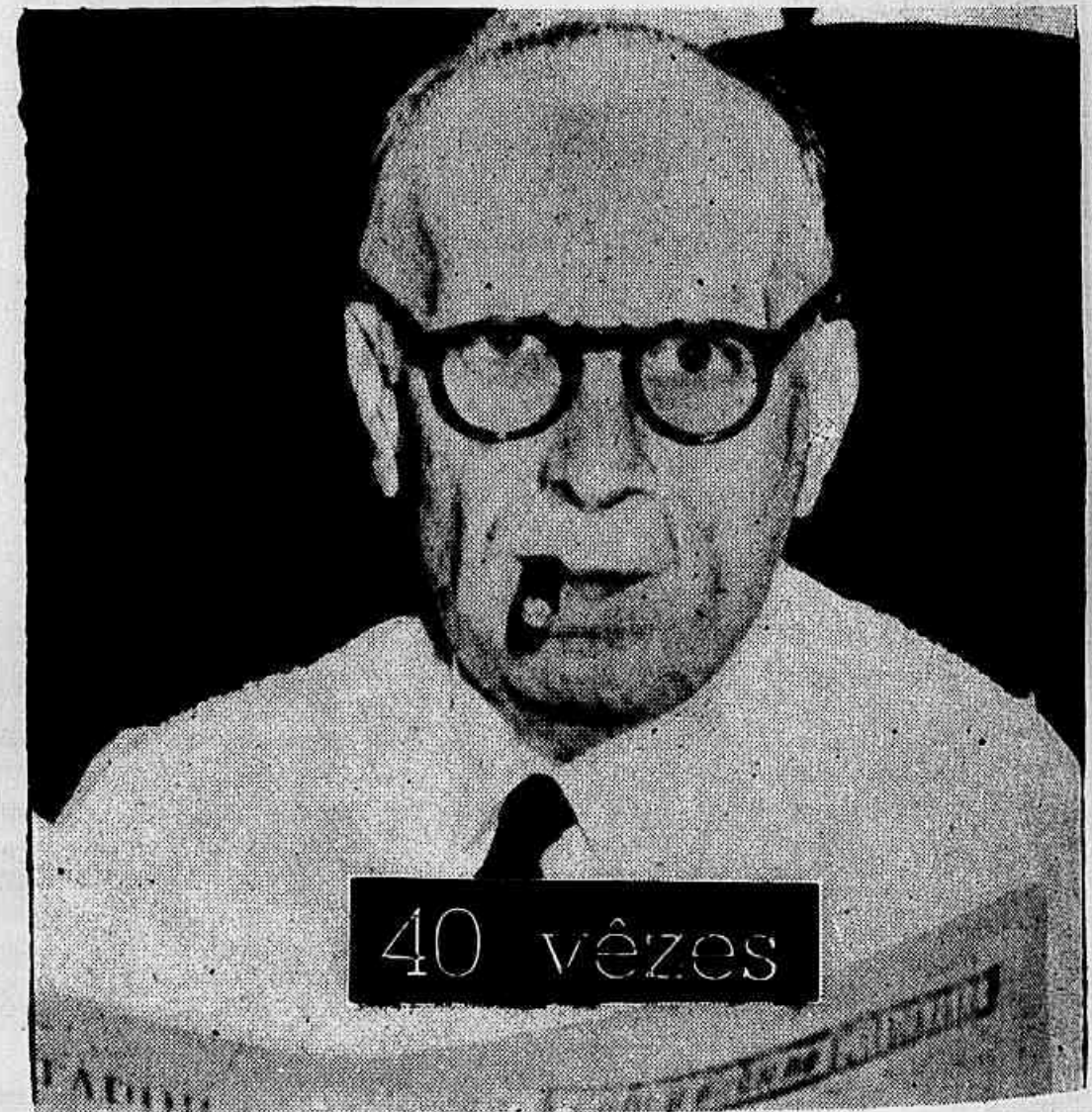
4 vezes

REPRESENTANTE ÚNICO de um partido que só tem expressão no seu Estado natal, o Sr. Raul Pila (PL-R. G. do Sul) dirige a batalha parlamentarista. Apesar da pertinácia com que advoga o sistema de gabinete, só falou quatro vezes.



56 vezes

O SUB-LÍDER DA MINORIA, Sr. Afonso Arinos de Melo Franco (UDN-Minas), falou da tribuna, 56 vezes. Homem de formação humanística, o deputado mineiro é argumentador sério e temido, a despeito de manter correta compostura, parlamentar.



40 vezes

O SR. FLORES DA CUNHA (UDN-R. G. do Sul) é um dos mais dextros oradores e seu domínio da tribuna não é prejudicado pela veemência de temperamento. Há quase 40 anos exprime a velha tradição gaúcha no Congresso. Falou 40 vezes.



83 vezes

A VERBOSIDADE BAIANA tem sua expressão no Sr. Allomar Baleeiro (UDN-Bahia), antigo debatedor de assuntos jurídicos e financeiros. Foi um dos recordistas em 1951, subindo à tribuna 83 vezes. Professor universitário, expõe como um catedrático.



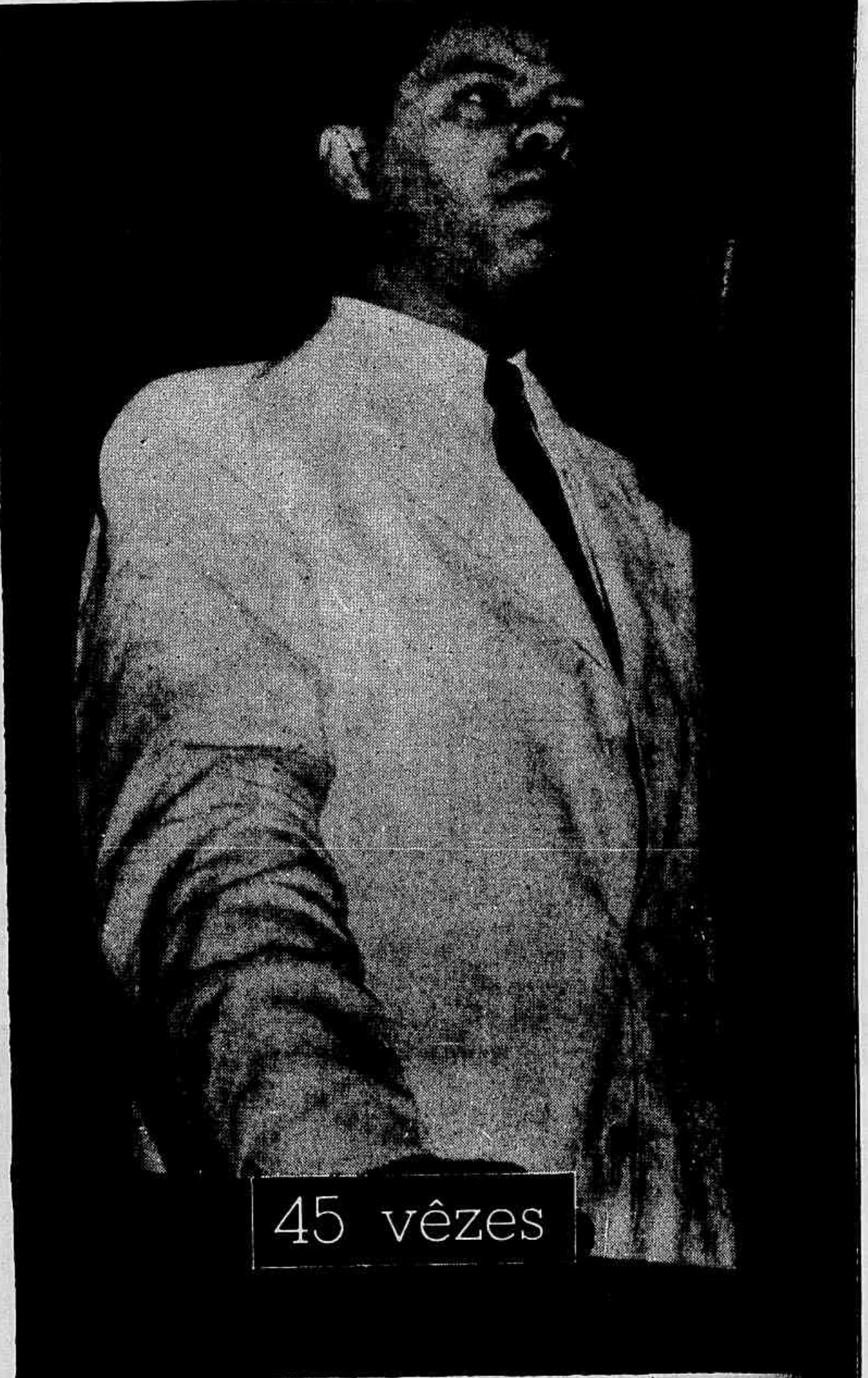
2 vezes

UM POETA — O SR. MENOTTI del Picchia, que muito tarde trocou as letras pela política. Aqui o vemos com seu fardão de acadêmico, lendo um discurso no "Petit Trianon". É orador sem pretensões, que lê scasseadamente. Falou duas vezes.

O Diário do Congresso Nacional recém-publicou a relação dos deputados que ocuparam a tribuna, no recinto do Palácio Tiradentes, durante o ano de 1951. Em referência a cada um indicava as sessões em que havia falado, o assunto de que se ocupara, a data da publicação oficial do discurso. Um quadro vivo da oratória na câmara baixa do nosso parlamento. Deputados há que subiram mais de cem vezes à tribuna, contadas as ocasiões em que falaram mas nada disseram, em que fizeram demagogia barata, em que pediram um voto de pêsames ou de congratulações. Há também, naturalmente, os que têm expressão própria, oportunidade no dizer e comedimento na linguagem: os que observam a verdadeira tradição parlamentar.

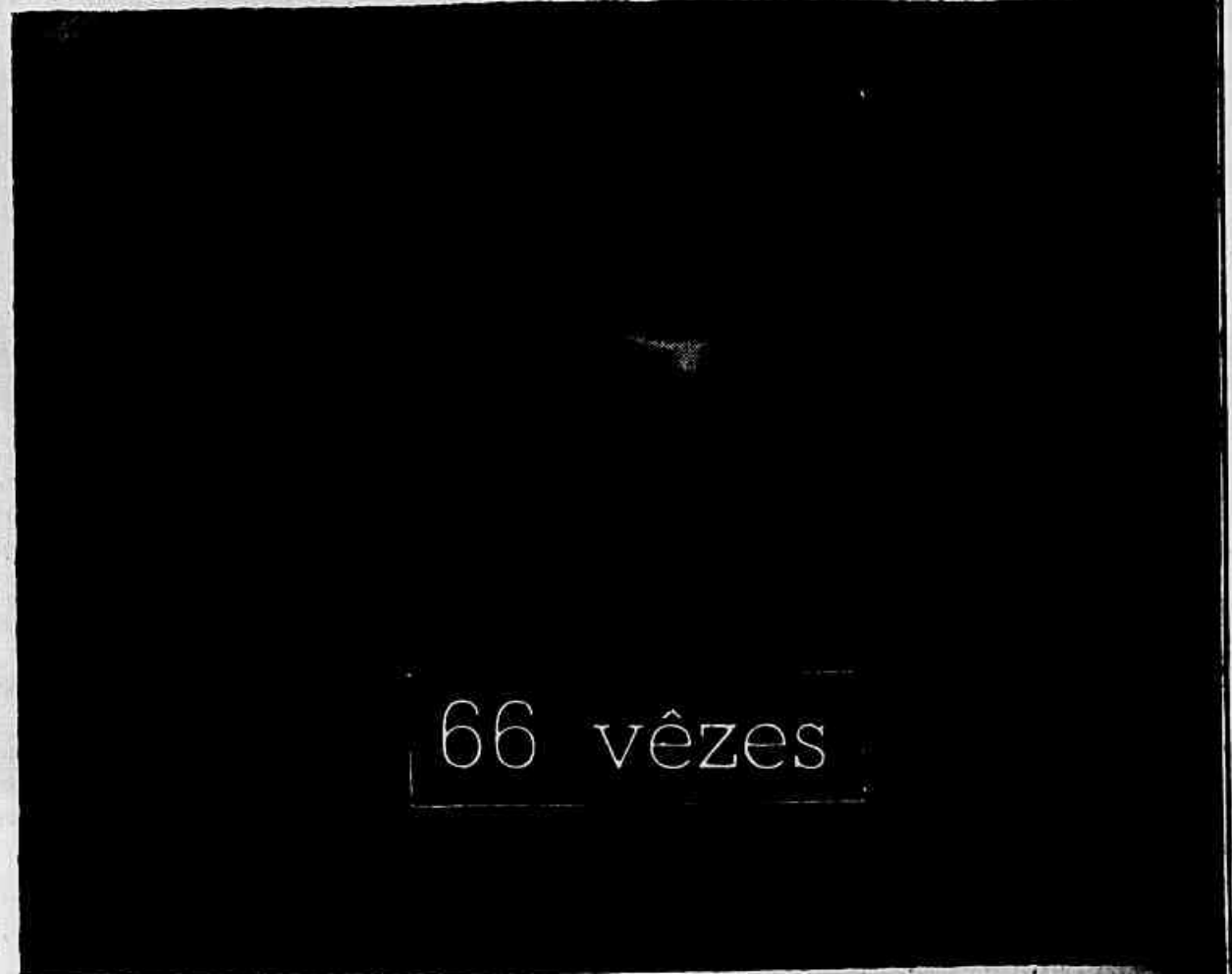
Nas câmaras de todo o mundo um pequeno grupo tem o comando político das discussões e votações na casa. Outro pequeno grupo, que às vezes se confunde com o primeiro, revela maior ascendência mental. Nesses grupos se encontram os homens de verdadeira vocação política e parlamentar.

(Cont. na pág. 56)



45 vezes

UM DIVORCISTA — SR. NELSON Carneiro (PSD-Bahia), que se tornou conhecido por causa do seu projeto de lei instituindo uma espécie de divórcio no Brasil. Subiu à tribuna 45 vezes, muitas delas para tratar da matéria ainda não votada.



66 vezes

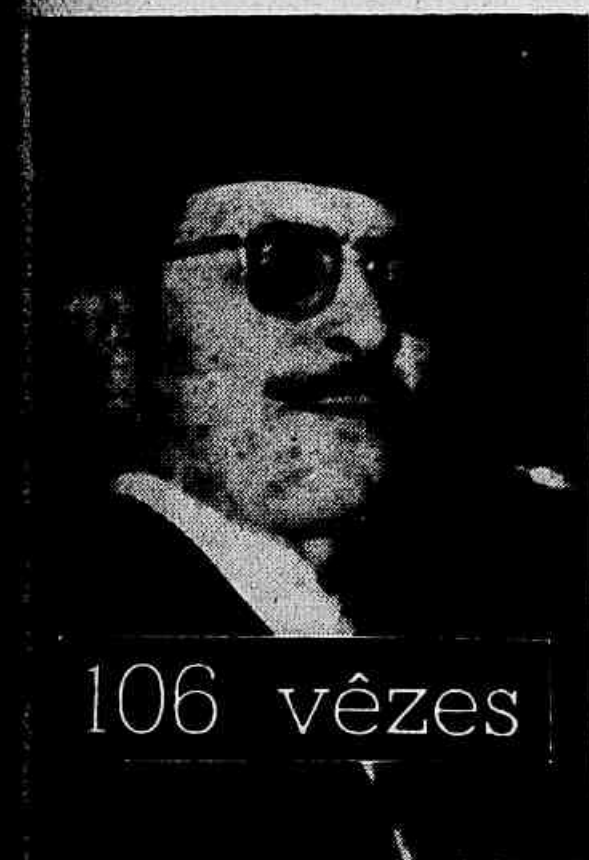
UM ANTI-DIVORCISTA — o Padre Arruda Câmara (PDC-Pernambuco), o arremetedor da opinião contra o divórcio, na Câmara. Antigo revolucionário de 30, o Padre Câmara é polemista arrebatado, na tribuna que ocupou 66 vezes, em 51.

DESFILÉ AO MICROFONE



2 vezes

ÚNICA SAIA — SRTA. IVETE Vargas (PTB-São Paulo), sobrinha-neta do Presidente da República, à sombra de cujo nome se elegeu, sendo a única mulher na Câmara. Fala pouco (podem crer), ao menos na tribuna, que usou apenas 2 vezes.



106 vezes

LANGACEIRO, BANDIDO, HERÓI, de quem se tem sido chamado o Sr. Tenório Cavalcanti (UDN-Est. do Rio). É um homem simples e de poucas letras, mas de grande vivacidade no debate. Falou 106 vezes da tribuna da Câmara, e está incluído entre os campeões de 1951.



88 vezes

ODEPUTADO VERMELHO — Sr. Roberto Morena, (PRT-Distrito Federal) que foi marceneiro de profissão. Ocupa a tribuna com a conhecida algaravia comunista, feita de banalidades e palavras-de-ordem. Levou seus recados à tribuna da Câmara, 88 vezes em 1951.

MULHERES . . .

(Cont. da pág. 6)
Agora, Tânia e Jovita anunciam o término do primeiro filme, prometendo, logo em seguida, outro, cujo enredo já foi escrito por Jovita. Elas não temem as grandes companhias concorrentes e se arriscamos alguma pergunta maliciosa, que envolva capitais e maiores meios materiais, elas respondem, simplesmente: «Vá ver o filme. As bilheterias responderão sua pergunta e os críticos também».

CONTINUIDADE DE AÇÃO

A «equipe» acredita no novo método de escolha e seleção de valores da tela e acham-no melhor do que a colocação, frente às câmaras, de câmeras gastos pelo rádio e pelo teatro. «Pelo menos, aqui, — costumam dizer — ensinamos os futuros artistas desde o começo, suprimindo, de pronto, seus vícios de representação».

No edifício onde funciona a companhia é grande a afluência, durante a noite, de aspirantes a testes. Vemos então, o desfile de moços e moças, cantores, conjuntos típicos, etc., que buscam uma «beirinha» no celuloide.

Os artistas que veremos no filme em foco são, em sua maior parte, comerciantes que, durante o dia, continuam a exercer, normalmente, suas atividades, dirigindo-se aos estúdios após a janta, onde ensaiam ou filmam.

Grande parte da película foi realizada ao ar livre e as cenas interiores em locais, previamente, solicitados, como «boites», clubes, etc.

A obra das duas moças vale pelo esoticismo com que enfrentam a arrojada empresa, pela confiança que têm em sua realização e pelo descaso com que escutam os comentários dos que não acreditam no cinema nacional. São de parecer que não é preciso apenas dinheiro para a realização de um bom filme, mas, também, técnica, conhecimentos, bons intérpretes, e, acima de tudo, trabalho de equipe, de colaboração.

ESPECTATIVA

Em São Paulo, pouco ou nada se sabia a respeito de «Estrada da Vi-

da», e agora, que as primeiras notícias surgem na imprensa diária, já a expectativa envolve não só os que acreditam no cinema patricio, como também as demais companhias bandeirantes, cujo número vem crescendo desmesuradamente, fazendo os céuticos dizerem que, ante a recente lei que obriga as salas de projeção a passar 1 filme nacional para cada oito importados, a corrida de aventureiros sem escrúpulos toma vulto, pois, dessa forma os lucros são certos e líquidos, porquanto 50% da renda das películas será canalizado, diretamente, para a algibeira do produtor.

Falando-se, então, a respeito da presente película o escândalo é maior, pois há quem não acredite nas mulheres atuando em cargos de tanta responsabilidade, como o de produtoras e diretoras cinematográficas. Contudo, espero que Tânia e Jovita não me desapontem, pois já fiz uma reportagem sobre mulheres que têm profissões de homens e as desempenham corretamente. A «equipe» terá que mostrar ao Brasil se «braço é braço», mesmo, para não perdermos, cada vez mais, a fé na honestidade dos nossos patricios que são diretores, artistas, cenarista, ou «camera-man».

Tânia e Jovita, as primeiras diretoras e «camera-girl» brasileiras, todavia, prometem sérias surpresas para os cineastas do país, afirmando que tudo sairá bem e que muitos dos nomes lançados nesse primeiro filme já têm seus lugares reservados, para brilhar na nascente constelação cinematográfica brasileira. Será?...

Ao publico

O sr. Oswaldo de Castro Oliveira, que se tem apresentado como agente desta revista no interior de Minas e Bahia, não é e nunca foi nosso representante.

UMA PARTIDA DE "POCKER"

(Cont. da pág. 8)

cado pelo inglês, triplicado pelo jovem, quadruplicado pelo inglês, quintuplicado pelo argentino, sextuplicado pelo inglês! Com uma quadra de azes jamais poderia bater em retirada o filho da loira "Albion"! Dessa forma acumulouse, sobre a mesa, verdadeira fortuna. Tanto passageiros como detectives acorreram ao insólito espetáculo. Conhecido como eterno perdedor, longe de suspeitas o argentino. O inglês é que era olhado desconfiadamente pelos policiais. Em dado momento o rapaz, que fazia cara de sofrimento disse:

— Pois bem: não me é mais possível aumentar a aposta. Mas pago o valor da mesa atual, para ver!

Triunfalmente o britânico atirou à mesa os quatro ases. Inchou o peito sorrindo, certo de ter esmagado o sul-americano. Este, já com um sorriso sob os bigodinhos bem aparados, exibiu o seu jôgo!

Dentro do petrificado silêncio que se seguiu, embolsou calmamente os vários milhares de libras esterlinas e levantou-se, agradecendo a todos.

Mais tarde os detectives de bordo bateram à porta da cabine do inglês: — O sr. já está marcado, "mister". Tentou um golpe e saiu-lhe pela culatra. O castigo veio a cavalo. Quis roubar e perdeu. A inocência valeu. Tome cuidado que nos navios desta linha o sr. jamais poderá jogar "pocker" com quem quer que seja! Boa noite!

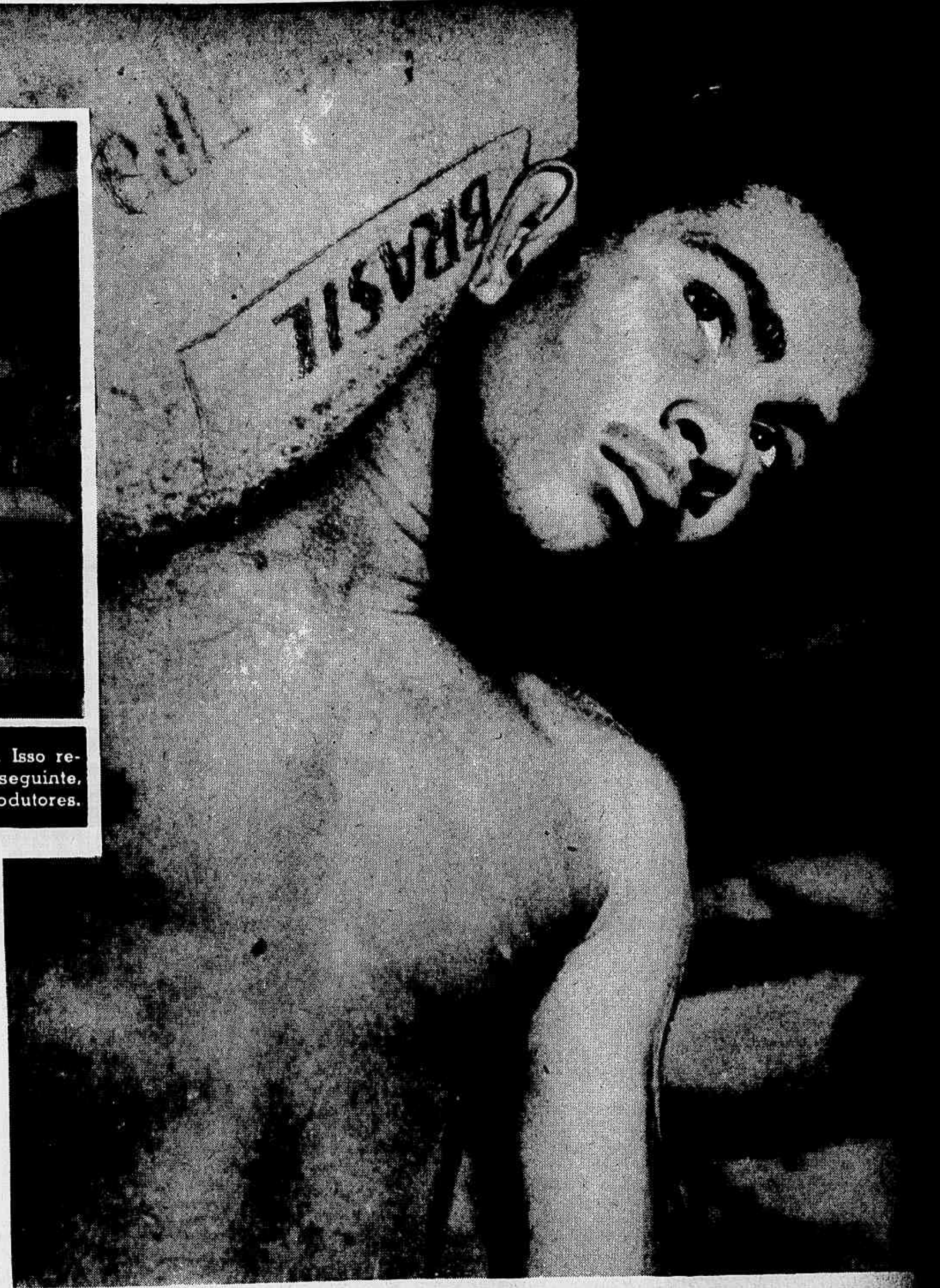
★

Tal a raiva do pobre e fleugmático inglês que na manhã seguinte o encontraram morto por um golpe apoplético!
(IPA)

ABRAM ALAS!



SACOS E MAIS SACOS. amontoados. Isso representa capital parado, e, por conseguinte, desestímulo aos comerciantes e produtores.



SESENTA QUILOS DOBRAM A CABEÇA do carregador de sacos, nos armazéns. Os ombros já estão calejados. Quanto arroz já passou sobre esse corpo, destinado aos pratos do povo das capitais?

O ARROZ E O FEIJÃO PEDEM PASSAGEM

A questão do abastecimento do Distrito Federal está sendo convertida em caso de polícia, antes de surgir uma solução prática e racionalmente econômica. E, nesse plano, a gente vai encontrando por aí e acolá os doutores do «ouvi dizer» pontificarem:

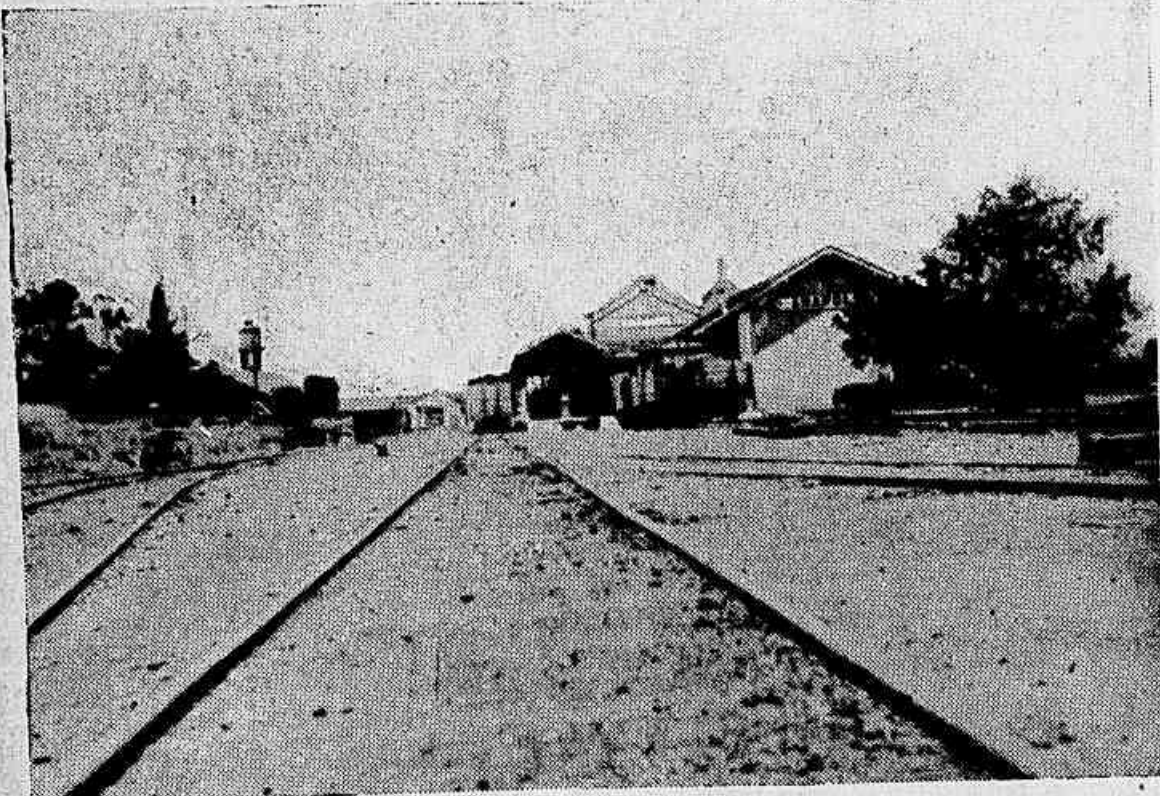
— Não há outro jeito senão o Brasil aumentar a sua produção. Braços para a lavoura. Braços, braços, braços!...

Todavia, vale a pena examinar se, de fato, antes de tudo faltam ao país apenas braços, como alavanca propulsora da produção rural.

A COMIDA DO CARIOCA TAMBÉM ESTÁ EM GOLÁS ★ UMA QUESTÃO ECONÔMICA QUE SE CONVERTEU EM CASO DE POLÍCIA ★ UM SACO DE CEREAL LEVA MAIS DE SEIS MESES DO CENTRO DO PAÍS À METRÓPOLE ★ A FALTA DE TRANSPORTE DESESTIMULA UMA REGIÃO ★ UM PEQUENO EXEMPLO DE UM GRANDE PROBLEMA

Texto e fotos de JOSÉ ASMAR

Num dia desses, em que os jornais pingavam algumas notícias sobre o apodrecimento de cereais no Brasil Central, o repórter tomou um avião, às 5,25, e, às 10,15 horas, após uma escala em Belo Horizonte, descia em Anápolis, no meio do Estado de Goiás. O transporte, como vê o leitor, foi rápido. E, mais rápido, foi na volta: gastamos, em voo direto, 2,45 horas! Mas isso, com o repórter, como aconteceria a qualquer pessoa. O mesmo, porém, não acontece com um saco de arroz ou de feijão, que tem de vir rolando em ferrovias ou em caminhões.



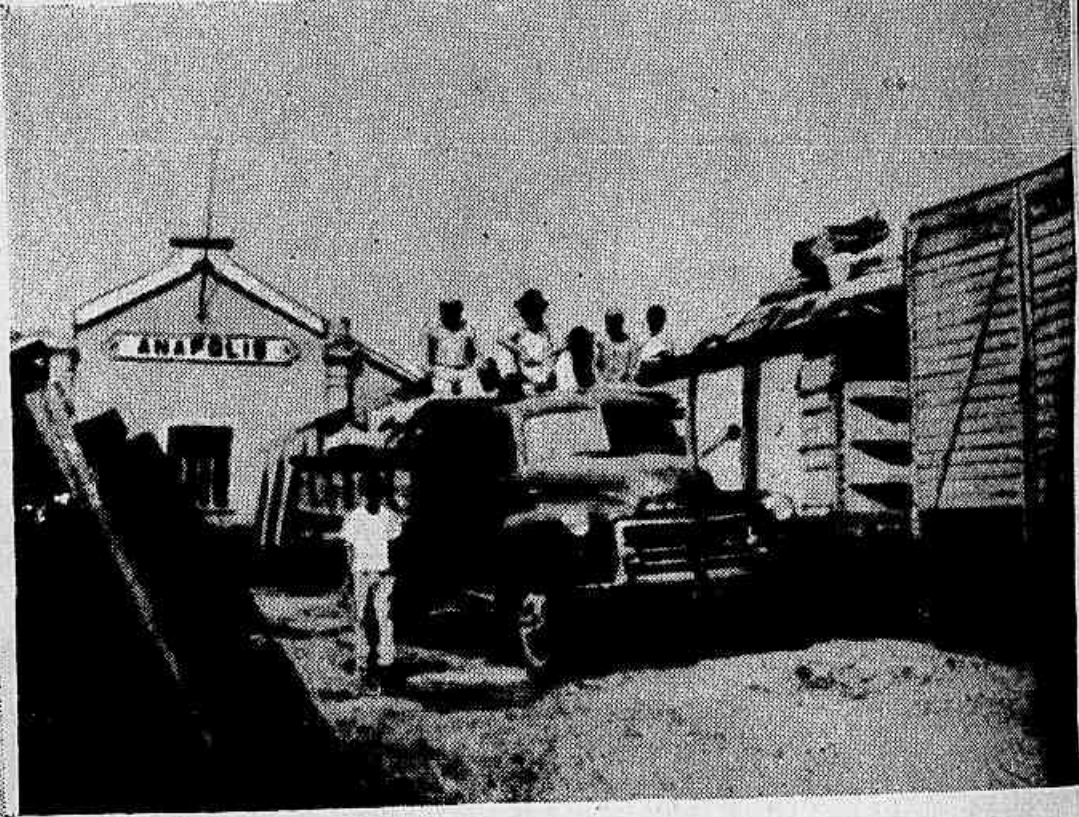
TRILHOS VASIOS E ARMAZENS ABARROTADOS é o que se observa em Anápolis. Lá estão milhares de sacos de cereais do paulista e do carioca, à espera dos vagões que aparecem míngua e insuficientes para as necessidades



GALINHAS GOIANAS COMEM O ARROZ que podia estar nos lares e restaurantes do Rio ou outro centro consumidor. A sacaria não coube no interior dos armazéns, cujo stock atual (resto das safras de 1950-51) vai a cerca de 500 mil volumes



«GAIOLAS» DE GADO servem para carregar cereais, na ferrovia goiana. Têm as partes laterais abertas, mas possuem cobertura. Os cerealistas, também em Goiás quem não têm cão caça com gato



VEÍCULOS AGERTOS estão sendo usados, para transportar cereais na Estrada de Ferro de Goiás. A mercadoria é coberta com uma lona. As vezes, chuva tudo fica estragado

FONTE PRODUTORA

A vida comercial de Anápolis é intensa. E' de lá que vem muito do cereal que o carioca, diariamente, consome, sem ter tempo de perguntar de onde procede. A safra atinge o «climax» em abril. Os armazéns se entopem e os sacos acabam sendo amontoados nos quintais. Várias máquinas beneficiam o arroz, o café e preserva-se o feijão do caruncho. E' um trabalho insano, após o ciclo do lavrador, que pode ser resumido assim, sem os detalhes do

drama do caboclo: a queima da gleba, em agosto; espera da chuva, em fins de outubro; a capina, em novembro ou dezembro; e, em seguida, o plantio dos grãos na terra generosa, sem revitalização artificial. O lavrador não tem qualquer financiamento bancário. Quem lhe dá o dinheiro, para que o devolva em espécie, é o cerealista, que arrisca a sorte adquirindo mercadoria sob a seguinte angústia: fica sem saber se o produto vai ser ridiculamente cotado ou se a Estrada de Ferro de Goiás lhe vai fornecer menos vagões do que no ano passado.

Sucede que em abril os cereais vêm para a cidade. Os caminhões roncam pelas estradas (menos de meia dúzia consideradas boas), quebram peças, estouram pneus — mas os cereais chegam ao destino. As máquinas funcionam ininterruptamente, a custo, muitas delas, de geradores a óleo, desde que a energia elétrica é, também, insuficiente. E' nesse período que devia começar uma outra luta: a do cerealista conseguir vagões, para exportar a mercadoria. Entretanto, a luta não começa nesse período. Há um decênio que ela já começou e tornou-se crônica, sem tréguas, com as «pororocas» das safras, isto é, o encontro de restos da safra de 1941 com o bruto da de 1943, o de restos da de 1950 com o bruto de 1951. Este ano, a história se repetirá. E muitos sacos são botados fora, porque os gêneros, perecíveis como os homens, morreram, apodreceram, tornara-se imprestáveis.

483 QUILOMETROS COMPRIMIDOS

Vamos ver, agora, se a redenção econômica do país depende, simplesmente, do aumento da produ-

ção. Esta reportagem, que a REVISTA DA SEMANA apresenta, foi empreendida num centro onde o problema, apesar de grave, não é tão complexo e faculto um exame fácil.

Constatamos, então, que o lovrador, com o crédito na mesma ordem da pintura abstracionista, vindo à sua própria custa e agindo sem técnica — produz alguma coisa que dá para o abastecimento regional e sobra para exportar. Pois bem. Quando chega essa hora de exportar, aquilo que estava ruim se torna pior. A Estrada de Ferro de Goiás tem, de Anápolis a Araguari (já no Triângulo Mineiro), 393 quilômetros, aos quais, desde 1951, se acrescentaram mais 90 (de Goiânia a Leopoldo da Bulhões), São, portanto, 483 quilômetros. Um saco de cereal embarcado em Anápolis ou Goiânia, todavia, não carregado por toda essa extensão. As vezes, quando vai ser baldeado para a Rede Mineira de Viçosa pára em Goiandira. Ocorre que do território goiano a São Paulo, se tudo correr bem, o saco levará quase um semestre! Nesse interim, o consumidor deve admitir que a mercadoria já passou a custar quase o dobro do preço originário, por causa dos fretes da produção ao cerealista e os juros do capital em patado.

Ainda há pouco, a Associação Comercial do Rio de Janeiro ouvia de um dos seus membros a revelação de que o feijão e arroz destinados aos cariocas estavam retidos em Goiandira, no Estado de Goiás, há mais de seis meses! Imagine-se que, para romper uns duzentos e poucos quilômetros (até aquela cidade), essa mercadoria já experimentara outro grande atraso...

CONTRIBUICAO VOLUNTARIA

Nº 6357

TANCADO

1951

K. da via deverá ser entregue a parte.

UM DOCUMENTO DA ANARQUIA BRASILEIRA: o talão da «contribuição voluntária» de que se fala nesta reportagem

O FEIJÃO E O ARROZ PEDEM PASSAGEM

DISCUTEM DENTRO DE CASA

As queixas e lamúrias dos exportadores goianos ficam mais dentro de casa. Não saem do Estado. O repórter encontrou a classe preocupada e teve até de ouvir uma consulta como essa:

— Você tem coragem de publicar o que ocorre? A coisa se tornou, inegavelmente, mais deplorável. Parece que dizer a verdade, em muitos pontos do país, vai sendo demonstração de coragem.

E explicaram-me por que, mais tarde:

— O próprio diretor da Estrada de Ferro de Goiás, o capitão Mauro Borges Teixeira, filho do governador Pedro Ludovico, agrediu, armado, um jornalista daqui, em represália às críticas que fez à Estrada.

A entidade de classe se reuniu. A Associação Comercial, Industrial e Agro-Pecuária de Anápolis expôs ao repórter, nessa ocasião, a realidade:

— Ainda restam, na praça, para embarque, quinhentos mil sacos de cereais. Com a deficiência do fornecimento de vagões da Estrada de Ferro de Goiás a Anápolis, a praça já remeteu para Goiânia, por caminhões, cerca de 40.000 volumes, na esperança de lá encontrar meios disponíveis. Entretanto, essa providência aumentou quase oito cruzeiros por sacco.

— E se despachassem por caminhões, para São Paulo ou Rio?

— Tivemos de fazer isso, com 95% do nosso café. Toda a produção de algodão e parte do arroz e feijão. Ficou 120% mais caro.

Observou-se que mesmo se a Estrada de Ferro de Goiás fornecer uma média de seus veículos diários (com a capacidade de 400 sacas cada), até o fim de março, não reduzirá em cem mil da massa retida. Quer dizer, restarão 400.000 sacos para se juntarem à safra de 1952.

Em Goiânia, informaram-nos de que os armazéns locais ficaram lotados e que a direção da Goiás iria

determinar a suspensão de embarques de mercadorias procedentes de Anápolis.

A FLUIDEZ DOS TOTAIS

A diretoria da Estrada de Ferro de Goiás expôs, de público, a situação: dispõe de menos de duzentos vagões. As locomotivas são deficientes e insuficientes. E, em 1951, logrou obter uma vantagem de apenas 11,32% nos transportes. Deslocou 264.558.043 de toneladas. Se, no entanto, fizermos uma pequena divisão, teremos que pouco mais de 734.610 toneladas foram carregadas, por dia!

E, coisa interessante, deve-se ater a um fato significativo: ultimamente, a necessidade de escoamento tem sido tamanha que se lançam mão de gaiolas, destinadas ao gado em pé, a fim de transportar os cereais. Até pranchas, abertas, se incluem como recurso!

AUMENTO DE 20% NAS TARIFAS

Os exportadores, acossados pelos compromissos assumidos e desejosos de mandar para fora as mercadorias, cujos conhecimentos passaram a ser negociáveis enquanto os volumes se retêm na praça de origem, fizeram um acôrdo com a direção da Estrada de Ferro de Goiás: aquiesceram em pagar, sobre as tarifas, uma taxa de «contribuição voluntária» de 20%, com a condição de a Estrada fornecer 300 veículos por mês.

De acôrdo com a revelação do próprio diretor da ferrovia, em 25 dias (janeiro) forneceram-se somente 160 veículos.

E, DAQUI A DOIS ANOS...

O Estado de Goiás é um campo aberto para a lavoura, para o comércio, para a indústria. Por isso...
(Cont. na pág. 56)



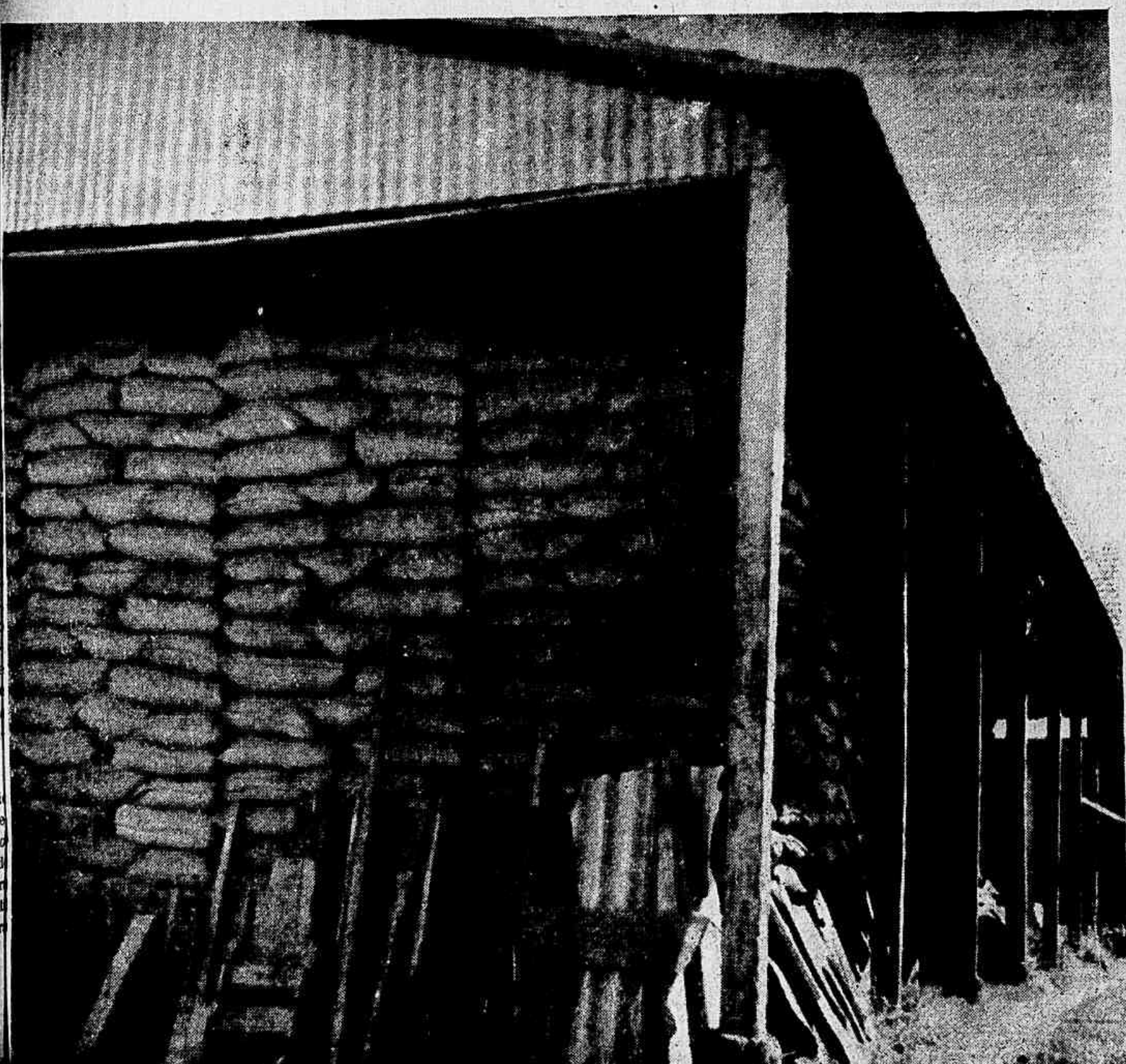
O TRABALHADOR sobe uma escada, que ajitou a custo entre as pilhas de sacos e vai, como formiga, levando a carga que espera escoamento, talvez para daqui a uns meses, ou, quem sabe, um ano, ou nunca!

reais na Estrada
s vezes, chove

STA DA SEMA
n centro onde
tão complexo

dor, com o cré
abstracionista, vi
o sem técnica—
o abasteciment
ois bem. Quan
quilo que estav
Ferro de Goiás
o Triângulo M
desde 1951, se
oldo da Bulhões
m sacco de cere
a, todavia, não
As vezes, quan
lineira de Viaç
território goian
sacco levará qu
consumidor deve
ou a custas quas
causa dos frete
os do capital em

Comercial do E
membros a reve
tinados aos carto
ra, no Estado de
agine-se que, par
quilômetros (at
já experimenta



ESSE ARROZ FOI adquirido pelo Banco do Brasil. As pilhas se levantam ao tempo, no quintal de um armazém em Anápolis, à espera de condução para atenuar o abastecimento do Distrito Federal



Insatisfeita

Novela de
IRENE TEMPLE-BAILEY

(RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA)

MARY BALLARD, órfã de pai e mãe, vivia em grande casa acastelada em companhia de suas tias Frances e Isabelle Para fazer face às despesas, ela resolvera, à revelia das tias, alugar um dos cômodos a um senhor funcionário público, que vivia só. No dia do casamento de sua irmã Constance, Mary foi mostrar o apartamento na «Câmara da Torre», sendo fechado o negócio. O casamento de sua irmã mais velha deixou Mary desalentada, ficando apenas com seu irmão Barry, mais jovem que ela. Dentre os que pretendiam a mão de Mary havia um moço rico, de nome Porter Bigelow, mas que não era correspondido por ela. Porter tudo fazia para atraí-la; mas Mary não cedia, razão por que lhe pôs o apelido de Mary Rebelde. O inquilino da casa, Roger Poole, começou a apaixonar-se por Mary, em silêncio. Numa festa do «Dia da Graça», ele apareceu na reunião íntima, integrando a festa como um dos convidados, além das pessoas da família. Nessa ocasião declamou um poema e se tornou o centro de todas as atenções. Mary ficou encantada; mas não dava nenhuma demonstração de estar apaixonada por ele. Uma das tias de Mary, Isabelle, solteirona e muito surda, tinha confidências com a sobrinha, e se mostrou interessada no casamento da moça com Porter. Na noite do Natal novamente foi convidado por Roger, mas ele não aceitou. Mary convidou para a Missa do Galo, e novamente ele declinou, agradecido, do convite. Houve uma árvore de Natal e um mundo de presentes. Roger sentia aumentar sua paixão por Mary, mas não se achava com coragem para declarar-se. A diferença de idade era um entrave. Depois do Natal estava sozinho em seu apartamento, com a gatinha Pittiwitz ao colo, enquanto lia um livro, quando Mary pediu licença e entrou. Roger ouviu dela, então, uma novidade sensacional: Mary desejava ser estenógrafa, trabalhar num dos Ministérios. E fora ouvir a opinião de Roger. Mas o inquilino era de opinião que ela devia casar-se, dedicar-se ao lar e não ficar arquivada numa repartição pública. Mary estava seriamente preocupada com a ausência de Barry, e quando soube que um dos seus companheiros de farra era Jerr Tuckerman, ainda mais preocupada ficou. Roger se ofereceu para telefonar para o Country Club, procurando comunicar-se com o irmão de Mary. Esta aceitou; mas quando Roger ia telefonar, chegou Barry, descendo Mary para recebê-lo. Levou-o ao seu dormitório e ficou a meditar do lado de fora sobre certas atitudes de seu irmão. Roger viu assim, lá de cima, e adivinhou o quanto aquela moça estimava o irmão mais moço. Leila e Delliha foram com Porter, Mary e o general Dick assistir a um exercício de cavalaria e evoluções de artilharia. Quando Barry se encontrou a sós com Leila, declarou seu amor. Entretanto, a moça, que havia descoberto em casa de Delliha uma fotografia dele com dedicatória amorosa, mostra-se decepcionada e confessa sua desilusão. Mas Barry lhe explica que a fotografia fora enviada a ela e não a outra. Por engano de uma empregada nova é que se deu a confusão. Leila se enche de alegria. Mas o amor entre ambos é coisa secreta. Barry, porém, revela-o à irmã Mary, e esta procura Roger Poole para ouvir sua opinião, mas sem esclarecer de quem se tratava. Roger se oferece para ir buscar Barry, que está ausente de casa e do trabalho, sem ter dito nada a ninguém. Mary não sabe como agradecer tanta gentileza de Roger Poole. Este vai «descobrir» o fugitivo, que está ao lado de sua doce amada, Leila, numa praia de banho, em companhia do general, seu pai. Roger leva Barry para passar uns dias no campo antes de trazê-lo de volta a Washington, inclusive Porter Bigelow. A irmã de Mary também volta, com seu esposo, Gordon. Então este reconhece em Roger Poole um antigo colega de colégio. Roger confessa que se dedicara à vida religiosa, tendo dirigido uma igreja evangélica; mas depois, abandonara as ordens. Roger acha que terá que confessar a Mary esse episódio de sua vida, antes que lhe fosse narrado pelo seu cunhado. Está naquela mesma noite a contar a sua história quando Porter Bigelow intervém e convida Mary para, com outras pessoas da família, darem um passeio de carro. Chama Roger, mas este agradece e não aceita. Mary não esconde o seu desapontamento. Mas sorri para Poole e lhe diz que, noutra ocasião, ouvirá o resto da história. Não tendo sido possível contar a Mary a sua história, resolveu escrever-lhe uma carta. Depois que Mary leu a carta de Poole, vestiu-se e saiu, dizendo à irmã Constance que ia fazer compras, experimentar vestidos e pagar algumas visitas. Mas, em verdade, foi ajoelhar-se na igreja que frequentava desde sua infância. Ali está em meditação durante largo tempo, pensando na carta de seu inquilino. Mary convidou Roger Poole para tomar chá em sua companhia, mas eles dois a sós. Ali, entre lírios ocreos e num ambiente romântico, conversam durante mais de uma hora. Mary conduziu a palestra no sentido de Roger voltar às suas funções como pastor de uma igreja. Mas ele parecia resistir, embora estivesse adorando as sugestões e a força de fé que a jovem possuía. Logo que chegaram outras pessoas, ele quis retirar-se, mas Mary pediu que ficasse. E quem mais sentiu o impacto foi Porter Bigelow. Quando Mary procurava encher de álcool o fogareiro para fazer mais chá, este incendia e as chamas ameaçam queimá-la. Há gritos e corre-corre. Mas quem a salva em tempo é Roger Poole, que, num segundo, abafa, apagando as labaredas. Mary teve apenas os cabelos chamuscados num cacho ao lado do rosto e rendas destruídas de seu vestido. O problema de Barry vem à baila e ela discute o assunto com seu cunhado Gordon, o qual não parece aprovar os amores do rapaz com Leila. Por sua vez, Mary percebe que Gordon não via com bons olhos qualquer tentativa de Roger para entrar na família, casando-se com Mary. A jovem, se bem que não esteja apaixonada como o inquilino, parecia querer ajudá-lo a sair daquele isolamento. A carta de Roger a Mary terminava comunicando que descobrira, numa família de camponeses, um menino de grande vivacidade, embora analfabeto, e que iria ser instruído por ele. Em casa de Mary a situação se inclinava para separar Barry de Leila. Gordon propusera levá-lo para Londres, onde lhe daria emprego. Apesar de ter concordado com sua viagem para a Europa, Barry lude a vigiância dos seus e foge com Leila, casando-se com ela. Leila também finge que vai passar uns dias em casa de uma amiga em cidade próxima a Washington, engana o pai e se une com um Barr, mantendo o caso em segredo, até que o jovem faça a confissão sensacional ao general seu sógro. Barry estava arrependido do passo que dera e procurava agora conseguir que sua esposa permitisse que ele fosse embora com Gordon, mas guardando o segredo de seu casamento clandestino. Quando ele voltasse, então, tudo seria revelado e se uniriam. Leila estava repassada de paixão e cal nos braços de seu pai, que não pode adivinhar o que está acontecendo. Nesse interim, Constance dá à luz uma menina e estão todos da família e demais pessoas íntimas reunidos no castelo de Mary para o batizado.

O otimismo persuasivo de Mary Ballard levava sempre às naturezas mais fracas o senso de verdadeira realização. Ouvir ela dizer: «Você pode fazê-lo», era como se já estivesse feito. Pela primeira vez em sua vida Barry reconheceu isso. Até então ele sentia uma espécie de irritação quando Mary procurava intervir em sua vida, ditando-lhe a conduta. Naquele instante, porém, o rapaz se sentiu empolgado pelo entusiasmo de Mary, cuja fé se transmitia ao espírito dele e era como se lhe desse asas para voar.

— Crê, você, que eu seja capaz?

Havia nos olhos de Barry um vago clarão de esperança.

— Eu estou certa disso, meu querido.

Mary se inclina e o abraça.

— Mary, tome conta de Leila, eu lhe peço — e, depois, em voz baixa: — Eu penso que cometi uma levianidade, Mary, uma loucura.

— Não pense mais em nada. Não é preciso. Passe a pensar, de agora em diante, Barry, em seu regresso victorioso. Ai então, como os sinos repicarão com o seu casamento!

Mas naquele instante o pobre rapaz estava pensando num outro casamento sem sinos, numa Leila vestida num simples vestidinho amarelo, naquela louca noite enluarada de março!

E tornou:

— Tome conta dela, Mary, prometa-me!

— Sim. Prometo...

Quem ia officiar era o bispo, que chega acompanhado de mais alguns velhos amigos da família. Quando Barry e Mary galgaram novamente as escadas, encontraram Susan Jenks, que vinha com a correspondência. Mas havia apenas uma carta para Mary, que a abre imediatamente, lança-lhe um rápido olhar e sai apressadamente, como se tivesse as nas nos pés. Porter, que a olhava lá de seu lugar, ficou chocado diante daquela agitação de Mary, pelo seu contentamento súbito. Como estava linda com suas faces rosadas e seus olhos brilhantes!

Com tudo em ordem para o ato batismal, com o número regulamentar de padrinhos e madrinhas, a pequenina Mary-Constance Ballard Richardson recebeu oficialmente seu nome. Durante a cerimônia, Leila estava sentada ao pé de seu pai, as mãos nas mãos dele. Naqueles últimos dias a pobre moça estava cada vez mais agarrada ao velho soldado. Quando ela retornou a si, depois daquele chlique na biblioteca, ao retirar-se Barry, o general lhe perguntou impressionado:

— Minha querida, que há com você?

Mas a moça apenas tornou a gritar:

— Papá! Papá!

E chorara amargamente entre seus braços. Mas não revelou o segredo. Seu casamento com Barry permanecia incógnito. Disse ao velho que estava naquele estado nervoso porque o noivo lhe dissera que ia mesmo para

o estrangeiro, e ela ficara com o coração despedaçado.

O general falou sobre o assunto a Mary.

— Minha querida, — disse ele — que será de minha Leila quando Barry partir?

— Ela se sentirá melhor quando diante do fato consumado, e nós procuraremos consolá-la, mudando-lhe as idéias.

Contudo, naquele dia, depois da cerimônia do batismo, Mary se interrogava a si mesma se havia dito a verdade. Que significação teria a vida para Leila depois que Barry se ausentasse para tão longe por tanto tempo? Sua própria vida sem Roger Poole era das mais vazias. Com pesar ela estava na contingência de admitir, Constance, o bebê, Porter nada mais eram do que sombras. Roger era a substância. A troca de cartas entre eles havia mostrado a Mary uma profundidade que até então ela desconhecia. Comparando com Porter Bigelow, Mary reconhecia que este jamais poderia dizer as coisas que Roger sabia dizer. Porter jamais pensaria como Roger Poole.

Entretanto, enquanto aos olhos do mundo era Roger um homem vencido e Porter triunfante, não havia dúvida que as qualidades de Porter eram mais negativas do que positivas. Com todas as oportunidades que a vida lhe oferecia, não limitava ele o horizonte de sua existência à conquista do prazer e ao seu amor por ela? Roger havia renunciado seu dever para com o próximo entregando-se ao esquecimento de si mesmo. Porter esquecia o próximo por pura indiferença.

Assim, com o pensamento entre dois pólos, Mary tendia para começar a batalha em favor do menos favorecido. Roger a desejava sem pretender nada. Porter a desejava pretendendo obter tudo. Recentemente, Porter manifestava sua impaciência em face da demora de Mary a seu respeito. Por isso, exigia cada vez mais estar ao seu lado e tê-la em sua presença. Ele não deixava de dizer-lhe coisas que ela não desejava ouvir, mas que ele repetia pelo fato de ter Mary procurado evitar. Ela sabia que Porter alimentava esperanças sobre assunto que jamais poderia suceder; mas, pelo silêncio que Mary mantinha, ele continuava dando corpo a tais esperanças. Ficava, pois, com ela, o trunfo num jogo para que coubesse a Mary a cartada final, pondo-o fora do baralho e despachando-o para longe.

A amizade entre um homem e uma mulher em tais circunstâncias se caracteriza pela sua fragilidade, sem nenhuma certeza de duração. Assim, quando um deles casa, o outro tem que suportar a perda. Se um deles se enlaça a outro amor, o outro deve renunciar ao que poderia constituir uma apreciável associação. Como um amigo Mary apreciava bastante a Porter. Ela o conhecia desde garôta. Entretanto, ela reconhecia que recebia tudo dele e nada lhe dava em retribuição, e certamente Porter tinha direito de esperar da vida alguma coisa mais do que isso.

Mary suspira e se aproxima de um pequeno «bureau» onde pega na gaveta que recebera das mãos de Susan, a gaveta pelo correio da manhã. Ela sabia que, no instante em que ela velasse o conteúdo dessa carta, ela assumiria o caráter de drama. Mas que ela fizesse as coisas com calma a revelação tomaria o efeito de uma bomba. Mary achava que seria preferível começar o caso por Porter. Quando ele voltasse para o jantar,

ela lhe di
tendo esta
se e desce
Porter a
Onde eles
duplo leir
com tulipa
côr de am
nova. Del
gumas flor
bava de c
aproximou
quanto ele
tando-as
— Como
dade, Mar
— Eu m
— E' p
hoje me c
sinceramen
— Semp
vê-lo.
— Mas
mentira e
por estar
Rebelde!
A jovem
— Não
nas lhe
não me l
— Talv
radioso?
— Tive
— De
— De
— Que
Era o
dê-lo.
— Um
o que eu
Porter
fuso.
— Não
o que vo
— Uma
Uma car
velope.
Ela peg

ela lhe diria a novidade. Mary, já tendo estabelecido seu plano, vestiu-se e desceu para o térreo.

Porter a foi encontrar no jardim. Onde eles estavam havia agora um duplo leirão de jacintos alternados com tulipas. O céu estava límpido, cor de ametista, onde se via a lua-nova. Deixando sobre o banco algumas flores perfumadas que ela acabava de colher, logo que Porter se aproximou dela, Mary se ergueu, enquanto ele lhe tomava as mãos, apertando-as a exclamar:

— Como você tem o ar de felicidade, Mary!

— Eu me sinto feliz!

— E' porque me tens aqui? Se só hoje me disse isso, parece que o diz sinceramente.

— Sempre me senti contente de vê-lo.

— Mas você não vai pregar-me uma mentira e dizer que está feliz apenas por estar eu em sua presença, Mary Rebelde!

A jovem sacudiu a cabeça.

— Não estou mentindo. Se eu apenas lhe dissesse coisas gentis, você não me levaria a sério.

— Talvez. Mas... por que esse ar radioso?

— Tive boas notícias.

— De quem?

— De um homem.

— Que homem?

Era o ciúme que começava a mordê-lo.

— Um homem que concordou com o que eu lhe pedi.

Porter estava completamente confuso.

— Não atino, absolutamente, com o que você quer dizer!

— Uma carta chegou esta manhã. Uma carta adorável em grande envelope.

Ela pegou um papel entre as folhas

de uma revista ilustrada que estava sobre o banco, ao seu lado.

— Leia-a — disse com calma.

Porter obedeceu, e, à proporção que avançava na leitura, mais pálido ia ficando, a ponto de parecer de cal o seu rosto contrastando com os cabelos de fogo.

— Mary, — gemeu ele — por que fez isso? Você bem sabe que eu não deixarei que você complete isso.

— Mas isso nada tem a ver com você, Porter!

— Certo que tenho. E' ridículo! Você não sabe o passo errado que está prestes a dar, Mary! Você nunca esteve ao nível de um púlpito; jamais lutou e combateu contra a multidão!

— Nem você, tampouco, Porter!

— E' verdade. Se jamais fiz isso, foi por minha culpa? Vim ao mundo com a riqueza em torno de meu pescoço e dos meus cabelos vermelhos. Papai me mandou para o colégio. Depois disso ele me colocou nos negócios. Nada mais me restava senão marchar para a frente, e isso eu fiz, pensando em você!

— Sei disso.

Mary tinha doçura na voz. Inclinação para ele, prosseguiu:

— Mas, Porter, muitas vezes, de alguns anos para cá, eu perguntava a mim mesma, se era isso, tudo o que você esperava de nós.

— Tudo?! Que quer dizer?

— Não devemos fazer nenhuma outra coisa pelos outros?

— Que outros?

Mary tinha vontade de falar de Roger e daquele menino, a quem ele encontrava e estava protegendo e educando lá nos pinheirais. Os olhos da

moça estavam iluminados. Mas os seus lábios resistiam ao seu pensamento.

Ele insistiu:

— Que outros, Mary?

— As pessoas menos afortunadas do que nós.

— Mas que pessoas são essas, vamos!

Mary ficou silenciosa durante algum tempo.

— As pessoas que precisam de nós, que precisam que as ajudemos.

— Case comigo e você poderá tornar-se Dona Bondade, a' espalhar a caridade a mancheias!

— Isto não é exatamente a caridade.

Novamente teve ela a visão de Roger Poole e do menino.

— Sucede que o nosso semelhante não tem precisão apenas de nosso dinheiro. E' necessário também que nós compreendamos os outros.

Ele não percebia nada do que Mary estava a dizer. Não a seguia em seus pensamentos.

— Pensar que você tenciona lançar-se na luta pela vida e trabalhar! Diga-me: por que motivo fez isto?

— Porque tenho necessidade de exercer minha atividade. Em nossos dias, uma moça, cujos recursos financeiros são limitados, é tão inútil para a sociedade e para si mesma. Salvo se ela tem ocupação produtiva.

— Você não pode julgar-se, de maneira nenhuma, como uma moça inútil, Mary! Ouça-me, ouça-me! Eu preciso de você, querida. Conservei-me tranqüilo durante um ano, Mary!

— Porter, isso que você imagina, não é possível.

Então veio à tona a pergunta que,

desde muito lhe queimava os lábios:

— Há um outro homem entre nós?

Ao fazer-lhe esta pergunta o pensamento de Porter voou para Roger. Que representaria Roger Poole para ela? Que significaria esse homem diante de Mary? Ele já declarara uma vez que nada tinha a esperar daquela moça, nem ela a esperar dele. Seria, talvez, a palavra definitiva dele, ou entre ambos restaria alguma esperança?

— Mary, é Roger Poole?

Os olhos de Mary fixaram-se nos de Porter. Brilharam como duas estrelas.

— Porter... Não sei responder.

Ele recebeu as palavras da jovem em silêncio. Ficava triste e sombrio. Na beleza do crepúsculo de maio, o pequeno garoto de bronze ria ao amor e à vida.

— Você lhe pediu alguma coisa, Mary?

— Não. Não estou certa de que ele deseja desposar-me. Da mesma forma também estou em dúvida se deseja casar-me com ele. Sei apenas que isso é diferente.

Era bem de Mary essa maneira franca e direta de explicar-se.

— Não há homem que a conheça sem ter desejo de desposá-la. Mas, que pode ele oferecer-lhe? Oh! Isso é absurdo!

Ela o enfrentou com os olhos inflamados de paixão.

— Não há nada de absurdo, Porter. Que pode um homem oferecer a uma mulher além do seu amor? Oh! Eu bem sei que vocês, os homens, pensam que, quando têm dinheiro... E' isso mesmo. Sim... ambos vocês me amam, e dão como prerrogativas os seus méritos de homens, e eis tudo!

— De acôrdo. Eu pretendo fazer praça de meus méritos.

O temperamento de Porter se firmava.

— Pretendo fazer praça de meus méritos. Posso oferecer-lhe um passado limpo, um futuro de dedicação, e isso vale alguma coisa, Mary. Nos anos que vierem, quando você conhecer melhor os homens, saberá então que isso vale alguma coisa!

— Eu bem o sei — diz ela com a mão sobre a dele. — Isto vale enormemente. Mas eu não quero casar-me com ninguém.

(Cont. na pág. 44)

Tradução de **RENATO DE ALENCAR**
Ilustração de **JERÔNIMO RIBEIRO**



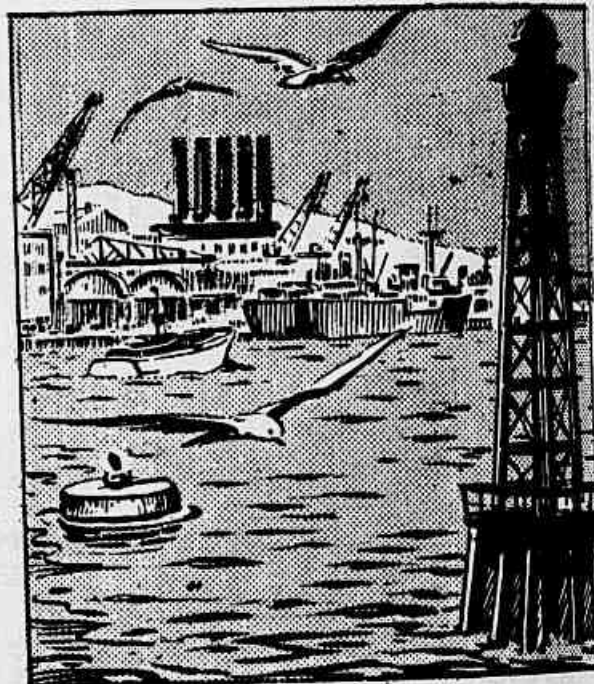
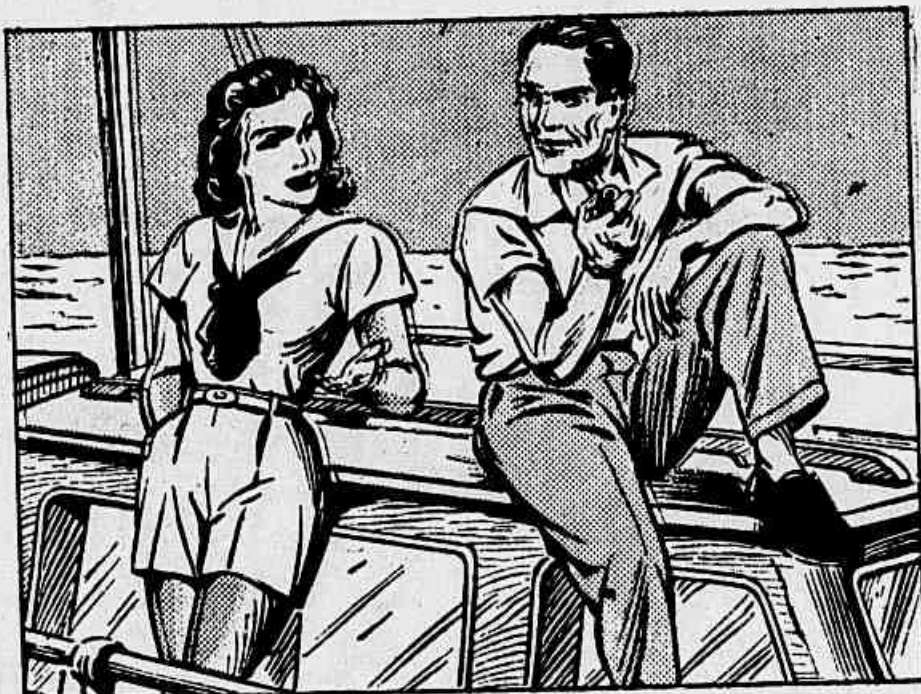
AVENTURAS DO CAPITÃO ROB

O IMPÉRIO CELESTIAL



13 As moças voltaram à praia em companhia de Rob, pois era provável que o mar houvesse levado à costa alguma coisa do barco afundado. E tinham razão. Destroços de seu casco estavam na areia. Súbito viram êles que a ilha era habitada. Dois indígenas levavam às costas alguns pedaços

de madeira. Rob, apesar de deplorar a perda de seu querido "Liberty", estava satisfeito por estar a salvo, e com possibilidades de comprar outro. Seu cão começou a andar nervosamente para um lado e para outro. Que seria? Era que o "Skip" havia achado o cachimbo de seu dono e, gaiatamente, o mostrou.



14 Tudo continuava muito bem a bordo. Um dia passou por êles grande navio-tanque. Era preciso abastecer-se de óleo, e o "Pandora", acostando ao navio, recebeu suprimento suficiente. Marga, uma das jovens, vendo que Rob continuava triste, pediu-lhe que tivesse esperanças, pois seu pai ia iniciar ser-

viços de construção naval. Era especializado em construção de lates, tendo mesmo, um de sua firma, levantado prêmios de velocidade. Marga, a moçada do "Pandora", encheu de esperanças o coração do Capitão Rob. Naquele mesmo dia, a lancha entrou no pôrto onde morava o grande construtor naval.



15 Logo que desceram a terra, Marga levou Rob à presença de seu pai, Mr. Morris, fazendo a apresentação. Morris lhe apertou a mão cordialmente e declarou que já o conhecia muito de nome. Veio à baila o perigoso caso do Professor Lupardi, e Rob contou que, infelizmente, estava agora sem

barco para navegar por êsses mares. Mr. Morris, então, responde que isso era o menos. Ele construiria um novo late a seu gosto. Leva-o ao seu gabinete de trabalho e os dois examinam vários desenhos, tendo Rob escolhido um tipo de veleiro para substituir o seu saudoso "Liberty". A sua vida melhorava...

RES
sado
corro
juven
lhes c
moça

16 Est
qu
nome Ch
tos um

17 T
se. A
querian

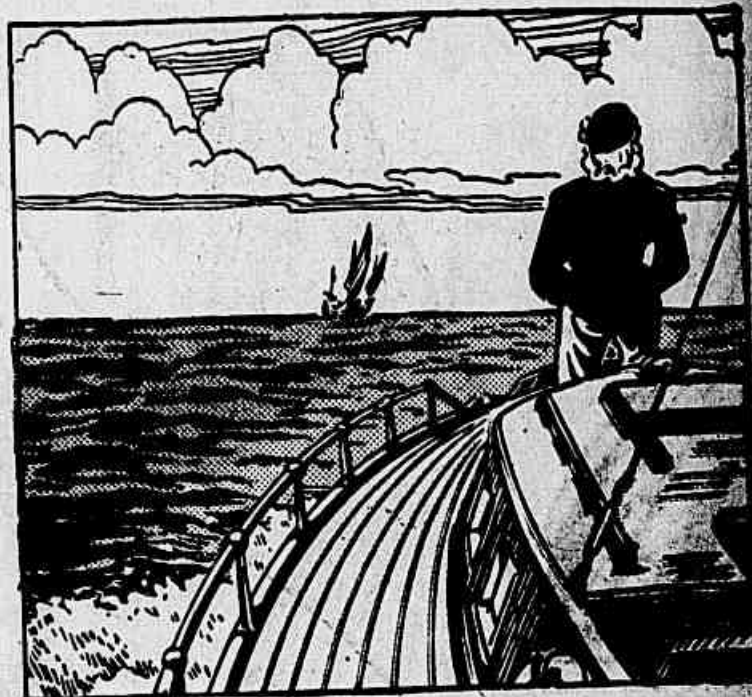
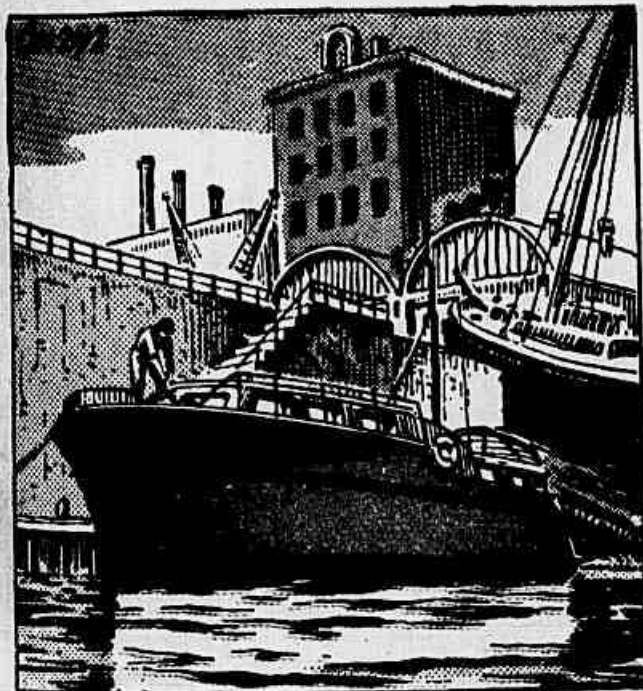
18
bonito
sinal

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — O Cap. Rob, em viagem pelos mares do Pacífico, em seu iate "Liberty", é acossado por tremenda tempestade e naufraga em costa desconhecida, alcançando a praia com o seu cão "Skip". Em seu socorro correm duas esportistas na lancha "Pandora", que encontraram o capitão ainda desfalecido. Marga e Willy, as duas jovens, uma loura e outra morena, depois de apresentarem, levam Rob para bordo da lancha e ali o navegador solitário lhes conta suas aventuras. A bordo do "Liberty" trazia Rob um baú com um tesouro que pertencera a certo pirata, e as moças decidem retirá-lo do fundo do mar, o que conseguem. Rob segue com elas e Marga o apresenta a seu pai.



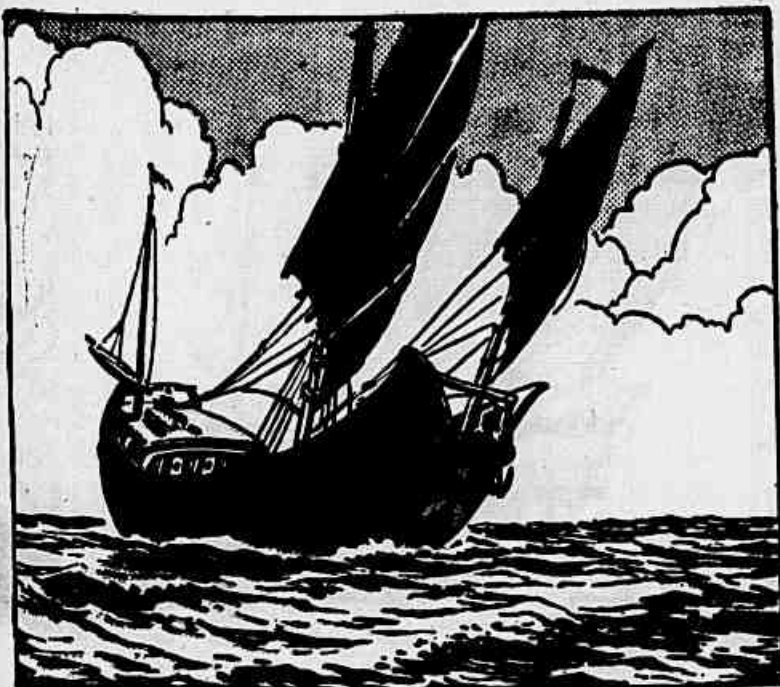
16 Estava Rob relaxando-se de seu naufrágio e descansando um pouco, quando Marga lhe apresenta um rapaz chinês, estudante de direito, de nome Chung Chi. Diz Marga que o chinês estava interessado em certos assuntos um tanto misteriosos, na China, para onde havia ido um seu colega,

havia já seis meses. Esse colega havia escrito uma série de artigos sobre contrabando. Mas com grande surpresa, tinha desaparecido e não mais se soubera dele. Esclareceu Chung que um seu tio era pessoa de recursos e conhecia o assunto de contrabandos. Então Rob se uniu a eles para uma aventura.



17 Tudo acertado, "Pandora" foi aprestada para uma longa viagem. Desta vez, além de óleo e abastecimentos, levava armas leves para defender-se. A sugestão fôra de Rob. As duas moças, Marga e Willy, a lourinha, não queriam aceitar a lembrança; mas Rob lhes mostrou que era preciso, uma

vez que iam navegar por mares perigosos e sem lei. Todos os dias, Rob olhava prescrutando os horizontes. Ele sabia que aquela zona era perigosa. Havia juncos chineses de pirataria. Uma manhã, foi avistado um barco de feição oriental. Rob aproou o "Pandora" para ele e todos ficaram na expectativa.



18 Quando a lancha se aproximou do barco chinês, Rob não pôde conter uma exclamação admirativa diante do perfil do navio oriental. Era muito bonito. Willy içou ao mastro do barco a motor uma bandeira convencional de sinais internacionais, para que os tripulantes do junco entrassem em contato

com os navegantes do "Pandora". Pelos traços, o navio oriental parecia pertencer à frota do tio de Chung Chi. De bordo do junco responderam aos sinais e o navio desceu as velas e lançou âncora. O Capitão Rob, homem experientado e prático, jamais se descuidava e ficou de sobreaviso. Não confiava muito,

APELIDOS

O homem buscou sempre dar vazão a seu conteúdo ao mesmo tempo de maldade, ternura e bom humor, apelidando os semelhantes. Ora uma alcunha ingênua e engraçada, divertindo aquele que a pronuncia, quem a suporta e quem a ouve; ora uma denominação afetuosas, partida do coração: *meu bem, filhinho*; ora um epíteto injurioso, que escorre do fígado: *burro! cara de cavalo!* e outros menos familiares, que merecem ser omitidos. Em sua incontida irreverência, a humanidade jamais respeitou mesmo os defeitos físicos, e não têm sido poucos os que passaram pela vida, curvados ao péso duma designação vexatória.

As vês, é o cognome despropositado e sem nexos; não obstante, seu dono a êle se adapta gostosamente, identificado e até orgulhoso, achando que o estranho completivo lhe faltava ao nome e à personalidade. E vivem em harmonia os desarmonizados. Existem *Zés Pequenos* de um metro e setenta para cima e *Nenéns*, masculinos e femininos, dos quarenta anos para lá.

Até pessoas ilustres, até reis, têm sido cognominados. Entre outros, houve *Ricardo Coração de Leão*, *Frederico Barbarroxa*, os *Plantagenetas* e *Pepino*, o *Breve*, casado com *Berta do Pé Grande*.

Ainda não satisfeita, com a alcunha, sua necessidade interior de azucrinar, passa o indivíduo desta para a injúria. Desde os velhos tempos. Não é, portanto, invenção desta atualidade má: é mau vêzo secular. "Cão!" — gritou Aquiles a Heitor e, por ter-lhe Agamenão furtado Briseida, êle também o mimoseou de *ôlho de cachorro*.

A fecunda, mas doentia imaginação do povo colocava imprecções até na bôca dos deuses. Artemis chamou Hera de *cadela rabugenta*. Esta, por sua vez, achava que Afrodite não passava duma *môscã de cão*. Aliás, o honesto e fiel cachorro tem sido vilmente difamado nessas comparações. Os hebreus tachavam de cães os idólatras, e Golias vociferou ante Davi: "Tu me tomas por um cão?"

O homem, para xingar, recorre à Zoologia.

Mesmo no Velho e Novo Testamento, lá estão as difamações. O modesto e tímido São Pedro comparou os falsos doutores a "porca lavada que tornou ao lodaçal". O próprio Jesus... bem, paremos aqui.

Nesta ordem de idéias, vamos contar a história de um apelido. O fato é verídico. Aconteceu numa das cidadezinhas das margens do rio São Francisco. Do ano, já não nos lembramos, nem do nome do lugar.

Antes de prosseguir, fazemos uma afirmativa que, neste momento, pode parecer disparatada; mas não o é. No fim, verificaremos sua plena justeza. É acêrca de um peixe respeitado que infesta aquele rio — a piranha. A piranha possui a dentadura mais injudada e temível daquelas bandas. "Onde piranha bota a bôca, só sai com o pedaço" — diz o sertanejo com receio e razão. O bisturi dêsse animal tem realizado rápidas e desagradáveis cirurgias dentro d'água.

Mas, voltemos aos apelidos. Por causa dêles, já tem havido até mortes. Sim, mortes. Por quê?! Porque muitos mortais os aceitam sem protesto, desprezando o próprio nome próprio, para adotá-los como enfeite onomástico; outros, porém, se zangam. E, quanto mais se zangam, mais o apelido se lhes agarra, como os tentáculos de um polvo, de que o naufrago forcejasse desesperadamente por livrar-se, sem conseguí-lo. Isto, em razão do gozo bem humano, que possuímos, de atenazar o juízo alheio.

Pois, na cidadezinha de nosso caso, existia uma dessas vítimas, crismada na pia popular de — Mané Caroço. Era pescador, chamava-se Manoel e, no rosto, à altura do malar direito, tinha um quisto do tamanho duma azeitona. Com tal "motivo" bem à mostra, não poderia escapar ao escárnio público. Porém, Mané Caroço era esquentado e teimoso: danava-se. Brigava com quem assim o maltratasse, xingava, distribuía murros e descomposturas, puxava da pelxeira.

Um dia, estava êle pescando, com outros companheiros. Jogara a tarrafa e a recolhia com alguns peixes. Abaixa-se, agarra um e mata-o com a clássica pancada; vai a pegar outro, é uma piranha arisca e voraz, escorrega-lhe das mãos enlameadas e salta-lhe ao rosto e arranca-lhe o tumor com certa dentada.

Mané Caroço, no auge da dor, escorrendo-lhe o sangue em bica, gemendo, mãos crispadas à face, exclama num grito lancinante:

— Ó, piranha desgraçada! Antes eu queria que me chamassem Mané. Isto Mesmo!

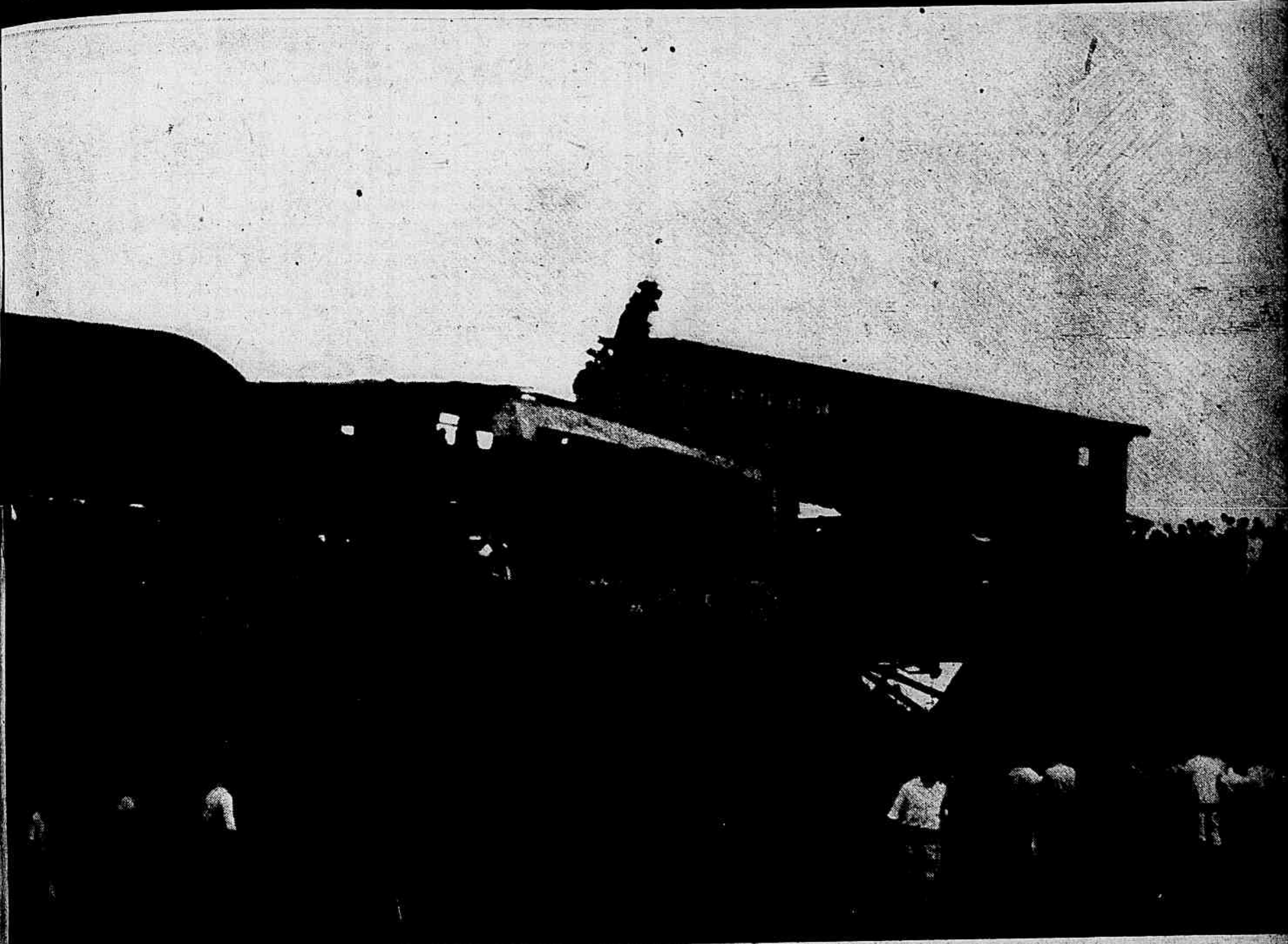
Já é odiar um apelido!

Conto de ROMEU CRUZOE Ilustração OSWALDO da CUNHA



A MORTE ESPERAVA NA PONTE

S
esmo
s se-
indo
uma
; ora
valo!
a in-
s de-
cur-
ante,
ulho-
per-
stem
ascu-
e ou-
a, os
nde.
or de
elhos
mau
Aga-
e ca-
reca-
a ra-
duma
te di-
s idó-
ção?"
es. O
porca
remos
elido.
rgens
o no-
omen-
remos
nfesta
inve-
só sal-
ri des-
dentro
do até
ceitam
otá-los
quanto
áculos
te por
umano,
ítimas,
hama-
n quis-
mostra,
ço era
o mal-
ava da
Jogara
a um e
piranha
-lhe ao
m bica,
ante:
nassem
O
JNHA



ENGAVETADOS SOBRE a ponte sinistra os vagões da composição mineira e do elétrico suburbano apresentam o madeiramento despedaçado e as ferragens reforçadas, atestando a incrível violência do choque

UMA DAS MAIORES CATÁSTROFES FERROVIÁRIAS DO PAÍS EM TODOS OS TEMPOS ★ A MANHÃ FATÍDICA DE SEGUNDA-FEIRA, TRÊS DE MARÇO, NO ALTO DE UMA PONTE ★ OS CURIOSOS E AS TURMAS DE SOCORRO ENCONTRAM UM QUADRO DESOLADOR NO LOCAL DO DESASTRE ★ MOBILIZADAS FORÇAS MILITARES PARA AUXILIAREM AS TAREFAS DE SOCORRO TRÁGICO: 73 MORTOS E MAIS DE 200 FERIDOS

O trem mineiro de prefixo S-3 deixou, no horário, a "gare" da Estação D. Pedro II, conduzido pelo maquinista Januário Felisberto, e às 8,50 corria, em velocidade normal, entre as estações de Anchieta e Olinda. Era uma manhã de segunda-feira, dia 3 de Março.

Vinha em sentido contrário, com destino à Estação de que saíra o S-3, o elétrico de prefixo UM-22, procedente de Nova Iguaçu, carregando, como acontece aos comboios que trazem operários para o Rio, nas primeiras horas da manhã, mais que o dobro de sua lotação.

A viagem, que normalmente começara para uma das composições e que para outra terminava, ia encontrar um trágico fim no justo momento em que os comboios cruzaram, a poucos metros da cabeça da ponte construída sobre o rio Pavuna. E não foi desta vez, como de outras aconteceu, um erro de sinalização que provocou a maior das catástrofes ferroviárias ocorridas nos últimos dez anos no país.



A ORIGEM DO ACIDENTE FATAL: um trilho fraturado. O diretor da Central declarou que a via permanente da Estrada está no limite máximo de desgaste pelo uso. Em gíria carioca: está na última lona

INTERIOR DE UM DOS CARROS SINISTRADOS: a Central transforma seus passageiros em almôndegas e fica por isso mesmo

No ponto indicado — pouco mais tarde se verificaria — um trilho fraturado, em toda sua espessura, abriu uma fenda de cerca de quatro dedos, transposta pela locomotiva elétrica e o carro postal do trem mineiro. Seguiu-se a eles um vagão de carga totalmente carregado que provocou o descarrilamento da composição, atirada com estrépito contra o costado do comboio que corria na linha contrária. O que nesse momento aconteceu pertence ao gênero dos espetáculos inenarráveis. As massas de madeira e ferro, animadas de movimento contrário, destruíram-se numa fração de segundo com a maior brutalidade. Todo o flanco atingido do UM-22 destroçou-se, matando imediatamente os numerosos passageiros que ocupavam os bancos do mesmo lado. Tão imediata foi a morte que assim colhia tantos dos que vinham para as atividades fabris e comerciais do Rio de Janeiro, que uma pobre mulher foi encontrada, sem vida, ainda na tranqüila posição em que foi surpreendida: de pernas cruzadas (v. ilustração nestas páginas). Um jovem, sem paletó, foi achado sem vestígio de sangue no corpo; violentamente atirado contra o encosto do banco, sem possibilidade sequer da defesa instintiva, destroncou a cabeça e morreu no ato, sem consciência do que se passava (foto de página inteira, nesta reportagem).

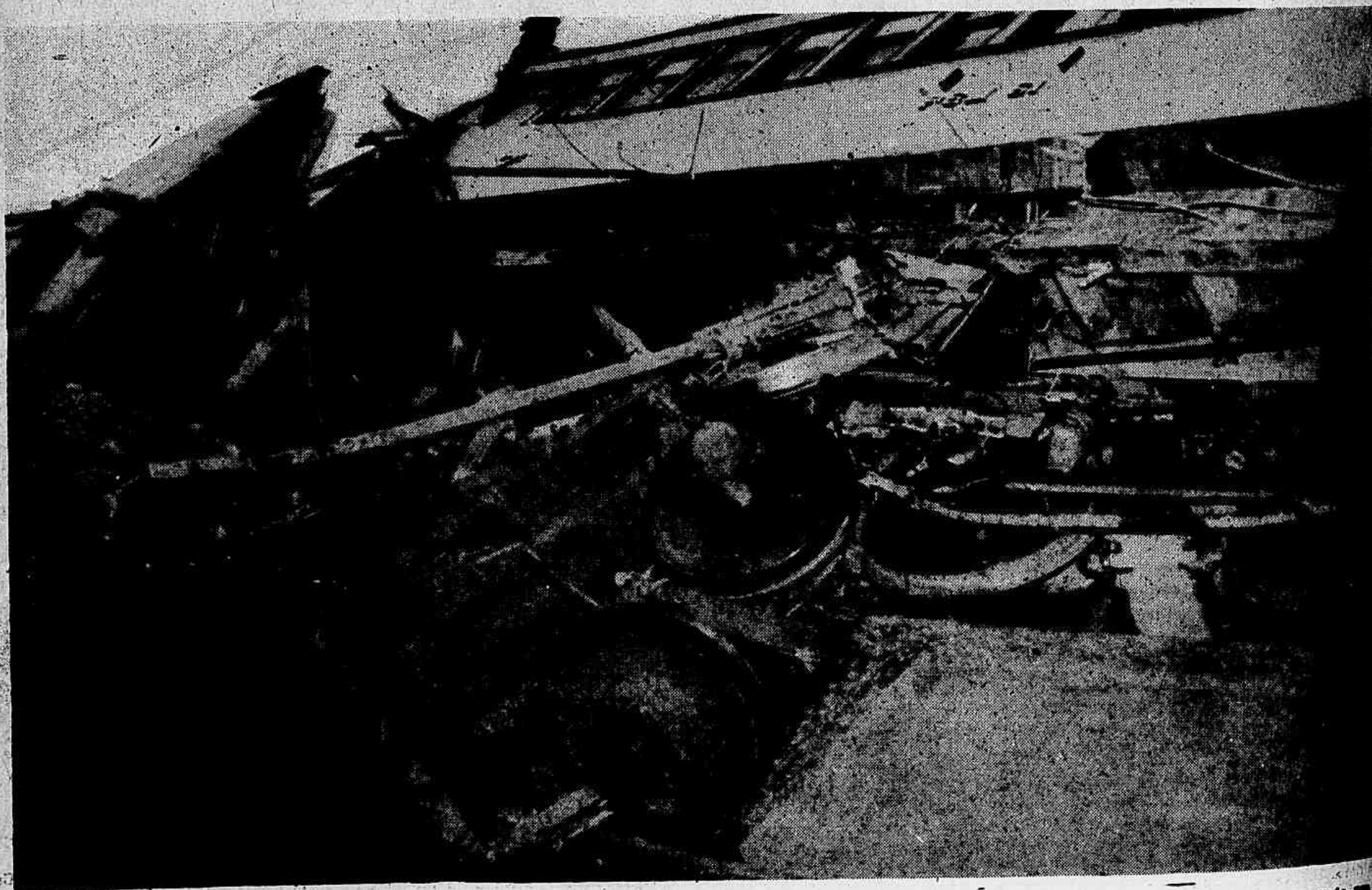
Poucas vezes a morte atingiu tantos seres em tais condições de imprevisão e brutalidade. O horror maior foi dos que sobreviveram, sentindo que debaixo dos pés e sobre suas cabeças o mundo parecia desaparecer como no dia do Juízo Final, em meio a estilhaços de vidro, ranger de ferragens e lascas de madeira que atingiam e feriam seus corpos.

O estrépido ensurdecedor não durou mais que alguns segundos, o tempo de se extinguir a velocidade que impulsionava os comboios. Quando pararam, desabaram sobre os passageiros as últimas peças desprendidas de seus apoios. Mais alguns esmagamentos, mais alguns cortes, e o silêncio se teria produzido na solidão do vale se não começasse a pungente litania dos que sofriam as conseqüências do desastre.

No interior dos carros destrocados muitos se achavam inertes para sempre. Outros, os feridos, a maioria dos quais gravemente, pediam socorro ou gemiam. Fora, também, a morte espreitara muitos dos que procuraram escapar pelas janelas, oferecendo-lhes, metros abaixo da ponte sobre a qual as composições estacionaram, a mortalha das águas cheias do rio Pavuna.

Os primeiros populares e as turmas de socorro que acudiram vieram encontrar a desolação sobre a ponte em que a morte armara uma sinistra toca.

A MORTE ESPERAVA NA PONTE



IMPRESSIONANTE DETALHE de um dos vagões tombados: desordem maior que num depósito de ferro velho. Rodas de aço, correntes, barras, todo material sólido e pesado desprende-se totalmente da carrosseria

FOTOS
tendo e

na sua
ho fra-
dedos,
ro. Se-
o des-
comboio
e ao gê-
adas de
a maior
imedja-
o lado.
para as
lher foi
rendida:
letô, foi
a o en-
oncou a
e página

previsto
debaixo
dia do
mascas de
o tempo
pararam
seus ar-
se feria
dos que

sempre.
o ou ge-
a escapar
as com-

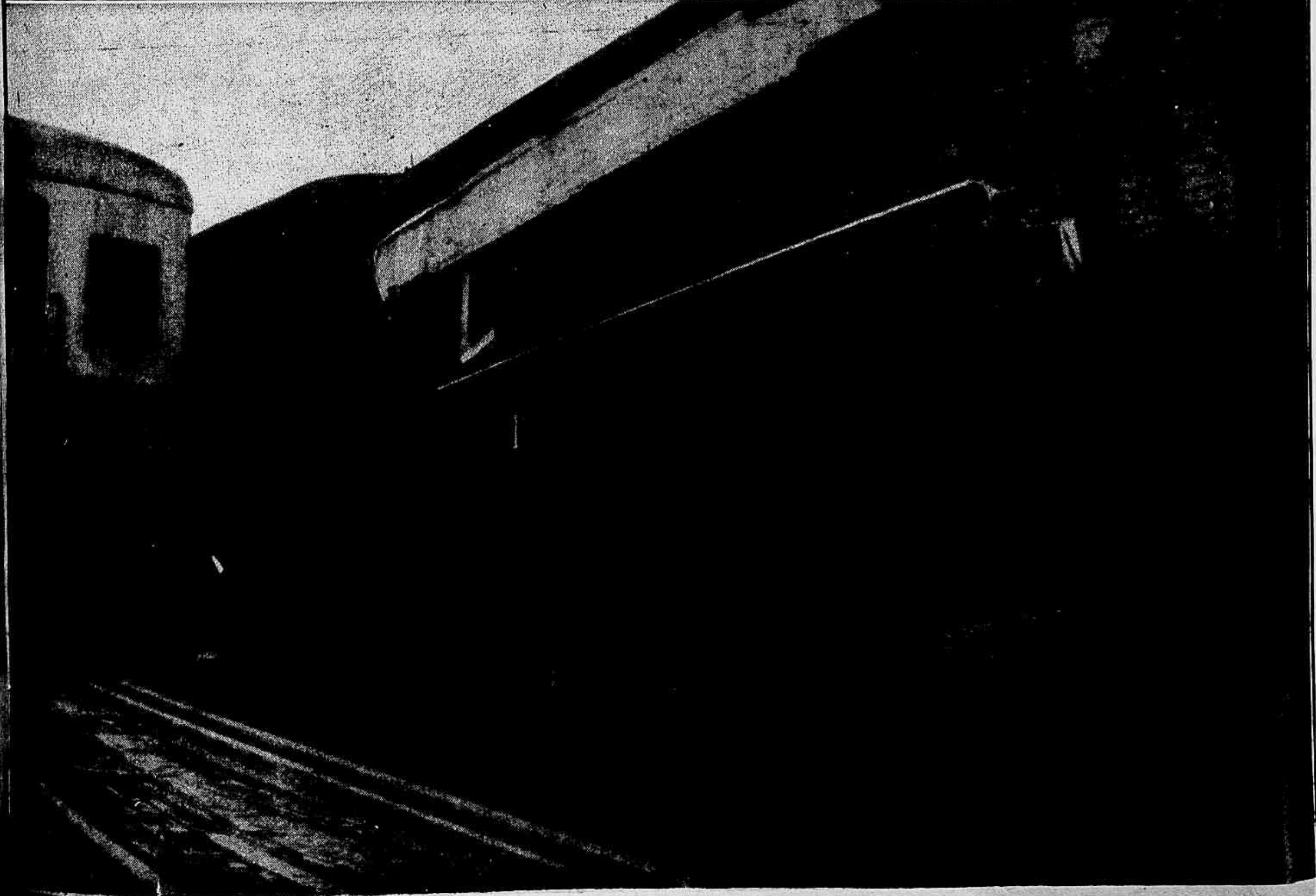
m enco-
a tocat

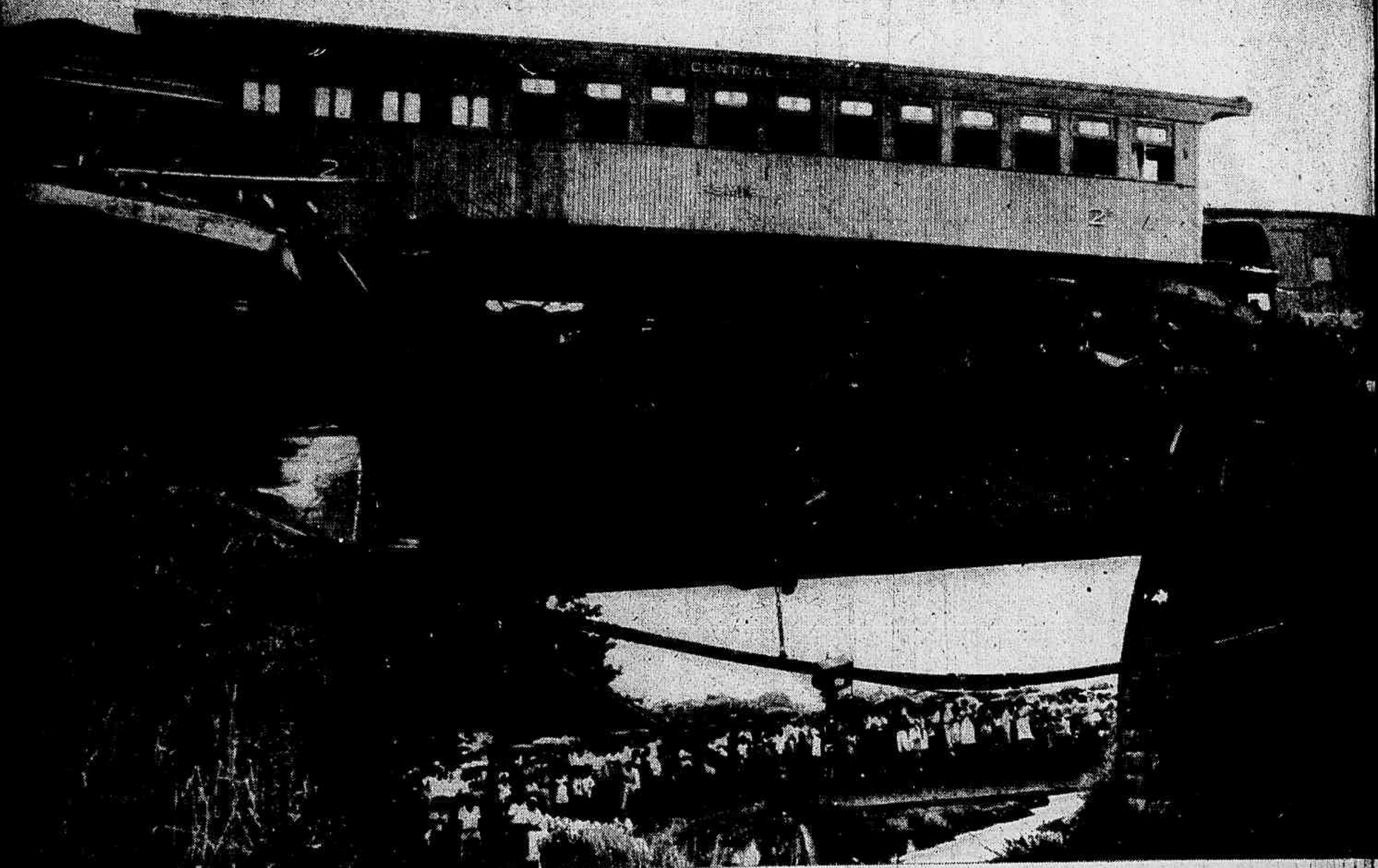
T E

todo um



FOTOS desta página documentam, em novos ângulos, a violência com que se despedaçaram os carros das duas composições. Sendo em sentido contrário à velocidade de 60 kms., o trem mineiro saltou dos trilhos e se lançou contra o flanco do elétrico.





AO ALTO, o carro estripado mostra seus intestinos de aço pendurados na ponte, sob as vistas de uma compacta multidão (no segundo plano). Em baixo: uma vítima que nem tempo teve para descruzar as pernas.

Duas Providências

A responsabilidade funcional, no Brasil, costuma ser um jôgo de empurra sem conseqüências e essa verdade mais uma vez se ostenta no episódio ferroviário ocorrido na Estrada de Ferro Central do Brasil, cujo aspecto trágico resalta na cifra das vidas sacrificadas ou que tiveram seus destinos alterados pela mutilação física e pela redução da capacidade de trabalho.

Acrescente-se a esse saldo contristador, balanceado em destinos humanos, o cálculo, por ser feito, dos enormes prejuízos materiais que sofreu a principal ferrovia do Brasil. Teremos, então, avaliado ainda o ônus que representa o descêdito de uma estrada de ferro no país e no estrangeiro, a apuração total da responsabilidade que recai sobre as últimas administrações que passaram pela Central e, correlatamente, do Governo Federal que supervisiona os serviços ferroviários. E, no quadro dessa supervisão, devem ser naturalmente focalizados o Departamento Nacional de Estradas de Ferro e o Ministério da Viação.


Explicando as causas do sinistro da manhã de 3 de Março, que teve origem na fratura de um trilho, o Sr. Eurico de Souza Gomes, diretor da Estrada, declarou que o desgaste do material da via permanente alcançou seu último limite. Reconhece, assim, o responsável direto pelo movimento de trens num vasto e importante sistema ferroviário, que a Central não oferece condições seguras ao tráfego de passageiros e isso ficou mais uma vez evidente com um novo desastre que se explica pela fratura de um trilho, localizado numa área muito próxima da sede da administração da Estrada e portanto, razoavelmente, em trecho de mais fácil e constante fiscalização técnica. Que segurança poderá a Central oferecer em seus trechos remotos, onde a negligência, que existe debaixo dos olhos da direção técnica, em pleno Distrito Federal, será necessariamente multiplicada pela distância?

O povo, que se serve da Central não somente para atingir outros pontos do centro do país mas ainda para o transporte (que se exprime em milhões de passageiros por ano) entre os subúrbios e o centro da cidade, está no direito de reclamar duas providências: a responsabilização efetiva dos que negligenciaram seus deveres funcionais, possibilitando a triste ocorrência de 3 de Março e uma declaração oficial, de quem de direito, sobre o estado de conservação do material rodante, da via permanente e do sistema de cabos elétricos de sua principal ferrovia.

(Cont. na pág. 45)



NO HOSPITAL, uma mulher que jazava no elétrico fatídico. É uma entre os duzentos e muitos feridos que constituem o saldo da negligência com que as últimas administrações da Central cuidam do bem público.



A MORTE PASSOU aqui. No primeiro plano, um jovem que morreu instantaneamente, a cujo lado (direito) aponta a mão de outro morto, ainda sob os escombros. O vagão teve totalmente destruída uma parede lateral.

A

Os
ma
pro
esse
me
car
o
ces
Tod
tam
enc
e a



NEM TODOS OS CORPOS foram imediatamente encontrados. As águas cheias do rio afogaram e carregaram muitos dos que procuraram salvar-se. Ao alto, um aspecto do trabalho de remoção, ainda em fase inicial

A MORTE ESPERAVA NA PONTE

Os feridos foram atendidos no local e em seguida conduzidos aos hospitais mais próximos. Os mortos foram removidos. O desimpedimento do local foi providenciado para depois do comparecimento da perícia técnica. Para todo esse árduo e demorado trabalho não foram suficientes os médicos e enfermeiros das localidades próximas, vindo grande número de ambulâncias e carros improvisados dos hospitais do Rio de Janeiro. Nem tampouco bastou o comparecimento da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros, sendo necessário que os reforçassem contingentes de forças do Exército e da Aeronáutica. Todos os ministérios, através dos serviços indicados a um tal fim, foram também mobilizados por ordem do Governo Federal. A catástrofe, em sua enormidade, exigia uma convocação de serviços extraordinários que atingiu e alterou toda a vida normal do Distrito Federal.

A dramaticidade das cenas que se desenrolaram no local do desastre não tardou a atingir uma pungência mais alta com a chegada de pessoas aflitas que, tomando conhecimento da notícia, iam à procura de parentes e amigos, procurando identificá-los entre os mortos, encontrá-los entre os feridos e, em último recurso, realizar penosas buscas no leito do rio.

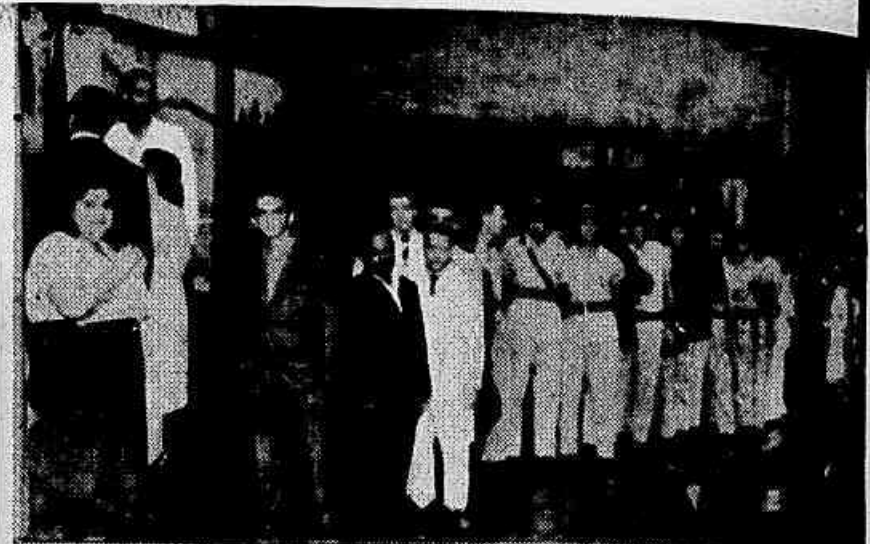
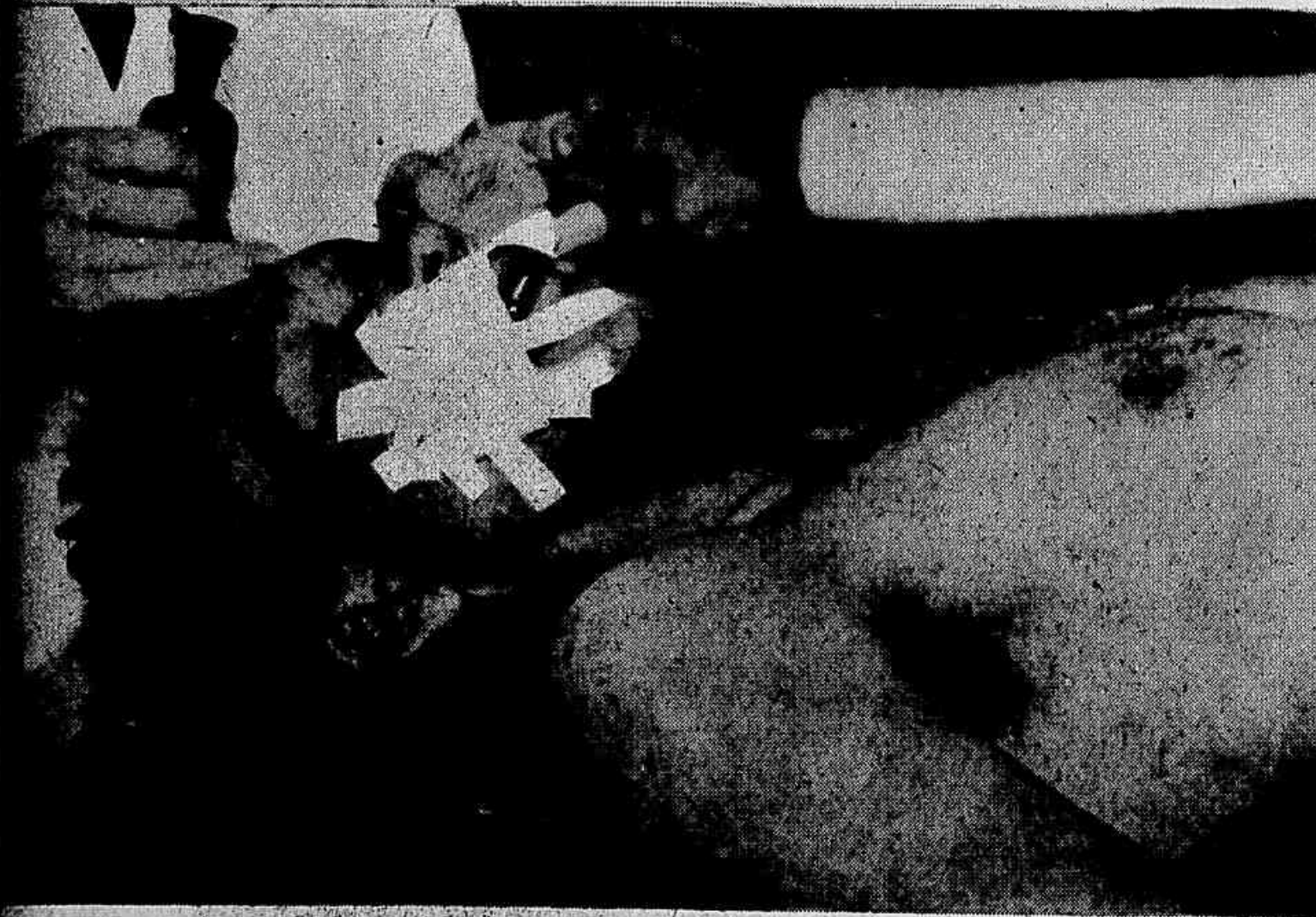
Ao fim do trágico dia, ainda não era exato o balanço dos prejuízos humanos causados pelo desastre da Central do Brasil. Eles foram anunciados dois dias depois, em cifras dolorosas: 73 mortos, mais de 200 feridos. Entre os primeiros, nem todos estavam ainda identificados, uma semana depois.

A história ferroviária da Central incluía mais um capítulo sangrento, pelo qual ninguém se responsabiliza.



VISAO MACABRA de corpos mutilados, que ainda sangravam, tomada pouco depois do acidente, quando já mãos piedosas haviam estendido lonas que os protegessem contra a curiosidade popular. O corredor está juncado de mortos

A MORTE ESPERA NA PONTE



AS FOTOS: três tempos da morte. O que se vê sendo medicado, faleceu. Ao centro, homem cerra o queixo de uma das vítimas. Talvez um parente, talvez um amigo.

CINCO TEMPOS da solidariedade humana: o Banco de Sangue procurado por grande número de doadores voluntários.

A
 NA
 rei eu,
 tacar c
 isto qu
 veria f
 manda
 A m
 sabe, n
 mente
 Mas, co
 já esto
 tenho
 o juízo
 paraíso
 Em r
 Vara C
 cício, t
 res de
 justiça
 carrasc
 alguém
 vólto n
 cela co
 reserva
 Como
 inflexiv
 tribuna
 piedoso
 é que n
 linqüem
 em que
 maneci

Co n

ALGUM DIA MORREREI

NÃO há dúvida, é fatal, algum dia morrerei mesmo... Sim, porque não se-
fazer o avanço do tempo. E é justamente
isto que me atemoriza, amofina-me, remo-
veria fronteiras para dirigi-lo, qual um co-
mandante austero.

A morte é minha inimiga implacável,
sabe, no entanto consigo fugir dela tenaz-
mente sempre que se aproxima de mim.
Mas, como causa dêste meu esforço, eu sei,
já estou envelhecendo depressa. Por isso,
tenho muita razão em preocupar-me com
o juízo final que de mim possam fazer, no
paraíso celeste.

Em resumo, fui Juiz de Direito da Oitava
Vara Criminal e, durante todo o meu exer-
cício, trazendo à palma o drama de milha-
res de criaturas, se bem que amparado na
justiça legal, converti-me numa espécie de
carrasco para os criminosos. Bastaria que
alguém culpado visitasse o meu juízo, en-
vólto no manto do crime, e logo uma par-
cela considerável de dor moral lhe estaria
reservada.

Como juriconsulto era incomplacente,
inflexível de mais; quando ia funcionar no
tribunal guardava primeiro os sentimentos
piedosos em casa. A verdade, entretanto,
é que nunca me aprazi em absolver um de-
linquente, por situação mais admissível
em que se encontrasse. Meu coração per-
manecia cerrado, obrigando-me a decretar

tantos infelizes ao hábito recluso e mise-
rável da penitenciária.

Só hoje, em plena aposentadoria do re-
cinto de audiências, é que me arrependo
vivamente do rigor com que debatia as
minhas causas, os meus pontos de vista
também.

Que hei de fazer? Meus pais, apesar de
generosos espiritualmente, sempre prontos
a me proporcionar uma vida melhor,
criaram-me assim, à custa de castigos se-
veros. Diversas vezes até meu "velho" foi
injusto comigo, nem ao menos permitia
que eu me defendesse.

— Ouça bem, rapaz: jamais fuja às res-
ponsabilidades de atos irrefletidos. En-
tendeu?

— Sim, senhor!

Assim, inteirando-me desta teoria obje-
tiva de meu pai, acabei por aplicá-la reli-
giosamente, no desempenho da minha es-
pinhosa missão, a qual me preparava um
grande dissabor.

Por isso, nunca ouvi rogos de ninguém,
por mais aceitáveis que fôssem, acima de
tudo venerava e cumpria as leis judiciá-
rias. Minha consciência refletia sôzinha,
agia livremente naquela palpitante rotina,
em meio a um inferno de súplicas e lá-
grimas.

— Por Deus, senhores! Sou mãe, quero
viver para cuidar de minha filhinha!

Creiam-me: matei só para defender-me!
Não me condenem, por piedade!

Os gritos frenéticos desta mulher, a affi-
ção fantástica que a reduziu como cinzas,
perseguem-me de maneira atroz. Quando
estou na solidão dos meus aposentos, ocor-
re-me logo o seu desespêro; vislumbro o
seu rosto, tingido em amargura, mais
transfigurado ainda. Pobrezinha! Como
deve ter sofrido! Tenho dó desta criatura!
Choro, então, choro até não poder mais.
Sinto um forte pesar, não contendo a for-
çosa mágoa. Depois, o coração fica tão
leve, que nem pluma, parece nada existir
dentro de mim...

O julgamento se fixara na minha memó-
ria, confundindo-me a sensibilidade, mo-
dificando de repente todo o meu viver.
Nos instantes angustiosos que se procediam,
meu subconsciente reclamava, em altas vo-
zes, a absolvição da ré. Por um minuto,
senti até imenso bem-estar, pelo veredicto
prestes a pronunciar solenemente, salvando
uma pecadora. Absolveria, convicto, pela
única vez!

Linda genetriz, os autos do processo re-
velavam nitidamente a sua inocência. Ha-
via morto o espôso, meigo amante de uma
donzela, e monstro para ela, num lance de
alucinação, ainda que em legítima defesa.
Terminava, dêste modo, com manchas de
sangue, o martírio de uma espôsa briosa,
(Cont. na pág. 56)

Conto de ARNALDO BITTENCOURT MARCHETTI ★ Ilustração de RENATO SOUZA





EM PRÊTO

NAS reuniões do fim da tarde e da noite qualquer das "toilettes" destas páginas terá sua oportunidade. Discretas, mas de fino gosto, elas vestirão a propriedade as senhoras mais exigentes.

Agora sei por que mo'ivo voce nao quer passear comigo, Neda. O que voce quer é um camarada rico, que lhe pague os beijos a dólares!

Defenda-se Gannon!



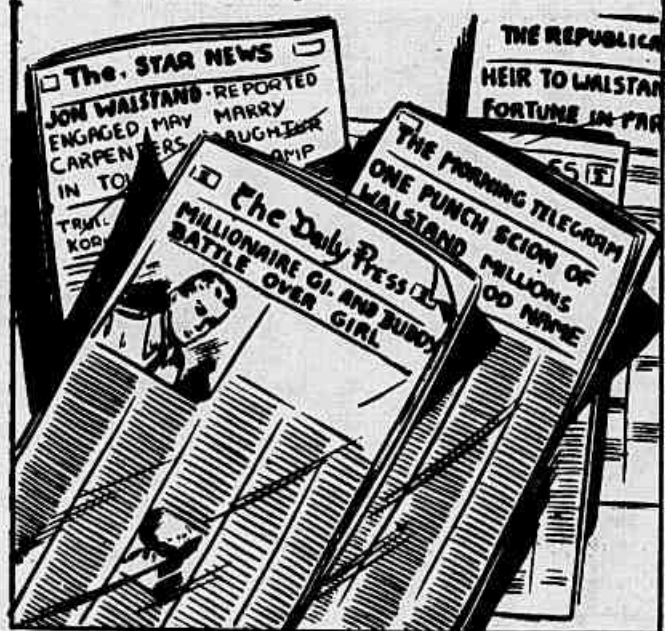
Você é que precisa defender-se, amigo! Você está sendo pescoado por uma espertalhona que não parece tão simples como se mostra!

Já avisei, Ray...



FELICIDADE INESPERADA

Os jornais da manhã seguinte estavam cheios de escândalos a meu respeito...



Gosto do procedimento desse rapaz. Eu não sabia que era milionário. Mas você precisa ter cuidado, Neda, para não prejudicar-se.

Meu Deus! Toda a cidade está comentando!



E' bom você ir passar uns tempos com sua tia Hattie, na fazenda, Neda. Falarei com seu patrão. Depois do acampamento, tudo será esquecido.

Vá arrumar as malas, menina!

Compreendo!



Papai e mamãe têm razão. Quem pode garantir que Jon quer mesmo casar-se comigo?



Jon!

Felizmente ainda cheguei a tempo de deter sua partida, Neda!



Nunca julguei que você fugisse assim de mim! Não sabe que a amo e quero casar com você? Suponha que eu perdi todo o meu dinheiro!

Oh! Jon! Se perdeu sua fortuna, eu me caso com você num minuto! Mas todos esses comentários! Um dia você pensará...



Eu sempre pensei que sou o homem mais feliz do mundo ao lado de uma criatura a quem amo! Esqueça o barulho. Eu confio em você, Neda, e sei que me quer acima do meu dinheiro!

Se você, realmente, me ama, coloco você acima de tudo, porque eu também o amo muito, querido!



leon eliachar apresenta:

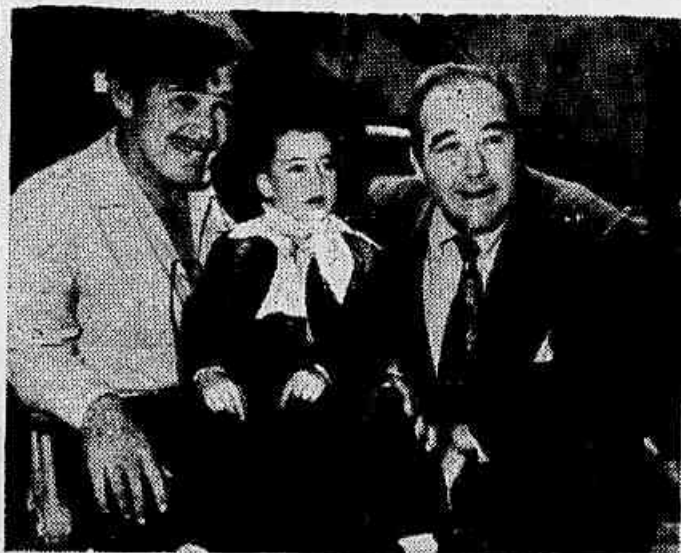
itinerário:

Dez cruzeiros de abuso

QUANDO o espectador de cinema rasteja lentamente pela fila que o conduz à bilheteria, não sabe nunca se está comprando duas horas de diversão ou se está adquirindo apenas dez cruzeiros de abuso. Isso por que, logo à entrada é o porteiro que lhe puxa o ingresso violentamente das mãos para que não atravanque a passagem aos demais. Logo adiante, resolve beber água e quando, finalmente, consegue chegar ao bebedouro, numa viagem mais penosa e mais árdua que a percorrida pelos flagelados do Ceará, o máximo que consegue são umas miseráveis gotas que nem chegam a umedecer-lhe os lábios. Entra no salão, aos trancos e travancos, e consegue, com muita dificuldade, ficar de pé uns 45 minutos. Surge então um vagalume, com a respectiva lanterna apagada, e lhe previne que é "proibido ficar de pé", e lhe indica um lugar, na primeira poltrona da extremidade externa da terceira fila. Que martírio: o seu ídolo favorito, Gregory Peck, está com cara de alicute e a doce e meiga Alida Vale mais parece uma chave de fenda. Tenta cruzar as pernas, mas não dá. Tenta recostar o braço esquerdo, mas não encontra apoio. Tenta levantar-se, mas sua roupa está presa num chiclete que "esqueceram". Tenta passar a mão na poltrona, mas só encontra um amonloado de molas descobertas a ferir-lhe a carne de faquir. E enquanto isso, uma série de "shorts" obrigatórios e de anúncios também obrigatórios, desfilam diante de seus olhos que não conseguem fechar no sono devido aos insetos que não param um só instante, pulando daqui para ali. E dali para aqui. Quatro "trailers", dois "avant-trailers", um "trailer" de "avant-première". Finalmente, o filme: quando não é uma reprise é, forçosamente, um abacaxi. Um absurdo. Uma compota de pêssego, uma geléia de maçã, um doce de goiaba, saboreados num bom restaurante, com todo conforto e higiene, não custam tanto. Mas nunca poderíamos imaginar, senhores, que tivéssemos que engolir, quase que obrigatoriamente, um abacaxi enlatado por esse preço. Mas, enfim, compreende-se. Porque cinema é a única mercadoria que o freguês tem de comprar no escuro.



Marie Wilson, a louríssima estrela do «mais be'o busto do cinema» (com licença de Jane Russell) é vista aqui, em companhia de vários mariuheiros da «San Diego Naval Station», que foram visitá-la no «set» de «A Girl in Every Port»



«Lone Star» é o título do último filme de Clark Gable, recém terminado, no qual ele tem como companheira a bela Ava Gardner. Na foto acima, vemos Clark em companhia de Broderick Crawford e de seu filhinho Kim Crawford, de quatro anos de idade

FLASHES MUNDIAIS

FRANÇA

«La Forêt de l'Adieu», «Seul dans Paris», «Le Père de Mademoiselle» e «Nous Sommes tous Assassins», são algumas das principais produções francesas que nos deverão ser dadas durante o primeiro semestre de 52. ★ René Clair vem de receber uma grande homenagem, que teve lugar na Sorbonne, em Paris. Compareceram a esta demonstração de aprêço, entre outros, Alexandre Arnoux, Georges Auric, Jacques Becker, figuras de bastante prestígio no cenário cinematográfico francês. Entre os astros e estrelas que também compareceram, destacavam-se Marcelle Darrien e Jacques Cordy.

BÉLGICA

A apresentação, em Bruxelas, do filme francês «Une Histoire d'Amour», alcançou verdadeiro êxito. Este filme, foi o último em que o magnífico ator Louis Jouvet tomou parte, pouco antes de sua morte.

ESTADOS UNIDOS

Shelley Winters e Farley Granger, dois dos mais comentados «cartazes» da atualidade, formam a dupla romântica de «Temido e Desejado» (Behave Yourself) uma gozadíssima comédia que conta, ainda, com a colaboração de Groucho Marx e Oscar Levant. ★ Uma nova e interessante garôta será revelada aos fãs em «Lili Marlene». Trata-se de Lisa Daniely, uma bela francesa de 21 anos, artista da televisão francesa, que foi escolhida para principal intérprete feminina da citada película. ★ Janet Leigh, que recentemente tornou-se Mrs. Anthony Curtiss, é a estrela de «Vinho, Mulheres e Música», cujo elenco inclui ainda os nomes de Ann Miller, Gloria de Haven, Tony Martin e Eddie Bracken. ★ Pela primeira vez, Hollywood descobriu um «brotinho» europeu e chamou-o «a garôta mais bonita do mundo», enchendo naturalmente, de inveja e despeito as famosas «pin-up», «made in Hollywood». Chama-se este amor de garôta, Ursula Thiers. O único filme feito até agora por «fraulein» Ursula foi «Monsoon». Ursula é morena, de longos cabelos negros e olhos belos e sonhadores. ★ Nada menos de quatro nomes de peso incluiu «Não quero dizer-te adeus» (I Want You) em seu elenco. São eles Dana Andrews, Dorothy McGuire, Farley Granger, o galã do momento e Peggy Dow, a revelação de «Só resta a lembrança».

CINEMA

MEXERICOS

HUMBERTO TEIXEIRA, depois que brigou com sua amada, deu para dirigir seu carro dormindo no volante. Por isso é que vive trepando em calçadas, esbarrando em postes. Parece até que está com vontade de ir para um hospital — espera a visita de alguém.

★

JORGE DÓRIA, com 20 dias de teatro obteve o que tentou conseguir durante dois anos de cinema: uma chance.

★

LUIS DELFINO foi agredido violentamente por um grupo de indivíduos, completamente nus, quando estes entravam num bar em Copacabana. Ao serem interpelados pelo jovem ator, responderam a bofetões. E nem tudo ficou azul, como dizia a propaganda.

★

ADEMAR GONZAGA abandonou definitivamente o cinema e reassumiu suas funções jornalísticas, tomando a si o cargo de orientar a revista «A CENA». Felicidades.

★

JARDEL FILHO costuma levar, todas as madrugadas, um sanduiche para sua residência. Diz ele que é para uma foca que está criando. O diabo é quando essa «foca» ler esta nota.

★

ADELAIDE CHIOZZO, depois do concurso para a escolha da «Rainha do Rádio», ficou sem automóvel, sem economias — e sem o título. Lição para o próximo ano.

★

ORLANDO VILLAR anda comprando todas as revistas para esconder, em casa, as que «por acaso» tenham algum flagrante seu... no carnaval.

★

BILL FARR apareceu em apenas um número musical de «Barnabé». Os galãs do cinema nacional estremeceram nas poltronas. Isso porque Bill possui ótima estampa e muito mais desembaraço artístico do que muito rapazola metido a galã. Tomem nota do que lhes digo. E aguardem.

★

DISSE JOSÉ LEWGOY: «Felizmente, no terreno dos vilões, continuo absoluto».

★

JOSÉ BURLE declarou: «Watson Macedo é infantil e criança».

A REALIZAÇÃO DE UM "CINEBALLET"

Por GENE KELLY

(Reprodução autorizada do «Dance Magazine»)





O ballet é coisa única, e uma gratificação do senso estético, porquanto é a combinação de tantas artes — música, drama, pintura, desenho, dança. A integração da música e da dança num espetáculo teatral tem sido realizada a contento, creio eu, desde que a primeira peça de dança de um teatro primitivo foi registrada num arquivo primitivo. Porém a integração das mesmas aliadas ao desenho, aos costumes e à cor, raramente tem sido levada a efeito com êxito. A razão disso é bastante simples.

Uma assistência senta-se diante de um palco, olhando para um fundo de cena estático, ou com três peças dimensionais fixadas no palco, ou com telões e figuras laterais pintados de modo a simular a disposição moral ou o sítio onde o ballet tem lugar. Ora, quando o dançarino se move através desse fundo estático, está sempre transformando o meio, sempre criando uma nova feição ao conjunto. Entretanto, os desenhos atrás dele permanecem iguais. Permanecem estáticos, como um quadro pregado na parede. Que mal há nisso?

Um quadro de parede é feito com o fim precípuo de ser contemplado. Não para ser visto através da distorção de imagens que se movem à sua frente. No plano teatral, as decorações feitas para um ballet devem servir de fundo para os dançarinos, mas, visto que toda pessoa na platéia encontra-se necessariamente sentada numa parte diferente do teatro, cada vista abrange o cenário de um ângulo diferente. Toda vez que o dançarino se move, cada pessoa na platéia o vê à frente de uma decoração pintada ou esculpida de seu próprio ângulo de visão. O quadro com que depara a pessoa sentada à direita nas últimas filas é bem diferente do que contempla a pessoa sentada lá no fundo, à esquerda, o mesmo acontecendo com o espectador do centro, da retaguarda, do que está no meio da primeira fila, e do que está nas últimas cadeiras do balcão. Talvez seja esta uma das razões para tanta controvérsia que surge acerca de ballet durante os intervalos e em outras ocasiões; duas vistas não contemplam, absolutamente, a mesma coisa, e eu não quero referir-me à recepção no nível estético. Refiro-me à recepção sob o aspecto físico. Refiro-me puramente à comunicação visual. Naturalmente excluo a dança puramente de concerto destas minhas considerações, ou qualquer outra dança que se realize sem levar em conta os efeitos pictóricos. Interessa-me aqui apenas o ballet, e este significa pintura, escultura ou alguma forma de desenho como fundo de cena.

Ao fazer estas observações sobre nosso projeto de ballet para «Sinfonia de Paris», da Metro-Goldwyn-Mayer, não estou de forma alguma tentando proclamar a superioridade do cinema sobre qualquer outro meio de comunicação da dança. Considero o teatro vivo a primeira e a mais antiga arena para esta espécie de experiência, mas considero também que nenhuma pessoa deve hoje em dia fechar os olhos ao fato de que a câmara pode e faz uma contribuição à dança, na qualidade de arte comunicativa. Pelo menos ninguém negará que é presentemente a forma mais perfeita de registro e preservação da dança.

Porque eu tenho esta crença, compartilhada por meus colegas, nossa tentativa para a criação de um ballet para um filme é de considerável importância. Se a câmara deve prestar qualquer contribuição à dança, essa deve ser o ponto focal de sua contribuição; o fundo de cena fluido, dando a cada espectador uma visão igual, íntegra, correta, do dançarino e do cenário. Para conseguir esta finalidade, a câmara fica fluida, movendo-se com o dançarino, de modo que a lente torna-se a vista do espectador — é ele quem vê.

Para «Sinfonia de Paris» quisemos fazer um ballet destituído, digamos, de história, de enredo, um ballet que sugerisse, e não narrasse, um ballet que dissesse mais coisas não ditas que coisas ditas. Em virtude do rapaz que é a figura central do filme ser um pintor, decidimos criar decorações, desenhos e costumes nos variados estilos daqueles pintores franceses que o deviam haver influenciado em seu trabalho. Os pintores escolhidos foram Dufy, Renoir, Utrillo, Rousseau, Van Gogh e Toulouse-Lautrec. Cada cena do ballet foi criada, costumes e desenhos, no estilo de um destes grandes artistas. O que pretendiam dizer em suas pinturas, tentamos captar na dança e na ação.

(Cont. da pág. 46)

O que vai pela BROADWAY

NEW YORK.

«The Greatest Show on Earth», a última super-produção de Cecil B. DeMille para a Paramount Pictures, é antes de mais nada um esplêndido documentário em tecnicolor sobre o maior circo do mundo, que é a organização Ringling Brothers-Barnum & Bailey. Filmada durante os espetáculos públicos realizados pelo circo durante a sua longa tournée pelos Estados Unidos, essa película transporta para a tela toda a vibração e excitação que os espetáculos desse circo provocam. Em «The Greatest Show on Earth», estão Betty Hutton, Cornel Wilde, Charles Hestou, Dorothy Lamour, Glória Grahame e James Stewart, além do numeroso grupo de artistas circenses da organização Ringling Brothers. Apesar do inevitável caso amoroso, essa película, porém, é fundamentalmente um documentário revelando aspectos íntimos e detalhes da vida de um grande circo e seus problemas. A fim de não desvirtuar o seu objetivo e criar um clima de maior veracidade possível, Cecil B. DeMille conseguiu que os astros e estrelas da sua película, realizassem difíceis e arriscadas proezas sob o toldo de lona durante as funções públicas regulares. Dessa forma, quando vocês virem Betty Hutton e Cornel Wilde em difíceis trabalhos no trapézio, podem estar certos de que não foi usado nenhum «double» ou truque de câmara. Cecil B. DeMille que, em geral, gasta milhões com os seus filmes e arrecada muitos outros com a renda produzida, não tem a menor dúvida de que «The Greatest Show on Earth» não será concorrente ao Oscar de 1952, mas está absolutamente certo de que será um grande sucesso de bilheteria, pois, essa película é cem por cento diversão para o grande público como provam as primeiras semanas de exibição no Rádio City Music Hall.

★

Não sei se vocês já viram algum filme dos cômicos Dean Martin & Jerry Lewis. O que posso dizer-lhes, porém, é que no momento essa dupla é o que há de mais sensacional em matéria de comicità nos Estados Unidos. Com uma grande reputação sólidamente estabelecida nos clubes noturnos, rádio e televisão, Martin & Lewis há dois anos atrás tiveram uma estréia auspiciosa em Hollywood, com o seu primeiro filme «My Friend Irma», a quarta película dessa dupla intitulada «Sailor Beware», ora em exibição no cinema Mayfair, está batendo recordes de bilheteria. Martin & Lewis, nessa película, metem-se em complicações com marinheiros, especialmente quando Cornel Calvet entra na história. Dean Martin (fala e canta como Bing Crosby) canta algumas canções interessantes e Jerry Lewis encarrega-se da parte cômica, conseguindo bons impactos. Se vocês prestarem bastante atenção numa cena de submarino, em que Martin canta acompanhado por um grupo de instrumentistas, acabará por reconhecer no guitarrista o nosso Laurindo de Almeida. Não sei do agrado que essa dupla conseguiu no Brasil, mas «Sailor Beware» que é uma produção de Hal Wallis para a Paramount, está tendo uma carreira sensacional, com a inteira aprovação da crítica especializada.

★

«The Unknown Man» da Metro Goldwyn-Mayer, com Walter Pidgeon, Barry Sullivan e Ann Harding, é uma película de classe B que nada tem de excepcional. A história gira em torno dos problemas de um advogado que consegue a absolução para o seu constituinte e, mais tarde, vem a sabê-lo realmente culpado.

★

Por hoje é só; aguardem mais novidades na próxima semana.

JACKSON FLORE

CINEMA

O NÉO-REALISMO ITALIANO EM PLENO CORAÇÃO DA CAPITAL BANDEIRANTE ★ AS FILMAGENS "IN LOCATION" ★ NÃO HÁ DIFICULDADES PARA MÁRIO CIVELLI



O TRIANGULO DE «MODELO 19»
Ciro Cerni, ator; Mário Civelli, produtor e Armando Couto, diretor

QUANDO cheguei a São Paulo e encontrei aquele grupo de homens, cercados de policiais, bem debaixo do Viaduto do Chuá, confesso que fiquei curioso. Eu e a multidão que se aglomerava em volta. Quando cheguei bem perto, vi que o objeto de tanta curiosidade era uma câmara: Mário Civelli estava filmando «Modélio 19», película que aborda o tema do emigrante em solo brasileiro.

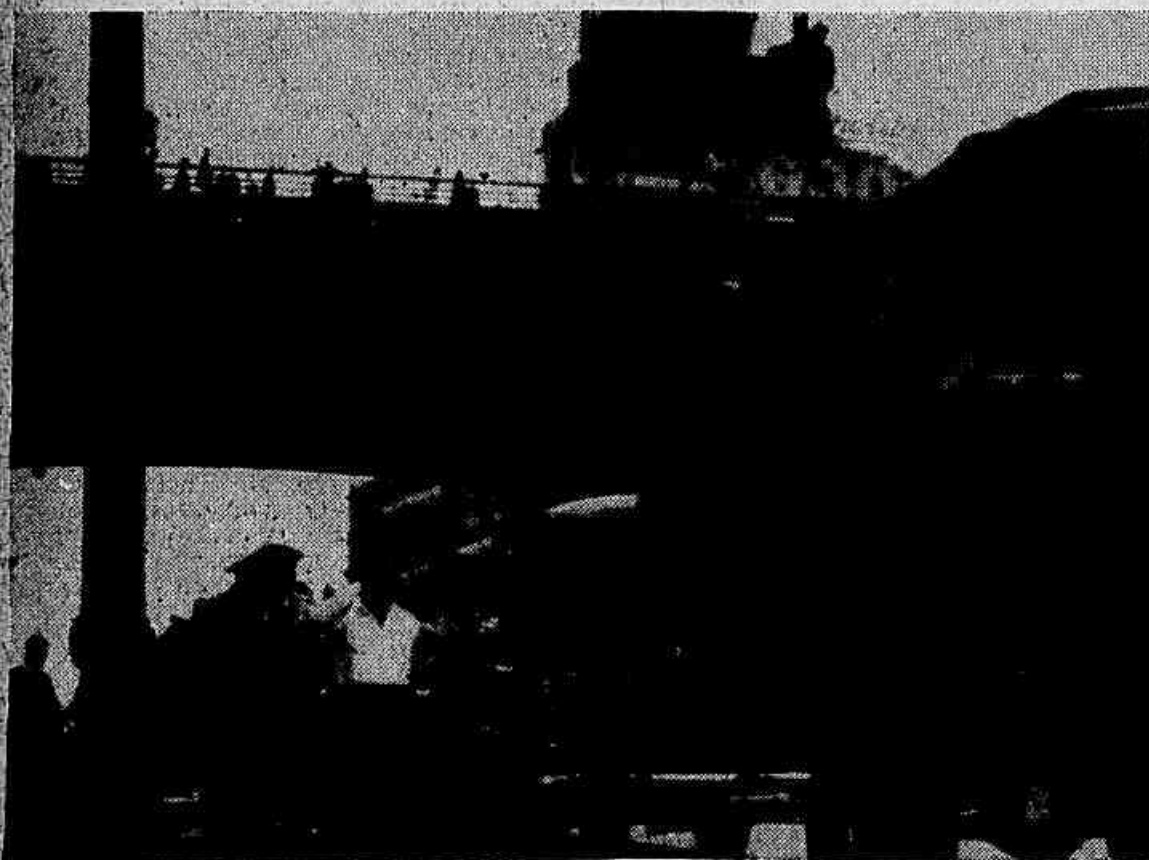
— «Para dar maior realismo às cenas, resolvi que os exteriores seriam filmados totalmente nos próprios locais. Isso, sem dúvida, dará maior autenticidade ao drama, evitando as tintas e o papelão que nos proporcionam os cenários de estúdio. Basta dizer a você que até um navio eu consegui; instalamos ali todos os aparelhamentos técnicos e fomos filmar em alto mar, durante um dia e meio».

Civelli é um homem de ação. Não pára um só instante, como produtor. Seu pensamento desdobra-se e sua capacidade de trabalho é extraordinária. Armando Couto, o diretor, imprime aos artistas a personalidade exigida pelas personagens vividas. Ilka Soares, Miro Cerni, José Mauro de Vasconcelos, Luigi Picchi, Alice Miranda, Jaime Barcelos, são alguns dos elementos que integram o «cast». O argumento é baseado numa novela italiana e teve o roteiro e diálogos elaborados pelo humorista Vão Gôgo, que revela assim uma nova faceta de seu talento. Esta é a primeira produção de Civelli para a Multifilmes. Den-

ATÉ UM NAVIO foi conseguido para as filmagens passadas a bordo. O drama do emigrante na tela terá assim características reais

NAS RUAS DE
SÃO PAULO:

O DRAMA DO EMIGRANTE



NO VIADUTO do Chá, os cinegrafistas encontram o apoio da polícia para as filmagens



MUITAS CENAS de «Modélio 19» foram rodadas no próprio local dos acontecimentos da história



ILKA SOARES vive a figura de Elen, jovem francesinha cujo marido vem tentar a vida no Brasil

de alguns dias, será iniciada a segunda produção, sob a direção de Sérgio Brito; a terceira, será escrita e dirigida por Vão Gógo, e a quarta, terá argumento e direção de Leon Eliachar. Como se vê, Civelli pretende lançar novos diretores e faz questão que sejam todos brasileiros. Porque Civelli não acredita muito nos cartazes que vêm do estrangeiro exigindo fortuna a troco de exibicionismo: «Aqui também temos talentos e eu hei de revelá-los ao público. Meu trabalho não terá sido em vão».



TODA UMA EQUIPE de técnicos foi mobilizada; o cinema nacional nada fica devendo aos progressos estrangeiros

Do Pastiche à Paródia

DIVERTIR-SE a copiar a "maneira" de um escritor, com certa ironia e acentuado ligeiramente os seus hábitos e processos de expressão: é um pastiche. Levar ao exagêro as manias e os trejeitos deste escritor é uma paródia. Há uns trinta anos, Paul Reboux e Charles Muller, na sua célebre série: "A la manière de..." passaram com desenvoltura do pastiche à paródia. Tiveram e conservam muitos imitadores. Este gênero de exercício parece ouvir maravilhosamente ao temperamento francês, observador, cáustico, cheio de irreverência e pronto a descobrir o defeito onde quer que esteja. Não resta dúvida que se o cinema não sofresse de toda a espécie de entraves, este gênero do plágio satírico e espirituoso se teria desenvolvido muito mais.

Ainda recentemente, um jovem cineasta francês obteve a notoriedade e a estima dos mais delicados com uma "charge" viva e bem conduzida dos filmes de gangsters: "Chicago Digest", saborosa paródia de um gênero que prospera a olhos vistos, levou até ao absurdo os "clichês" e os "poncifs" do gênero. E' como que a repetição, em tom diferente e sutilmente acidulado, de um tema geralmente tratado a sério, mesmo com acento melodramático.

Paul Paviot lançou-se agora nos filmes de terror e prepara um "Torticola contra Frankesberg" que repetirá de modo satírico os efeitos horríficos da série Frankenstein e dos filmes de monstros e vampiros. Em seguida, virá a vez dos filmes de corsários, com Pierre Brasseur. Não é fácil manter uma piada destas durante todo um filme. A melhor coisa que se fez no gênero é de dimensão limitada: "Le Bâton", de Paul Gibaut, "l'Homme" de Gilles Margaritis, "Les Charmes de l'existence", de Jean Grémilhon, são paródias de documentários e o sério do comentário é um contra-ponto delicioso da chocarrice da invenção. Em plano diferente, *Mic-Mac* de Jean Béranger (com música de Pierre Cornu) é paródia viva e crepitante do filme 1900.

O prazer que dão estas obras é de segundo grau: detrás da imagem desenha-se imediatamente a crítica sorridente, de tal forma que, por um processo astucioso, o pseudo-trágico da história, indo até ao exagêro, desmorona completamente. E' este "segundo grau" que encanta no pastiche; a paródia é mais marcada. Certos filmes longos conseguiram manter o tom até ao fim. Toda a obra de René Clair oscila entre o pastiche e a paródia (*Le Silence est d'Or*, *La Beauté du diable*) Cocteau cultivou os dois gêneros fundindo-os num filme que é uma deliciosa mistificação: *Le Baron Fantôme*, Clouzot com *Miquette et sa mère*, optou deliberadamente pela paródia; *Drôle de drame*, de Prévert e Carné, combina com uma estranha feiticeira, o onirismo, a sátira e a paródia.

E' dentro desta perspectiva que devemos julgar a obra mais discutida da estação, *l'Auberge Rouge*, trecho de Jean Aurenche, encenação de Claude Autant-Lara. O realizador já nos dera com a sua atordoante adaptação de *Occupe-toi d'Amélie*, de Georges Feydeau, um filme de "segundo grau". As mesmas coordenadas aplicam-se a *Auberge Rouge*. Não é um filme cômico — pelo menos de primeiro grau — como supuseram os seus detratores. E' antes de mais nada uma paródia do melodrama.

A lamentação de Yves Montand, no começo e no fim do filme, evoca ineditamente as cópias do tocador de realejo da *Ópera de quat'sous* e dá o tom ao filme. O próprio trecho combina e orchestra as peripécias grã-guinholescas com humor ácido. Nesta história de brigões, o exagêro é psicologicamente tão grande como no *Ubu-Roi* de Alfred Jarry. Tudo se torna grotesco e derisório graças à acentuação voluntária e maliciosa dos efeitos de terror, dos pulos tragi-cômicos, da representação grossa dos intérpretes. — (SFI)

HENRI AGEL

CINEMA

O GÊNIO E OS RECÉM-CASADOS

1 Conhecido desenhista industrial, Howard Osborne (Clifton Webb) simplesmente considera sua filha Jacqueline ou Jake (Ann Francis) a sua maior criação. Jake faz planos de, com seu pai, ir à Suécia para estudar por três anos com Sorenson, o maior desenhista da Europa, logo que recebesse seu diploma no colégio. Pelo menos tudo parecia estar assentado até aquela noite do baile de formatura, no qual Jake e seu professor de psicologia, Matt Reagan (William Lundigan) descobrem que se amam



2 há algum tempo, Matt lhe teria confessado antes, porém, por uma questão de ética, ele se cala. O hóspede da família Osborne e padrinho de Jake, Roger Evans (Reginald Gardiner) é acordado durante a noite por Howard e sua esposa (Margalo Gillmore). Jake desaparecera. Ninguém sabia de seu destino exceto Roger, a quem Jake havia confiado que ela e Matt haviam decidido fugir. Os Osborne ficam furiosos ao saberem da verdade e dirigem-se à casa dos Reagan. Ai, Tom Reagan (Charles



3 Bickford) e sua esposa Mille, surpreendidos com a notícia da fuga dizem que Matt realmente não estava em casa mas que ele lhes dissera que devia ir com um amigo, de automóvel, a Deerfield. Subitamente, eles se lembram de que Deerfield é um lugar conhecido onde casamentos podem ser realizados sem as usuais dificuldades legais. As duas famílias entram imediatamente em desacôrdo, os Osborne chamando Matt de um "caçadote" e os Reagan convencidos de que seu filho fora

4 "agarrado" por Jacqueline. Quando o carro dos Reagan arrebenta no caminho, "Howard, a muito custo e só por insistência de sua esposa, oferece uma "carona" aos pais de Matt. Há, agora, seis pessoas no carro, incluindo um garoto de sete anos, Daniel, filho dos Reagan e que estoura o seu chiclé de maneira desconcertante quando Howard começa a usar um aparelho elétrico de barba que instalara em seu carro. Por esse tempo, Matt e Jake estão procurando recuperar o tempo perdido e se sen-



5 tem imensamente apaixonados. Resolvem jantar e se dirigem a um albergue, à beira da estrada, e Jake fica furiosa ao ouvir referências às "outras mulheres" da vida de Matt, quando ele fizera seu serviço militar. A discussão chega a um ponto em que eles decidem que talvez eles tivessem sido precipitados ao pensar em fugir. Os Osborne e os Reagan, sem saberem do que se passava, estavam justamente começando a se simpatizarem e a pensar que o casamento de seus filhos não seria, afi-



6 nal, um mau negócio. No caminho, Roger vira uma tabuleta na estrada, levando a todos numa direção oposta a Deerfield e como uma chuva torrencial começa a cair, eles são obrigados a procurar abrigo numa fazenda. Não muito depois deles, vítimas da mesma tabuleta, chegam Matt e Jake à mesma fazenda onde lhes dão quartos separados. Os Osborne bem como os Reagan casualmente descobrem a presença de Matt e Jake na mesma casa em que estão hospedados, sem que eles



7 dêem por isso. E como eles não desejavam mais interferir com o casamento, mantêm-se longe da vista. Nesse momento, entretanto, a discussão dos fugitivos torna-se acalorada e chega ao auge. Após uma violenta cena, eles resolvem esquecer completamente o acontecimento e voltar às suas respectivas casas. Howard tenta consolar Jake, contando-lhe as suas próprias dúvidas ao tomar uma esposa... como ele pensara que o casamento seria um fracasso e como somente depois de ca-

8 sados eles chegaram a compreender que haviam aprendido a realmente se quererem. Jake compreende depressa. Nessa noite, quando Howard a procura em seu quarto ela ali não mais se encontrava. Desta vez, ao que parecia, a fuga havia sido bem sucedida. Os Osborne encontraram um bilhete de Jake dizendo que eles tinham razão... ela ama a Matt e para prová-lo ela ia tentar uma reconciliação com o mesmo, e voltar para Deerfield a fim de se casarem.



A SAÚDE DO BEBÊ

Dr. SABOIA RIBEIRO

Educação e Desordem do Espírito

A moderna pedagogia esforça-se hoje por evitar na criança um sem número de sentimentos e formas de conduta, apenas desenvolvidos no seu espírito em função de erros educacionais de seu próprio ambiente doméstico; manifestações aquelas que as fazem sofrer e bem assim os pais.

Muitas dessas manifestações constituem verdadeiras doenças do espírito, e não têm outra significação de erros educacionais.

Estes cercam a criança desde os primeiros meses, não raro, com uma perfeita inocência dos pais, que ignoram completamente o papel que estão desempenhando para a sua efetiva existência.

Deve merecer destaque, dentre as *doenças do espírito* da criança, devidas aos erros educacionais, principalmente, a manha, a perda do apetite em muitos casos, certas formas de nervosismo, de sono leve, e de birra, desobediência, medo, etc.

A estes junte-se ainda a exacerbada inveja, o ciúme, a agressividade, a intriga, que como os primeiros podem apenas filiar-se (e assim acontece com freqüência) aos erros educacionais que cercam a vida infantil em fase propícia ao seu desenvolvimento.

Como se disse, não é sem sofrimento para a criança que se exteriorizam as *doenças do espírito*, nela desenvolvidas por motivo de tais erros, e sob aquelas várias formas. Aliás muitos sofrimentos corporais podem ter idêntica origem, tais como cólicas, vômitos, prisão de ventre, suores frios, etc.

E, assim, dever evitar essas conseqüências tão danosas para a saúde infantil, e isso deve obedecer ao conhecimento de certas normas de conduta em face da criança, que lhe asseguram a formação do espírito dentro da melhor higiene mental desejada.

Evitar o sofrimento da criança, eis um dos grandes princípios que deverá nortear tais normas. O sofrimento leva à aflição e à angústia, se prolongado, ou muito intenso.

Mesmo que, socorrida, a criança tenha o seu sofrimento extinguido, poderá, ainda assim, persistir o medo de que ele volte mais tarde. E' que, toda vez que a criança é acometida de um sofrimento que se prolongou demasiado ou foi muito intenso, ela se julga abandonada todo o tempo que durou o seu sofrimento. E, assim, cessado aquêle, persiste o medo de ser novamente abandonada, que é um estado de angústia que a faz repetir, subjetivamente, o mesmo sofrimento já antes experimentado.

Noutros casos a manha pode ser o resultado dos erros educacionais.

Vejamos que sucederá a uma criança, a quem se inflinja um estado de sofrimento. Admitamos que ela foi contrariada com excessivo rigor, mas que, caindo em prantos, foi afinal contentada no que queria. Ora, tal seja a hipótese, o caso pode conduzir, pela sua repetição um certo número de vezes, à própria manha. Eis a explicação perfeita que disso nos dá o Prof. Pedro de Alcântara:

"O recurso mais fácil de chamar a atenção dos adultos é o choro, pois todas as vezes em que havia anteriormente chorado, ela havia obtido os mimos e as expressões de afeto dos adultos. Agora, que está angustiada porque passou por um sofrimento muito intenso ou muito duradouro, depois do qual ficou com a impressão de abandono, agora ela vai chorar para obter as atenções dos adultos".

O erro educacional, no caso, é devido ao hábito de contentar a criança ao primeiro pranto, e que vem sendo repetido em situações semelhantes. A criança, insensivelmente, foi-se tornando *manhosa*, sem que se reparasse, antes, nas outras maneiras de educá-la sem essas alternativas de rigores extremos, e excessivos carinhos.

Não se deve cultivar o choro da criança como arma para que esta obtenha os seus fins.

Sem dúvida cumpre cercá-la das condições próprias para que seu espírito se desenvolva numa atmosfera equilibrada de justas satisfações, porém sem quebra do dever de nortear-las segundo um critério uniforme, adaptado à psicologia infantil, nas diferentes fases.

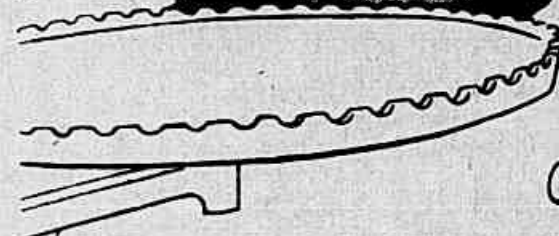
Numa palavra esse critério praticará a higiene mental da criança, cujo escopo — nas palavras daquele professor — é *fazer com que o espírito se desenvolva e se mantenha de modo sadio*.

Eficaz!

Kolynos
combate as cáries



O creme dental Kolynos combate realmente as cáries destruindo até 92% das bactérias que causam os males bucais. É fato cientificamente comprovado que sõmente Kolynos protege os dentes através destas três formas: eliminando os ácidos bucais, combatendo as bactérias prejudiciais, limpando perfeitamente a boca.



além disso...

Kolynos perfuma o hálito

A espuma refrescante e penetrante de Kolynos perfuma o hálito, assegurando uma limpeza perfeita. Kolynos deixa na boca uma duradoura e saudável sensação de bem-estar.



também...

Kolynos rende muito mais

Kolynos é por excelência, o creme dental da família! - Kolynos é altamente concentrado e rende muito mais. Basta apenas um centímetro na escova seca para se obter espuma abundante, eficaz e refrescante.

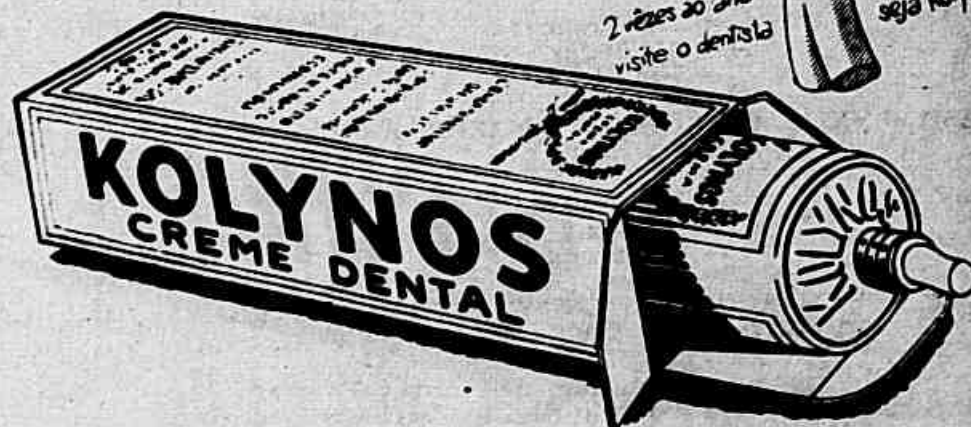


Cante
com "SEU KOLYNOS"

2 vezes ao ano
visite o dentista



3 vezes ao dia
seja kolynos



Kolynos satisfaz as exigências de todos!

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Todas as quinze		O gênio em pessoa

- 1 — DE QUE COMPOSITOR É A ÓPERA «FAUSTO»
 - De Goethe?
 - De Rossini?
 - De Carlos Gounod?
- 2 — DE QUE PAÍS ERA CARLOS GOUNOD?
 - Da França?
 - Da Itália?
 - Da Alemanha?
- 3 — QUAL O ESCRITOR QUE CRIOU A PERSONAGEM «TARTUFO»?
 - Voltaire?
 - Victor Hugo?
 - Molière?
- 4 — QUEM INVENTOU A MAQUINA DE COSTURA?
 - Edison?
 - Elias Howe?
 - Stevenson?
- 5 — A MARGEM DE QUE MAR ESTA A CIDADE DE VENEZA?
 - Adriático?
 - Tirrênio?
 - Egeu?
- 6 — QUAL A CAPITAL DA HUNGRIA?
 - Viena?
 - Bucarest?
 - Budapest?
- 7 — COMO É O NOME TODO DE CARLITOS?
 - Charles Spencer Chaplin?
 - Charles Chaplin?
 - Charles François Chaplin?
- 8 — A LINOTIPO É INVENÇÃO?
 - Alemã?
 - Suíça?
 - Norte-americana?
- 9 — QUAL DESTAS SUBSTÂNCIAS NATURAIS É A MAIS DURA?
 - O ferro?
 - O diamante?
 - O granito?
- 10 — QUANTAS RAÇAS HÁ NA HUMANIDADE?
 - Oito?
 - Quatro?
 - Três?
- 11 — RESPONDA SE UM BRASILEIRO NATURALIZADO PODE SER PRESIDENTE DA REPÚBLICA BRASILEIRA?
 - Sim?
 - Não?
 - Depende do Supremo Tribunal Eleitoral?
- 12 — EM QUE ANO FOI OBTIDA A PRIMEIRA FOTOGRAFIA?
 - 1839?
 - 1780?
 - 1895?
- 13 — EM QUE PAÍS FICA A FAMOSA MONTE CARLO?
 - Na França?
 - Na Itália?
 - Em Mônaco?
- 14 — QUAL O PEIXE DO AMAZONAS CUJO NOME CIENTÍFICO É «ARAPAIMA GIGAS»?
 - Pirarucu?
 - Piranha?
 - Camurupim?
- 15 — QUE ACONTECIMENTO LUTUOSO MARCA A DATA DE 1º DE MARÇO EM NOSSA HISTÓRIA CULTURAL?
 - O suicídio de Hermes Fontes?
 - A morte de Ruy Barbosa?
 - O naufrágio de Gonçalves Dias?

(Respostas na pág. 56)

DUAS PROVIDÊNCIAS

(Cont. da pág. 31)

Por que, em relação à última, só existe, no caso de a Estrada não poder garantir a vida de seus clientes, uma solução, decerto temporária, mas inevitável em plena consciência: suspender o tráfego pelo tempo necessário ao urgente restabelecimento de condições mínimas de segurança.

A RELIZAÇÃO DE ...

(Cont. da pág. 41)

Por exemplo, no cenário inspirado por Dufy, nenhum simples movimento de um dançarino, nenhum costume ou pôse é visto que não sugira um quadro de Dufy. A medida que a câmara segue o protagonista, o Americano em Paris, procura ela efeitos no grupo que reflitam Dufy.

A fim de que estas considerações não sejam encaradas como exagero, é necessário que eu frise novamente o fato de estarmos tratando de um ballet sobre um pintor, e a mola principal desse personagem, tanto na quimera como na realidade, reside nas suas relações com os mestres pintores que ele estuda.

Como reconciliar tal enredo básico com uma partitura escrita por um americano em torno de suas impressões de Paris? Escolhemos a «disposição» de cada artista e procuramos «disposição» igual nas passagens da partitura de Gershwin.

Por exemplo, aquele trecho alegre e movimentado não nos podia sugerir outra coisa senão o «Du Chocolat» de Lautrec, e todos nós concordamos imediatamente que o «Walking Theme» (Tema de Caminhar) achava-se mais potentemente relacionado com o estilo ligeiro e rabiscado de Dufy.

A INSATISFEITA

(Cont. da pág. 23)

— Quero viver a vida que eu mesma projetei viver durante algum tempo. Se, depois, o amor surgir, é preciso que isso seja mesmo amor, não apenas o sentimento de conforto de possuir uma casa minha, sobre terreno que não me custou nenhum esforço. Preciso trabalhar, ganhar dinheiro, saber, sentir, que eu sou capaz. Se eu chegasse a casar-me com você seria unicamente pelo fato de ter-me convencido de que não haveria outro meio de sair de minhas dificuldades, e você não quererá ter-me como esposa sob tais condições Porter!

Mas, sim; éle a queria assim mesmo. Entretanto, reconhecia a inutilidade de sua pretensão. Era preferível deixar, durante algum tempo, que ela agisse à vontade. Na realidade, éle sabia perfeitamente que Mary faria tudo aquilo que acabava de revelar, permitisse éle, ou não. Mas Roger Poole não devia possuí-la. Todos os recursos dialéticos de Porter se congregavam para combater os argumentos da jovem em favor do rival.

— Eu bem previra que não resultaria nada de bom, quando a vi alugar o «Apartamento da Torre» — disse éle pausadamente. — Um homem como aquêle desperta sempre na alma de uma jovem sentimentos românticos.

No espírito de Mary desenhou-se a figura de Roger Poole, quando, pela primeira vez, ela o viu chegar ao

CORPO ESBELTO E FACEIRO

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de peso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a cor natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorado, tendo voltado, portanto, à sua cor natural.

A venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ESTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquiagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a marca BISCUIT)

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar

SÃO PAULO

Remessas pelo Reembolso.

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogas ou pelo Correo.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacéutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Cariaca, 33 — Rio de Janeiro.

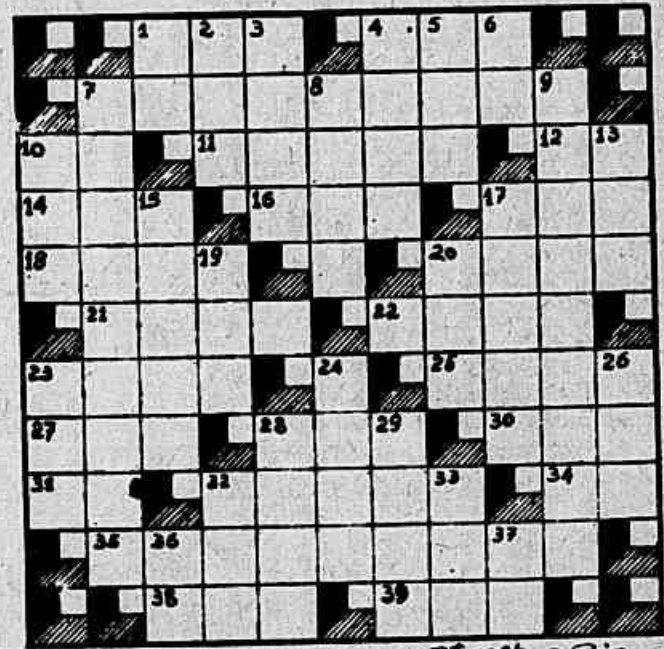
Sociedade Farmacéutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº
 NOME Nº
 RUA
 CIDADE
 ESTADO

Preço para todo o Brasil Cr\$ 50,00

PALAVRAS CRUZADAS

Problema N. 96 para Veteranos

- HORIZONTAIS:** — 1. Nome de homem — 4. Afluente do Garona (França) — 7. Razoável — 10. Sufixo designativo de coleção — 11. Neste ano — 12. Prefixo que traz a idéia de privação — 14. Embarços — 16. Tribo árabe da Berberia — 17. Sufixo que denota naturalidade — 18. Ligeireza — 20. Um dos cognomes de Ceres — 21. Pau entre as cambas das rodas dos carros — 22. Dialecto português falado em Macau — 23. Deusa celta da guerra — 25. Impio — 27. Planta da família das Leguminosas — 28. Somenos — 30. (Kaspar) compositor de música alemão — 31. Bebida chinesa — 32. Mitigava — 34. Variedade de melão — 35. Casual — 36. 16ª letra do alfabeto russo — 39. Espécie de címbalo turco.

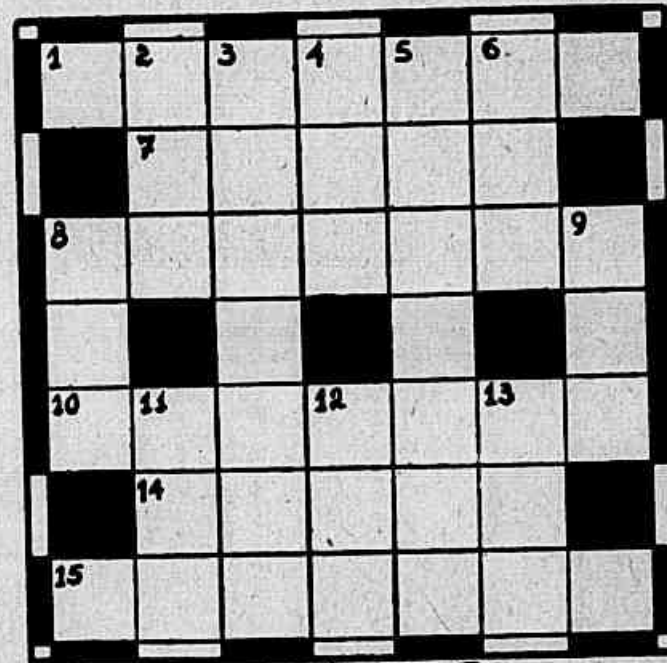


Claner - Rio

- VERTICAIS:** — 1. Sufixo designativo de aumento — 2. A lei moral de Confúcio — 3. Protetor dos feiticeiros — 4. Cidade de São Paulo — 5. Princípio — 6. Parafuso que liga a lâmina da faca ao cabo — 7. Moldaria — 8. Ilha da América Central nas Antilhas holandesas — 9. Instrumento para medir o nível dos lagos — 10. Serra da província de Tras-os-Montes (Portugal) — 13. Patriarca bíblico — 15. Saliente — 17. Pequeno cabo náutico — 19. Debaixo — 20. Planura — 23. Mirra dos árabes e hebreus na Índia portuguesa — 24. Medida inglesa de capacidade — 26. Peneira — 28. O conjunto das rodas de um relógio — 29. Calcário branco e duro — 32. Explicar — 33. Nome de homem — 36. Igual — 37. Sufixo que indica diminuição.



Problema N. 96 para Novatos



Claner - Rio

- HORIZONTAIS:** — 1. Inquilino — 7. Rogar, solicitar — 8. Conjunto dos objetos que os viajantes levam consigo — 10. Faria girar — 14. Ladrar. 15. Requesta, corteja.

- VERTICAIS:** — 2. Espécie de capa usada nas confrarias religiosas — 3. Causam regalo — 4. Nome de mulher — 5. Fazer a digestão — 6. Reze — 8. Botequim — 9. Dá miados — 11. Folha de palma — 12. Ligo — 13. Ódio.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N.º 95 — PARA VETERANOS

- HORIZONTAIS:** — Encantava — Grant — orada — linear — Icós — Olimpia — Ars — Cie — Ga — Ao — Odreiro — Ra — Aa — Tel — Arc — Reanima — Vias — Avivar — Aatás — Ataná — Sobremesa.
VERTICAIS: — Eril — Nanico — Cnemida — Ataperar — To — Ari — Vaca — Adora — Gloterava — Assoleará — Ri — Agitavam — Arenite — Olivas — Arias — Cato — Ea — Mana — Sab — Sr.

PARA NOVATOS

- HORIZONTAIS:** — Aço — Ali — Santo — Ar — Não — Sr. — Rama — Unia — Magotes — baru — Emas — Al — Ara — Sã — Usura — Ser — Sim.
VERTICAIS: — Arar — Os — Ana — ao — Iara — Anáguas — Toutear — Ramal — Sisas — Mar — Nem — baús — Saem — Rua — Ur — As.

Colaboração e correspondência para: »REVISTA DA SEMANA« — PALAVRAS CRUZADAS.

castelo para alugar o Apartamento da Torre, em meio da confusão do casamento de Constance e do seu vôo para fora do ninho. Naquela noite, Roger lhe pareceu apenas um inquilino capaz de pagar-lhe pontualmente o aluguel dos cômodos; entretanto, agora, ela reconhecia que o dinheiro do aluguel recebido das mãos dele era muito pouco, em face de tudo o que ele lhe havia trazido, espiritualmente falando.

Mary se liberta da maré montante de seus pensamentos e lembranças, mas a figura de Porter consegue, de maneira aguda, destacar-se como figura central de suas recordações.

— Mary — diz Porter com veemência. — Mary! Minha pequena Mary Rebelde! Vai você escapar de minha vida? Diga-me, querida, que você não vai fazer isso!

— Mas eu não vou escapar de ninguém, Porter — diz ela. — Não compreendo o que quer você dizer. Sei apenas que aquilo a que você chama de "espírito rebelde", é uma força em mim mesma, a qual eu não posso controlar. Desejaria fazer coisas que estivessem dentro dos seus desejos. Desejaria ser o que Gordon e Constance, e mesmo tia Frances desejariam que eu fosse; mas há qualquer coisa dentro de mim, que me impele e que parece dizer-me: "Há outra coisa no mundo reservada para você". E, com este brado aos ouvidos, é preciso que eu prossiga.

Porter se levanta, a cabeça erguida.

— Em tôda a minha vida, de tudo o que desejei e obtive, a única exceção foi você, que desejo e não posso tê-la. Mas lhe afirmo que não será outro homem que vai arrebatá-la de mim. Acho que ainda me será necessário uma estação de paciência; mas eu posso esperar, pois, no final, eu terei o que desejo, lembre-se bem, Mary!

— Não se julgue assim tão certo, Porter!

— Estou de tal maneira seguro disso, — diz êle erguendo a mão onde se via uma jóia antiga — estou tão certo do que digo, que um dia virá em que este anel será a nossa aliança de noivado. Eu lhe darei outras jóias, Mary, mas esta que está em minha mão é a que vai servir de união entre nós dois!

(Continua no próximo número)

PROBLEMAS . . .

(Cont. da pág. 50)
 tudo irá bem. Não julgue nunca que pode ser bem ou mal ou que tanto pode acontecer a uma pessoa de bem como a uma pessoa má. Os acontecimentos tanto se desenrolam para o que vive em harmonia com a natureza como para aquele que se nega às suas leis, porque se isso nem lhe é favorável nem contrário.

O mundo é composto de uma única substância. Tudo se limita à mesma percepção; tudo se faz sob um só impulso; tudo coopera nos acontecimentos.

O que passa pela transformação não sofre nenhum mal; o que daí provém, não experimenta nenhum bem.

CORRESPONDÊNCIA

Me. BISADA (Leblon) — O caso é escabrosíssimo e não pode ser tratado pelas páginas desta Revista. Procure-me no consultório.

JOSÉ DUQUE (São Paulo) — Não consegui entendê-lo.

JOF (Salto) — Um novo amor, um novo casamento.

CLAUDIO RUSIR (São Paulo) — Escreverei oportunamente.

ÁGUA INGLÊSA GRANADO



Faz de você um forte!

TÔNICA-APERITIVA NAS CONVALESCENÇAS

O PARANÁ SEU PROGRESSO E SEU GOVÊRNO

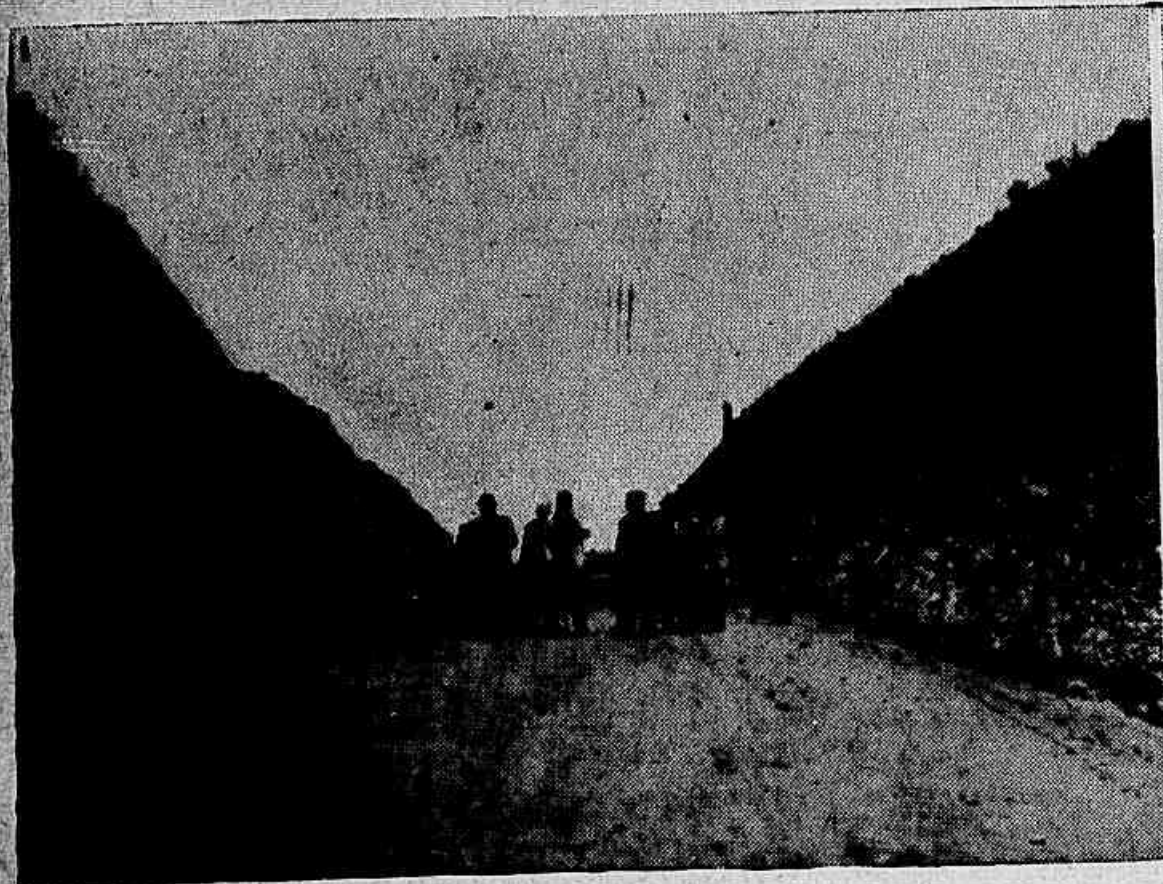
Por ADALBERTO MENDES

O Estado do Paraná é uma das unidades da Federação que maior índice de desenvolvimento tem apresentado nos últimos anos. O seu vertiginoso progresso vem exigindo dos homens que o governam somas consideráveis de esforços, para que a ação administrativa possa acompanhar o extraordinário fenômeno de expansão que ali se observa. Em tais conjunturas, os problemas coletivos multiplicam-se e avultam de proporções, e de um lado o dinheiro entra em catadupas, de outro mil escadouros surgem, em forma de serviços públicos cuja execução é reclamada pelo constante aumento das populações e pelo movimento sempre crescente de tôdas as atividades. Torna-se imperioso, então, que o governante tenha visão esclarecida, idealismo e muita vontade de realizar, e mão firme e punho forte para conter o turbilhão das ambições e dos instintos, que em geral surgem desenfreados quando impulsionados pela mola forte do dinheiro.

Nesse ponto culminante de sua existência, o Paraná elegeu para o seu govêrno uma figura muito conhecida através de sua atuação no Parlamento Nacional, o dr. Bento Munhoz da Rocha Netto, um dos governadores saídos, no último pleito, das fileiras da oposição. E agiram bem os paranaenses, ao que tudo indica. Vindo de uma dura refrega eleitoral, onde via de regra o entrecchoque das paixões conturba os espíritos mais bem formados, predispondo os vitoriosos para o desfôrço e para a vinda, Munhoz da Rocha viu, acima de tudo, que a terra reclamava trabalho intenso. E como para trabalhar e produzir é preciso paz e sossego, adotou o lema da concórdia e chamou quem o quisesse ajudar. Organizou, assim, a sua equipe de colaboradores. Não encontrando, como era natural, um caminho coberto de flores, aparou os espinhos, arrumou a casa e pôs mãos à obra. E o resultado é que o Paraná está hoje mergulhado numa fase de operosidade construtiva sem paralelo na sua história.

Procurando mover-se ao ritmo dêsse impressionante surto progressista que empolga o Estado, a administração pública realiza com segurança a método uma tarefa de respeitáveis proporções, de onde avulta o plano rodoviário resultante de um acurado estudo, e que cortará o Paraná de magnificas estradas de rodagem, em tôdas as direções. Garantindo a sua execução, ai está no orçamento vigente a verba maciça de 481 milhões de cruzeiros, total su-

Visando a uma ação conjunta, por isso mesmo mais eficiente, na vida administrativa do Estado, o govêrno do Paraná reuniu em congresso todos os prefeitos municipais. São dêsse conclave os aspectos acima, vendo-se o governador Munhoz da Rocha discursando e parte da assistência



O governador Munhoz da Rocha tem estado atento a tôdas as realizações prêsas ao seu grande plano rodoviário. A esquerda, podemos apreciar um trecho em construção da rodovia União da Vitória-Curitiba. A direita, o governador do Paraná assistindo ao início das obras da rodovia Cerro Azul - Jaguaratã.

Á
0
0
DES



Visita de parlamentares ao governador Munhoz da Rocha (à esquerda), por ocasião do 1º aniversário de seu governo. Entre outros deputados vêem-se presidente da Assembléia Legislativa, sr. Júlio Rocha Xavier, e o leader da maioria, sr. Laerte Munhoz

superior ao orçamento geral de vários Estados brasileiros. Isto deve ser altamente confortante para os paranaenses, e vamos ser francos, para todos nós. Por que entusiasmo ver um governante entrar de peito aberto, assim, e levar de roldão a inércia, o derrotismo, e o desânimo, para dar ao povo, quase sempre descrente, face a tanto ludíbrio, um monumento público dessa ordem.

E vai por aí a fora a ação do governo Munhoz da Rocha. Atento ao equilíbrio das finanças, lança-se por todos os lados em movimentos renovadores. Absorvem-lhe o tempo a solução dos mais variados problemas, tais como a atualização e maior eficiência do ensino primário e do ensino técnico-profissional; o fomento à agricultura e à pecuária; o reparcelamento e ampliação do porto de Paranaguá; a integração e valorização do ocidente do Paraná; a assistência social; a defesa da saúde pública; a água e energia elétrica e tantos outros. Em todos esses setores algo de novo está feito ou está sendo feito, na Capital, nos municípios, em todo o Estado.

Esse Paraná fabuloso dos nossos dias ergueu-se decidido ao trabalho e ninguém mais o alcança ou lhe embarga os passos. Tocou para o alto e continua a ascensão na iniciativa privada como na esfera oficial. E' um gosto sentir-lhe as pulsações incontidas na ânsia de crescer e progredir. E teve a sorte de encontrar uma boa turma de dirigentes, chefiada por esse entusiasta e incançável Munhoz da Rocha, que não se contentou apenas em derrotar as forças do situacionismo local, mas derrotou também as forças negativas da máquina estatal e descobriu como é fácil e agradável trabalhar bem quando se tem em mente o bom desempenho do cargo.



Embarque de café em Paranaguá. O Estado do Paraná produz hoje mais de seis milhões de sacas de café, quase igualando a produção do Estado de S. Paulo. Daqui a dois ou três anos, a continuar no ritmo atual, superará sem dúvida a safra cafeeira bandeirante.



esquerda — Aspectos como este são comuns em todo o Paraná. Aqui vemos as obras de ligação de um ponto na auto-estrada Curitiba-Paranaguá a Merretes Antonina. A direita — O porto de Paranaguá é o pulmão pelo qual respira a economia paranaense. Embarque de café — viga mestra de crescimento do Paraná

Você também pode ingressar no rádio

(e pertencer à classe mais bem remunerada do país!)

VOCE TEM TÓDAS AS INFORMAÇÕES sôbre rádio e televisão no compêndio mais completo já editado no Brasil:

ANUÁRIO DO RÁDIO DE 1951

(Lista de tôdas as emissoras existentes no país, com biografias, pesquisas de opinião pública sôbre programas mais ouvidos e outras informações).

REMETA-NOS HOJE ESTE CUPOM:

A Editôra Publicidade & Negócios Ltda. — Caixa Postal, 3748 — Av. Rio Branco, 117 — 3.º and. s/323 — Rio.

Desejo receber pelo reembolso, preço Cr\$ 50,00 mais taxa de Cr\$ 10,00, do reembolso, um exemplar do ANUÁRIO DO RÁDIO DE 1951.

Nome

Rua

Cidade Estado

QUER SER ESCRITOR?

Inscriva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

diária nunca esquecida a sua HIGIENE ÍNTIMA

Eucrofina

ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA

PROBLEMAS HUMANOS

À LUZ DA PSICANÁLISE

DR. LUIS FRAGA

A instabilidade de Maria Teresa

MARIA Teresa veio à consulta como um turista que, de passagem, visita mais um hotel, em busca de novidades. Tem vinte e oito anos, cinco dos quais vividos com artificios, recalcando as suas angústias. Aos vinte e três anos sofreu um forte abalo moral: perdeu o pai, que era para ela um companheiro atencioso e um orientador esclarecido. Possui recursos financeiros que lhe permitiram viajar pelos países europeus, em companhia de uma tia, que ela manobra a seu bel-prazer. A orfandade, com o choque que lhe produziu fê-la sentir o mundo de modo artificial: "todos são hipócritas e egoístas"...

MARIA TERESA: — Já consultei alguns psicanalistas. Não me satisfizeram.
MÉDICO: — ?!

MARIA TERESA: — Devo dizer-lhe que, apesar dos sucessos que venho obtendo na vida, não sou feliz.

MÉDICO: — Há uma relação entre os sucessos presentes externos e as relações psicológicas correspondentes.

MARIA TERESA: — Todos temos um passado que nos pesa, não?

MÉDICO: — O fardo de seu passado pode perturbar suas atividades cotidianas e a habilidade para conduzir-se em forma real e afetiva ante os problemas habituais. E' por êle que o presente se torna uma tela, na qual se projetam as sombras do passado.

MARIA TERESA: — Como, então, demonstrar estas relações?

MÉDICO: — Elas são muito sutis e, para consegui-lo, é necessária uma busca continua entre o sucedido e o que aconteceu, entre o que passou e o atual.

Por isso o psicanalista procura sempre os menores detalhes da vida comum do paciente; qualquer interrupção na informação que êle deve receber, priva-o temporariamente com os sucessos diários, sem os quais a significação dinâmica do passado pode perder-se.

MARIA TERESA: — O doutor quer dizer que não devemos, os analisados, ter o nosso week-end?

MÉDICO: — Inclusive as interrupções do fim de semana, em determinados casos demoram e interrompem a continuidade do trabalho. Há casos em que não se dá apenas o atraso, mas a parada completa da análise.

Maria Teresa é vaidosa. Tem boa aparência física, tem instrução e, como dissemos acima, possui recursos financeiros. Sofre, entretanto, apesar de tudo isto ou, quiçá, por tudo isto. Últimamente vem sendo atacada de nervosismo e insônia. E' inquieta e, por ser voluntariosa, agravam-se-lhe ainda mais estas perturbações. A despeito das liberalidades de seus gastos, Maria Teresa incorre nos mesmos enganos de outros pacientes: é que existe uma crença popular de que os tratamentos que não admitem interrupção e que são cotidianos, resultam vantajosos para o analista sob o ponto de vista financeiro. A desalentadora perspectiva de um longo período de tratamento assusta a alguns pacientes que, apenas vendo o fator tempo, esquece que as suas melhoras são sensíveis desde o início do tratamento.

Maria Teresa, relutando a princípio, submeteu-se, todavia, às análises cuidadosas e repetidas e pôde, afinal, encontrar a causa de sua angústia.

Maria Teresa vinha sofrendo dum complexo, cujas representações e idéias derivavam dum situação psíquica não resolvida por obstáculos encontrados no mundo exterior. O efeito vário e inconstante dos obstáculos tornava instável o equilíbrio do complexo. A situação psíquica central era quase sempre desalojada e, por isso, ela não tinha consciência disto.

Desejar o impossível é insensatez. Nada acontece que não seja naturalmente suportável. Acidentes iguais sucedem a uns que, por ignorá-los ou por ostentação de grandeza de alma, conservam-se calmos e insensíveis.

Quase nada é estável; perto de nós o abismo infinito do que passou e o abismo infinito do que há de vir e que se esvai, mostra-nos como são insensatos os que se orgulham, os que se atormentam e os que se queixam, como se tudo fôsse durar momentos apreciáveis.

MARIA TERESA: — Diga-me, doutor, que é inibição inconsciente?

MÉDICO: — Não atino a razão de sua pergunta. Mas inibição inconsciente é um obstáculo de origem psíquica, que escapa ao Eu consciente.

MARIA TERESA: — E' uma coisa perigosa?

MÉDICO: — Ao contrário, tende a proteger a pessoa de situações perigosas.

MARIA TERESA: — Por que eu tenho medo e dizem que tenho inibição inconsciente?

MÉDICO: — Quem lho disse?

MARIA TERESA: — Os livros que eu leio.

MÉDICO: — Tenha cuidado com o que lê. Nenhuma arma faz mal, desde que a pessoa que a use saiba manejá-la. A situação que cria o medo pode ser irreal ou pretérita. As representações e as recordações que sigam ao instinto inibido ficam no inconsciente. Chama-se remoção.

MARIA TERESA: — Eu procuro o mal que me aflige.

MÉDICO: — O seu mal não reside no espírito de outrém, nem tampouco na alteração ou transformação do que a cerca. Onde pois achá-lo? Em você mesma, onde se forma a opinião concernente ao mal. Procure suprimi-lo e

(Cont. na pág. 47)

NOVIDADES DE PARIS



ALGUMAS das mais recentes novidades da moda parisiense estão aqui estampadas para apreciação das nossas leitoras. Em cima, à esquerda, gracioso modelo para passeio em linho azul-marinho, gola branca, flores na cintura; à direita, para o cock-tail, modelo em tafetá rosa com rendas pretas aplicadas; finalmente, em baixo, à esquerda, dois juvenis modelos em organdê branco.



SUGESTÕES ELEGANTES



S EM dúvida, bastante sugestivo e elegantes são os modelos, que nestas duas páginas oferecemos às jovens leitoras. Na página ao lado, um grupo de três graciosas blusas, simples e esportivas; em baixo, uma sugestão para passeios matinais, em fina lã creme. Nesta página, ao alto, três modelos de chapéus, bastante modernos e variados; em baixo, para passeio oferecemos, finalmente, mais alguns modelos, desta vez são vestidos próprios para passeios ou cock-tails, todos êles de grande simplicidade, porém, muito sugestivos. Devem ser executados de preferência em tafetá de côres discretas.



TUDO ISTO A

Greve de coveiros

FAZ pouco tempo houve uma greve de coveiros em Nova York, ficando os defuntos sem enterramento. O cardeal Spelman interferiu, mobilizou padres e estudantes, e inutilizaram a greve. Os coveiros protestaram, mas os defuntos foram mesmo enterrados no sagrado. O assunto empolgou a atenção do povo norte-americano e foi muito comentado pelo mundo inteiro. O que os grevistas queriam era aumento de salários. E, pelo que parece, obtiveram o que desejavam. Agora surge uma outra greve de cemitérios, desta vez em Glasgow, na Inglaterra. Cinco cemitérios foram fechados e os defuntos a mofar em seus esquifes. Mas, para não agravar a situação, os grevistas cederam este privilégio: somente os parentes, os membros da família do morto poderiam cavar-lhe a sepultura. Além de chorar o falecimento de seus entes queridos, os parentes teriam que suar fino e forte cavando-lhes a cova. Os grevistas pleitearam aumento de salários. Eles alegavam que estavam ganhando muito pouco para abrir túmulos e, se continuasse assim, terminariam morrendo de fome. E suspenderam o trabalho em todos os campos-santos de Glasgow. As notícias não trouxeram coisa alguma sobre a vitória ou a derrota desses cavadores de sepultura; mas, segundo parece, o serviço de abrir covas para plantar defunto é um bocado duro. Nem todos os habitantes de Glasgow dispõem de parentes com bastante disposição para abrir o chão e meter lá dentro os corpos inanimados. Em face disto, é provável que os grevistas tenham saído vitoriosos da rebelião. Coveiro também é gente e, se não fossem aumentados, aumentaria o desejo de ver a caveira de todos de Glasgow...



se embria
e quando
a felicidade
rafada, o
livre da
o pitoresco
"pivo!" a
de sempre
do Raimu
deu trezer
mais para

Que barberagem!

HA em Nova York um barbeiro chamado Frank Fucarino, que, pelo nome, descende de italianos. Fucarino é mestre na tesoura e na navalha. Gosta de conversar quando está raspando a cara do freguês, e, muitas vezes, também o esfola. A loja de Fucarino tem o belo nome de "Nações Unidas". É uma homenagem à união dos países que formam a cadeia de povos na luta pela paz e harmonia do mundo. Gastou trinta dólares para abrir aquele belo letreiro. Mas, certa vez, quando estava tagarelando com um cliente, recebeu um ofício da Organização das Nações Unidas (ONU), intimando-o a mudar o nome de seu estabelecimento, pois, pelos estatutos da ONU, ninguém podia usar esse nome para fins comerciais. Fucarino ficou fuscando de raiva. Pisaram-lhe nos calos. Ele, que tivera a lembrança de homenagear as Nações Unidas, ser tratado assim pela ONU? Que falta de consideração! E embirrou: não mudaria o nome de sua casa. Era um desafio! A ONU voltou com um "ultimatum": teria ele que retirar aquele nome, pois que, de acordo com o artigo tal, parágrafo qual da resolução de 1946, o nome de "Nações Unidas" não podia ser aposto em casas comerciais. Fucarino se danou. Isso era uma impertinência daquela gente. Onde já se viu proibir a um cidadão americano o uso do nome tão bonito de Nações Unidas em sua barberagem? E respondeu: "Não retiro. Gastei muito dinheiro para botar o letreiro. Meu estabelecimento já é conhecido de todos por esse nome. Não retiro. Dali ele não sai". E bufando para uns clientes: "Se eu for forçado a mudar o nome, então mandarei pregar outro: "Barbearia Nações Desunidas". E a guerra está declarada..."



que tam
mas o p
está fal
mildeme
que se r
alta mac
ficou cor
siderand
éle aban
quem est

Que palpíte!

VICENTE Caetano da Fonseca adoecera gravemente com uma infecção na perna e foi recolhido a um leito da Santa Casa de Misericórdia, desta capital. Ali esperava restabelecer-se ou morrer. Um dia, porém, juntando os últimos cruzeiros de que dispunha, comprou um bilhete de loteria. Isto é, uma fraçãozinha, pois não tinha para mais. Esperou a corrida e, no sábado seguinte, estava seu gasparinho com duzentos mil cruzeiros! Vicente Caetano não se conteve de alegria, e, só não saiu correndo pela rua de Santa Luzia em direção da casa lotérica, a fim de receber a bolada, porque os enfermeiros o contiveram. Calma, homem! O mundo não vai acabar assim tão depressa. A sorte tem dessas surpresas. Levado ao leito de indigente, esse pobre homem com a perna inchada passou a ser rico. Se souber aplicar bem o cobre, poderá ser milionário daqui a um ano, no mínimo. Mas também está correndo perigo sério. Cuidado com os vigaristas, seu Caetano! Essa tropa de salteadores amáveis e maneiros anda vigilante e não há cautela que sirva. Se eles descobrirem onde está o seu leito, Vicente Caetano, logo mais irão propor-lhe uma Casa de Saúde mais barata do que a Santa Casa de Misericórdia, com lindas enfermeiras vestidas de biquini, "shows" com excelentes artistas de rádio e cinema, tudo a preços de admirar. Eles sabem "cantar" os incautos que tiram na loteria. E quando o amigo Vicente Caetano acordar desse sonho, em lugar de estar na mirabolante Casa de Saúde, estará no mato sem cachorro, falando sozinho. E a polícia então o levará à galeria dos malandros. Como apontar os vigaristas, se todos se parecem uns com os outros!

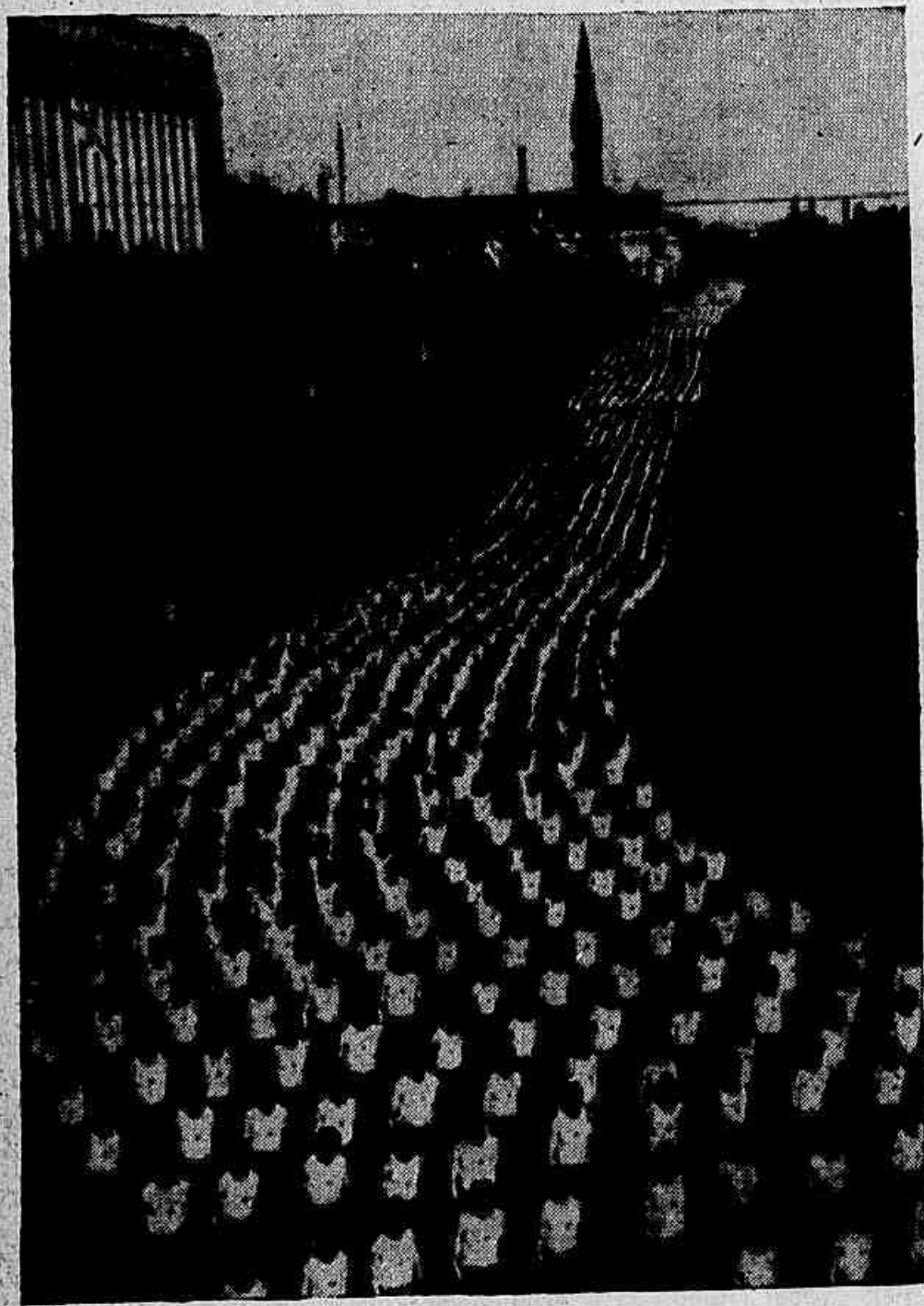


obra, n
dentro
pédias
senhor!
dos res
história
sua ma
meteu
ventor
de pra
pois pa

A NOIVA ORIGINAL

O casal que aparece se beijando, na foto acima, uniu-se pelo casamento em Baltimore (E.U.A.), e há alguns dias chegou ao Rio de Janeiro para passar a lua de mel. Nada teria de extraordinário esse par, constituído pelo sr. e sra. Lalich, se a primeira página dos jornais no-valorquinos dele não se tivesse ocupado por uma razão curiosa: o dinheiro que custeou a viagem de núpcias foi obtido pela noiva, que dançou com mais de 500 pessoas, em três dias, a fim de juntar mais de 9.000 dólares para as despesas. Ela é filha de iugoslavos e seguiu um costume corrente no país de origem.

JOGOS OLÍMPICOS-1952



DE 6.500 a 7.000 atletas são esperados em Helsinki, capital da Finlândia, para os Jogos Olímpicos que ali serão realizados no correr deste ano. Viagens turísticas àquele país estão sendo organizadas em todo o mundo, sob o controle de um organismo central para esse fim constituído: «Olympia Tours 1952», que reúne a Comissão Organizadora dos Jogos Olímpicos, as Estradas de Ferro nacionais, a Associação Finlandesa de Turismo e todas as principais agências de viagem. A foto, que mostra um desfile de atletas nas ruas da capital finlandesa, antecipa a grandiosidade do espetáculo.

ACONTECEU

A cura da embriaguês



A cidade cearense de Quixeramobim está surpreendida com a presença de um curandeiro que está fazendo o milagre de curar os alcoólatras mais inveterados. Dizem notícias daquela cidade para a imprensa de Rio, que apareceu ali um cidadão de nome Raimundo Leite (ou Darci Vieira, segundo outros) que prepara uma garrafada que é um tiro no vício da bebedeira. Muitos casos de cura já foram registrados. Pessoas que gostavam de abusar do "oleozinho de Ipioca" e perdiam o siso, fazendo bobagens, depois que beberam a tisana do curandeiro, nem mais suportam o cheiro do álcool. Até já se deu um episódio pitoresco. Uma senhora daquela cidade, cujo marido se dava ao vício da cachaça, pagou trezentos cruzeiros ao fabricante do antídoto e o esposo ficou curado. O assunto empolgou as rodas locais. O ex-beberrão, homem de popularidade e muito benquisto, pois

se embriagava sem exceder os limites do respeito público, era muito alegre e quando estava na "geribita" se tornava loquaz, alegre e a contribuir para a felicidade dos outros. Menos da esposa, é claro. Pois bem: ao beber a garrafada, o homem foi-se afastando da bebida alcoólica, até que foi considerado livre da tentação. O caso empolgou a cidade e foi muito comentado; mas, o pitoresco de tudo foi a decepção do homem que bebia muito e que era o "pivot" da graça conterrânea. Ele passou a ficar triste, sem aquele humor de sempre, tão aplaudido. E, quando estavam a falar na maravilhosa droga do Raimundo, o ex-cachaceiro disse numa roda: Pois olhem. Minha mulher deu trezentas pratas para eu deixar de beber; mas, agora, eu daria dez vezes mais para voltar à "caninha"!

Curiosa portaria



A função de um Juiz de Menores é das mais espinhosas. Em Belém, capital do Pará, o dr. Sadi Montenegro Duarte, na impossibilidade de fazer respeitar a lei que proíbe a entrada de menores impúberes em bailes, baixou uma portaria que provocou os mais gostosos comentários entre a população daquela cidade. Não lhe sendo possível mandar executar a fiscalização num clube chamado da "Mocidade", sem existência legal, mas patrocinado por gente graúda e até por deputados, o Juiz de Menores resolveu suspender toda e qualquer fiscalização, deixando o mesmo Clube ao léu da sorte. Por que fez isso o Juiz Montenegro Duarte? Porque, no Pará, ainda impera como argumento irresponsível aquele velho: "Sabe com quem está falando"? Ora, foi dançar no mesmo centro ilegal de diversões uma mocinha de menor idade, filha de um advogado, de menor idade, procurou impedir a entrada;

que também é deputado. O fiscal do Juizado perguntou ao funcionário: "Sabe com quem está falando?" O rapaz sabia, e, diante daquela arrogância toda, cedeu humildemente, mas foi narrar o fato ao Juiz de Menores. Este fez o possível para que se respeitasse a Lei. Mas nada conseguiu. A menina, além de dançar até alta madrugada, ainda era a "Rainha da Mocidade", e o pai, muito orgulhoso, ficou com essa honra. Então o Juiz baixou a famosa portaria, em cujos considerandos ele dizia que, "já que não era possível tornar a lei igual para todos", ele abandona a fiscalização do Clube da Mocidade, onde impera o "Sabe com quem está falando?", uma das vergonhas de nossos costumes...

Bicicleta anfibia



DENTRE os nove milhões de habitantes da imensa cidade norte-americana, há um cidadão de nome Robert Kising. Não nasceu mesmo em Nova York, mas sim nas Filipinas. Até aí nada de mais. Entretanto, quando nós sabemos que Kising é lavador de pratos em um restaurante da cidade, mas que tem a mania de ser inventor, a coisa já vai tomando outro aspecto. Pois é isso mesmo. Kising, enquanto lavava pratos, ia imaginando coisas. E, um dia, começou a pensar num modelo de bicicleta que andasse sobre a água, com a mesma facilidade com que corre sobre o chão firme. Não se sabe muito bem se o torturado filipino chegou a quebrar alguma louça durante as suas abstrações científicas e mecânicas. Sabe-se, porém, que ele levou até ao final a sua invenção. Colocando dois flutuadores numa bicicleta comum, ele ficou admirando sua obra, mostrando-a a amigos e recebendo deles muitos elogios. Kising seria, dentro em breve, um homem notável e famoso. Teria seu nome nas enciclopédias e nos dicionários biográficos e históricos. Um lavador de pratos, sim senhor! Quem diria que o filipino modesto, humilde, trabalhando no fundo dos restaurantes baratos de Nova York, ainda seria um dos grandes vultos da história das invenções! Logo que tudo ficou perfeitamente regulado, ele levou sua máquina revolucionária até às margens do Hudson, chamou gente e se meteu na selinha. Quando ia dar aos pedais, a bicicleta afundou com o inventor e tudo! A polícia teve um trabalho medonho para retirar o lavador de pratos do fundo do rio. E Kising foi levado a um hospício de alienados, pois parece que seu crânio está tão ruinzinho como a sua "General Mac Arthur"...

CORVETA NA GUANABARA



ELA e romântica visão a de um veleiro, velas enfiadas, cortando suavemente as águas do mar. Ao leitor ocorrerá que se trata de uma gravura antiga ou de uma cena de cinema, mas vamos desapontá-lo: a corveta que se vê na foto chama-se «Pamir», pertence à Companhia de Navegação Schillewen, de Hamburgo, e pela primeira vez tocou um porto brasileiro, com 30 homens de tripulação e 40 cadetes da Marinha Mercante de diferentes nacionalidades. Seu belo perfil desenha-se contra o céu carioca, nas águas da Guanabara, arrebatando a imaginação dos que o contemplam do cais, como se vivessem há cem anos passados.

CADETES DO MAR



CONTRACENANDO com a foto do veleiro «Pamir», na página anterior, esta representa alguns dos cadetes do mar quando fazem a leitura de um jornal alemão. Vêm-se, aqui, três dos quarenta que viajam no navio-escola hamburguês, entre membros da tripulação. São todos extremamente jovens, ainda imberbes, e fazendo marinhagem em meio a maxenas e cordalhas, mastros e caranguejas — tudo que foi abolido num barco da época da eletricidade — prepararam-se para as mais duras dificuldades da vida do mar. O «Pamir» representa o primeiro passo dado para a fundação de uma Academia Internacional de Marinha Mercante.

O CAMINHO CERTO

As comunicações doutrinárias de Luiz de Mattos impressionam pela clareza de seus conceitos. A que vamos ler, dada em sessão pública no Centro Redentor, do Rio de Janeiro, em Julho de 1949, expõe a finalidade do Racionalismo Cristão, como Doutrina espiritualista e mostra como seguir seus princípios norteadores de conduta e evolução espiritual.

Se todos procurassem bem compreender os princípios desta Doutrina, se procurassem saber qual a sua finalidade, estamos certos de que agiriam sempre como criaturas honestas e justas, cumprindo assim fielmente os seus deveres.

O Racionalismo Cristão é uma Doutrina que se impõe, não pela ostentação e aparato em suas explicações, mas pela simplicidade com que expõe os seus princípios e como se apresentam os seus leais e dedicados servidores.

Há muita gente que se deixa levar pelas aparências. O Racionalismo Cristão não admite ilusões, mas o que na realidade deve ser; não admite mistério, nem hipocrisia, nem milagre, porque ele é a Verdade e esta é que se impõe a alma das criaturas.

Viver dentro dos Princípios Racionalistas é ter a vida calma e possuir a consciência do dever cumprido; viver fora desses princípios doutrinários é ter vida sempre em sofrimento, ignorando aquilo que de mais sério existe — a existência da alma, o valor do pensamento e a ação psíquica que tanto pode ser benfazeja como maléfica.

É preciso que as criaturas se esclareçam, não para se converterem ao Racionalismo Cristão, mas para poderem viver com paz de espírito, tranquilidade e valor. Não fazemos questão de conversões, queremos, apenas, ensinar aqueles que sofrem e que vivem na ignorância, o caminho mais certo, a maneira mais fácil de poderem viver neste mundo.

Não temos a pretensão nem a vaidade de regenerar e remoejar quem quer que seja, mas temos o grande desejo de fazer despertar as criaturas para que elas encarem a vida por um prisma diferente daquele que vêm encarando até aqui. Caminhar, portanto, neste mundo apoiado nos ensinamentos que o Racionalismo Cristão oferece, é caminhar com firmeza, é trilhar caminho certo e seguro, é possuir a paz de espírito, que é a maior felicidade que o ser humano pode esperar na Terra.

Agindo, portanto, todos aqueles que conhecem os nossos princípios conforme a Doutrina ensina, é agirem sempre bem, e a nossa maior satisfação é ver as criaturas enveredarem por um caminho certo e seguro, a nossa maior alegria é ver as criaturas felizes, daquela felicidade que só a tranquilidade espiritual lhes pode dar. Assim sendo, esperamos que todos compreendam bem esta Doutrina, que a aceitem e pratiquem com sinceridade, para seu bem próprio, para sua felicidade e para que possam fazer o seu progresso espiritual, para que tenham a satisfação de partirem deste mundo algo fazendo em bem de seus próprios espíritos.

Os princípios desta Doutrina ensinam a criatura a conhecer-se a si mesma, a ter confiança em si e, portanto, a caminhar com firmeza neste mundo.

O valor, a ponderação, a moderação e a justiça levam as criaturas a grandes empreendimentos e a vencer na luta.

A vida terrena para o homem esclarecido, não é um mar de rosas; nela há tempestades, vendavais, agruras e sofrimentos, mas a criatura esclarecida por ela passa, andando sempre não parando nunca para olhar para trás. O que ficar para trás, ficou, agora ela deve olhar para a frente, caminhando sempre com o passo firme, a mente lúcida e a vontade esclarecida.

Esta Doutrina, que nada tem de misticismo, faz com que as criaturas raciocinem com acerto, livra-as do fanatismo que entorpece a razão e obscurece o raciocínio, torna os espíritos lúcidos para poderem viver neste mundo responsáveis pelos seus atos.

No viver da criatura se reflete o seu estado psíquico, o seu estado da alma, e uma vez o estado psíquico sendo bom, ela vive calma, compreensível, agindo sempre com valor.

Quem conhece os Princípios desta Doutrina sabe que tudo neste mundo tem a sua explicação racional. Não admite milagres, dúvidas, nem vacilações, pois tudo a Doutrina explica racionalmente.

Caminhem as criaturas, sempre decididas e fortes, palmilhando pela estrada da vida, vencendo todos os obstáculos, porque ao chegarem ao final de suas existências, desde que tenham a consciência do dever cumprido, a certeza de que tudo procuraram fazer para o seu progresso espiritual, partirão deste mundo em paz de espírito, o que constitui a verdadeira felicidade.

Caminhem os seres neste planeta com os passos firmes, uns; vacilando, outros, mas vão caminhando sempre, porque para trás, deve ficar tudo aquilo que lhes possa tornar dificultoso o caminhar.

"Homem, conhece-te a ti mesmo!" Conhece-te a ti mesmo, e caminha! Esse, o apelo que fazemos a todos os que desejam vencer na luta.

Conhecer-se a si mesma, é fazer justiça a si própria, saber reconhecer os seus defeitos, assim como as suas qualidades, ou as suas possibilidades, o que é uma felicidade, porque, então, ela saberá com que contar para se defender e progredir.

O mal dos seres é não se conhecerem como Força e Matéria. E' não saberem aquilo que são, e, portanto, aquilo que devem ser.

Sabemos perfeitamente que neste mundo há muitas dificuldades, há muitos tropeços, há muita fraqueza, mas temos também a certeza de que os espíritos fortes, aqueles que se conhecem e sabem o que são e o que devem ser, tudo vencem e por cima de tudo passam.

Só se enganam com a vida aqueles que se querem enganar, porque os que são precavidos e dão trato ao espírito, sabem viver e palmilham o caminho sempre com firmeza.

Não é gritando, nem querendo impor a sua vontade com despotismo que a criatura vence; é agindo com inteligência e perspicácia que resolverá os seus problemas.

É preciso caminhar neste mundo com firmeza, tudo vendo e analisando, tudo recebendo com naturalidade, mas nunca estacionando ou retrocedendo.

Caminhem com a frente erguida, com valor, resignação e desprendimento porque chegarão ao fim da jornada com a consciência do dever cumprido.

LUIZ DE MATTOS

DESFILE AO MICROFONE

(Cont. da pág. 17)

A nossa Câmara não foge à regra universal. Apenas, saída em boa parte de uma geração que não fez tirocinio política (a «geração sacrificada», da frase do sr. Mangabeira) mostra-se mais canhestra e menos atenta a certas regras que regulam a ética parlamentar. É uma Câmara da crise. Mas, a crise passa e a Câmara fica.

Estas páginas não poderiam mostrar todos os que desfilarão pelo microfone da Câmara, falando regimentalmente, da tribuna, nem mesmo os que junto a ele se fizeram notar pela cultura, pelo bom-senso ou pelo pitoresco de sua linguagem. Limita-se a alguns flagrantes colhidos em nosso arquivo, escolhidos para ilustrarem alguns, dentre muitos, que, da tribuna, revelaram certas peculiaridades ou idiossincrasias na atividade parlamentar.

1951 foi o primeiro ano de uma nova legislatura, onde inúmeros deputados pela primeira vez tomaram contato com o microfone do Palácio Tiradentes. A assiduidade ou ausência na tribuna, a propriedade ou leviandade no trato dos assuntos políticos ventilados, pode indicar o que se deva esperar dos atuais representantes do povo. É a propósito de tais previsões, certamente sujeitas a erro, que se publicam as fotos e os textos destas páginas.

O ARROZ E FEIJÃO . . .

(Cont. da pág. 21)

so, além dos numerosos agricultores que produzem numa terra já preparada pela natureza, estão surgindo os grandes empreendimentos rurais. Dentro de dois anos, por exemplo, cerca de quinze milhões de pés de café estarão frutificando. Lunardelli está por lá, também.

Seria, nessa altura, muita ingenuidade perguntar se o Brasil precisa mais de braços, antes de solucionar a questão dos transportes...

QUANDO SE CHEGA A DEUS

Quem desce em Anápolis toma o pulso de Goiás. Sente a vida da região. Dali mesmo, quando o repórter percorria os armazéns atulhados (quando deviam estar vazios, neste princípio de ano), a Associação Comercial, Industrial e Agro-Pecuária de Anápolis remetia dramático telegrama às altas autoridades do país. Deixemos que a entidade se exprima:

«Cerealistas de Anápolis, o maior centro produtor do Estado de Goiás, reunidos na Associação Comercial, mandam apelar para vossência, pelo amor de Deus, que interceda junto ao digníssimo Presidente da República, no sentido de solucionar o transporte precaríssimo da Estrada de Ferro de Goiás. Comunicam, a propósito, o seguinte: o arroz beneficiado há mais de dez meses apodrece nos armazéns, com um estoque atual de cerca de 500 mil sacos de arroz e feijão, que estão estagnados em virtude do transporte nulo, enquanto os centros consumidores reclamam a falta do produto. Os poucos veículos, que chegam a Anápolis, são abertos, impróprios para cereais. Os armazéns locais possuem mercadorias da safra de 1950, e nenhuma promessa de melhoria do transporte foi cumprida, notando, ao contrário, maior desorganização. Os despachos, realizados há mais de quatro meses e depositados nos armazéns estão se perdendo, sem responsabilidade da Estrada. Os transportes são feitos em veículos abertos, os únicos fornecidos aos exportadores, que são obrigados a repor na Estrada os sacos que chegarem molhados na estação de Araguari. Até roubos são verificados na própria Estrada. O desleixo do transporte está destruindo um valioso centro produtor do país. Usamos das expressões acima, porque centenas de apelos, noutros termos, não foram ouvidos. Respeitosamente, (as) Abel Carneiro, presidente».

DESGASTE GERAL

Há, em favor dos que administram a Estrada de Ferro de Goiás sem política partidária, fatores que justificam a impossibilidade de atingir-se um máximo de eficiência. Por exemplo, o leito da ferrovia nunca foi substituído. Espiamos os trilhos e distinguimos um desgaste que vale um presságio de desastre. Quanto ao material de tração, além de antiquado, é minguido e não basta para puxar as mercadorias exportáveis.

O FIM ACABA NO PRINCÍPIO...

Muitos perguntariam qual a importância que tem uma ferrovia pequena, do Governo, lá no interior. Mas, agora, quando o carioca assiste às evoluções dos preços, a falta do arroz, do feijão preto das boas feijoadas de sábado; quando o paulista sente atraso nas suas atividades comerciais, é bom que se convença de que o país não morreria por falta de braços para tocar lavoura. O certo é que, se houvesse transporte regular, talvez até dispensaria a idéia do Tribunal Popular e a economia ficaria liberada, sem um intervencionismo que nem na guerra se experimentou.

ALGUM DIA MORREREI . . .

(Cont. da pág. 35)

que amara o marido a ponto de suportar tôdas as suas infâmias e perversidades, sem contudo o abandonar.

A «ação irresistível», tese aprovada pelos tribunais de juri, motivada por deslealdade conjugal, representando a sociedade como coatora do crime, novamente voltava à tona.

O libelo acusatório foi tremendo, se bem que os advogados de defesa da constituente, criminalistas de projeção no Fôro, conseguissem apagá-lo quase por completo. As provas de fato, apresentadas pelos advogados, para postular a liberdade da acusada, eram sólidas e resistentes como gesso. O promotor público compenetrava-se disto, mas a justiça pagava-lhe apenas para acusar.

No entanto, meu Deus, recorri aos ensinamentos de meu pai. E raciocinei, calmamente: — «Ela matou! Não se deve matar! Cristo disse: "Amai-vos uns aos outros"».

Então, quando no veredito, depois de ouvido o digníssimo corpo de jurados, lavrei meu derradeiro que decidiria o caso, afinal. E, insensivelmente, eu a condenei a oito anos celulares, com toda a atitude imponente de magistrado, sem ao menos lhe conceder certos benefícios.

Foi uma barbaridade a minha, só mais tarde um profundo arrependimento desaprovou o meu gesto incoerente. Desde então, passei a meditar na criança que a mãe deixara ao léu, por circunstâncias imperiosas. Talvez, cruel pensamento, estivesse morando num orfanato, lastimando com desgosto a ingratidão da mãezinha adorada, que se ausentara sem uma despedida sequer. A saudade, constrangedora, muito devia incomodar seu coraçãozinho. Nem de longe supunha que eu fôsse o principal causador do desenlace, muito contribuindo para a sua infelicidade. E, o que é doloroso: podia estar renegando a infortunada mãe, pela vida desconfortável que lhe dera.

(Cont. no próximo número)

Respostas ao teste

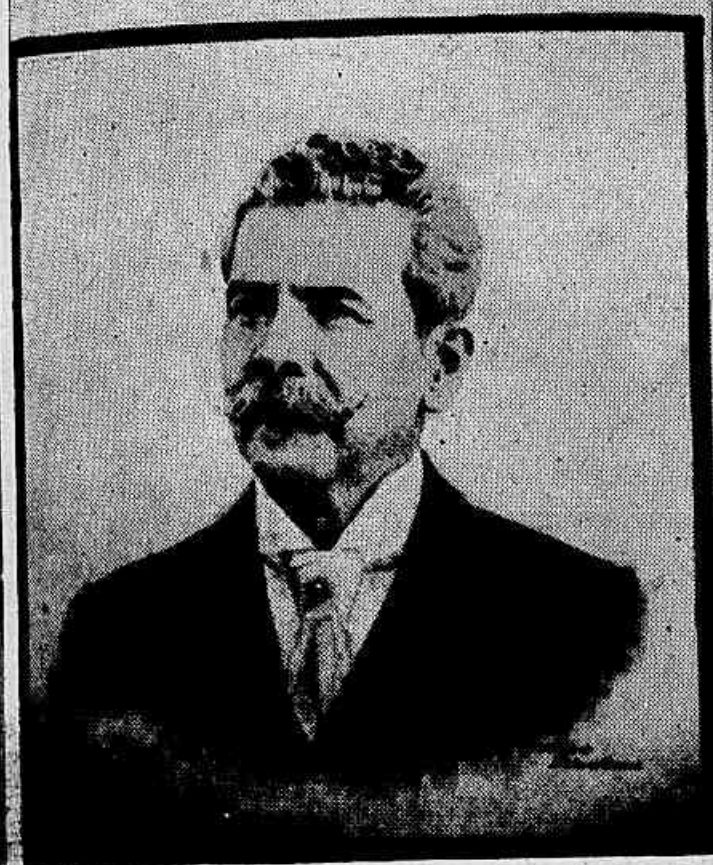
- 1—Carlos Gounod
- 2—França
- 3—Molière
- 4—Elias Howe
- 5—Adriático
- 6—Budapest
- 7—Charles Spencer Chaplin
- 8—Alemã (Otto Mergenthaler, 1884)
- 9—O diamante
- 10—Quatro (branca, amarela, vermelha e negra)
- 11—Não
- 12—1839 (na França por Louis Daguerre)
- 13—Mônaco
- 14—Pirarucu
- 15—A morte de Ruy Barbosa

A REVISTA

Há 50 Anos

Domingo, 22 de março de 1902

REVISTA DA SEMANA
 Edição semanal ilustrada do JORNAL DO BRASIL
 PUBLICADA SEMPRE DOMINGO



Vice-almirante Custódio José de Mello

OS TEATROS

(Trecho)

“Quo Vadis” foi pôsto em cena com um luxo e uma propriedade de “mise-en-scène” de que há muito andávamos desabitados. Em alguns quadros, a montagem da peça excede a exibição européia. A orgia no palatino, por exemplo, deixa a perder de vista a reconstituição italiana, paupérrima e falsa. Eduardo Reis revelou-se um grande artista, honrando a cenografia portuguesa. Os dois quadros em que se desdobra o incêndio de Roma são apenas obras-primas; no primeiro, é superiormente tratado o reflexo do enorme brasão no aqueduto neroniano; no segundo, Roma em plena labareda, o Transtevere aluindo, o efeito é deslumbrante e a ilusão perfeita. A vila de Faon, no último quadro,

batida pelo luar meigo e doce, põe na atmosfera agitada e tormentosa do drama uma calma boa e salutar preparando o espírito para a aparição simbólica do Cristo:

“Pois que tu abandonaste o meu rebanho, volto a Roma para que me crucifiquem de novo.”

Vestuários, calçado, adereços, tudo obedece aos “croquis” colhidos nas autoridades romanistas. No quadro do “Triclinium” é que foi necessário, como em França, por exigência absoluta do espaço, sacrificar os meios leitos da época, substituindo-os por modelos também da época, mas não usados nos grandes festins.

★

Desempenho melhor que o do “Quo Vadis” não o poderá, em sã e reta consciência, exigir quem tiver acompanhado o teatro brasileiro de há cinco anos a esta parte. E só quem de perto também houvesse seguido os ensaios poderia fazer a justiça devida ao mérito do ensaiador e à boa-vontade dos atores.

Não possuímos teatro normal, nem conservatório, nem sequer professores particulares de declamação. As vocações, e não raro simples ilusões, vão para o palco no estado da pedra lôscas, dura, bruta e informe de que fala o orador sagrado e ali seguem o seu fadário, pouco, quando não mal aconselhados. A maior parte dos nossos artistas de valor põe a serviço da arte exclusivamente o seu temperamento, que é muito, mas não basta. Quatro, oito, doze anos depois, ainda uma silabada horrenda de português ou um erro de técnica vem comprometer as situações mais empolgantes. Que não de eles fazer, se ninguém os ensinou, se ainda que quisessem aprender, não encontrariam com quem?...

Foi com esse núcleo de rapazes, alguns de habilidade, mas muito poucos com um preparo regular, que Eduardo Vitorino e Dias Braga montaram uma peça que em França e Portugal tiveram por intérpretes celebridades dos respectivos teatros. Trabalho impertinente, miudinho, tenaz, trabalho que, condensado na exibição cênica, parece nulo mas que basta para extenuar o arcabouço mais robusto.

FARFALLA

As nossas gravuras

DUAS alegorias à semana da Paixão inserem hoje a REVISTA DA SEMANA: uma de Bambino, outra de Castro Rivera; ambas documentos artísticos de alto valor e completando com a “Crucificação”, do célebre Missal Pontifical de Estêvão Gonçalves Neto, a homenagem especial deste semanário às sinceras crenças católicas dos seus leitores.

A primeira página da REVISTA é consagrada ao falecido vice-almirante Custódio José de Melo, perda irreparável da Marinha Brasileira e um dos vultos mais justamente estimados do nosso país. À gentileza dos distintos fotógrafos srs. Bastos & Dias devemos a fotografia aqui reproduzida e que inserimos acompanhada de sentida crônica.

Começa a REVISTA a publicar no presente número a galeria dos personagens do “Quo Vadis?”, colhidos em excelentes instantâneos. O quadro do “Triclinium”, interior difficilissimo de fotografar, dará idéia dos recursos artísticos de que dispomos.

O grande desenvolvimento que ultimamente tem tido entre nós o esporte náutico, induziu-nos a criar uma nova seção que brilhantemente se inicia neste número, com a resenha ilustrada de um “match” sensacional.

E já que estamos com a mão na massa, discutindo assuntos marítimos, cometeríamos erro imperdoável se não déssemos, como damos, as fotografias dos faróis de Belmonte e Santana e do vapor de guerra “Comandante Freitas”, ao qual tem sempre incumbido a pesada tarefa da montagem dos faróis na nossa costa tão longa e acidentada.

Também damos uma nítida reprodução do lamentável desastre sucedido ao “Santos Dumont n. 6” da baía de Monaco.

Grandes belezas oferece a orla marítima da nossa terra, mas nada lhe fica a dever a ubérrima natureza das nossas montanhas e colinas. E, se não acreditam, olhem para as nítidas fotografias do Aqueduto do Corcovado.

Continua o Estado do Paraná a fornecer-nos belos pontos de vista e aspectos curiosos da vida brasileira. Ainda neste número alguns exemplos demonstram a verdade da nossa asserção.

A página de “Modas” da REVISTA todos os dias nos traz novos elementos de circulação, pois é sempre procurada com avidéz.

Finalmente, “Raul” dá-nos, em seus “humorismos”, a nota alegre da semana e a guerra anglo-boer serve de pretexto a uma página muito interessante.

(NOTA ATUAL — Raul, que vem referido no último parágrafo acima é Raul Pederneras, professor jubilado da Universidade e mestre da caricatura brasileira).

Lágrimas

A vida, meu amor, que hoje passamos,
 Só pode ser com lágrimas descrita,
 Tão grande a dor que o peito nos habita,
 Tão amargo este fel que provamos.

Tão nublados de lágrimas levamos
 Os olhos sob o peso da desdita,
 Que tudo que até nós vive e palpita
 Tudo inundado em lágrimas julgamos.

E todo esse lutuoso mar de pranto
 Que vemos em nossa alma e em tudo vemos,
 Nasce de havermos nos amado tanto!

Porém, embora, a amar, tanto soframos,
 Cada vez mais, amada, nos queremos,
 Cada vez mais, querida, nos amamos.

BENTO ERNESTO JÚNIOR

Semana da Agonia

A Dor é a grande força do nosso tempo e a semana da Paixão é a quintessência da Dor. É da penetração e solidariedade das dores que o altruísmo se aviventa e o coração se humaniza. Não há obra de piedade sem o concurso desse revulsivo, nem obra de arte sem a pontuação das lágrimas, orvalho da Dor, suor da Dor. Ai da alma que nunca sofreu, ai da mente que nunca teve uma hora de alucinação dolorosa, de hiperestesia agônica. Todas as cordas da alma se tensam pela Dor e que delicada e sutil sensibilidade não será aquela que fôr buscar o seu diapasão no último grito de Jesus! Porque, nesse brado supremo da Constância, torturada pela Carne, todas as dores humanas reagem a um tempo contra o Pecado que as assoberba, e esse embate tremendo tira à Carne o derradeiro apetite, desprendendo-se a alma liberta e triunfante, em um largo vôo ideal.

QUEM É CARIOCA NO RIO DE JANEIRO?

ANO LI ★ Nº 12 ★ 22-3-52

Redator-Chefe:
ALCEU MARINHO REGO

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JÚNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratullano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 200,00
Seis meses	Cr\$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 230,00
Seis meses	Cr\$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 350,00
Seis meses	Cr\$ 180,00

O número avulso custa Cr\$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na Capital a cargo da Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevideu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Este número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5002 ★ Gerência: 22-9647 ★ Contabilidade: 22-2550

VITAL?



O Engenheiro João Carlos Vital é, no cargo de Prefeito do Distrito Federal, o governador da cidade do Rio de Janeiro e do município em que ela se encontra. Filho de pernambucanos, nasceu no Rio Grande do Sul e passou a meninice em mais de um ponto do país, pois seu pai era médico militar. Não é carioca, portanto, o homem que governa os cariocas.

de do Rio de Janeiro e do município em que ela se encontra. Filho de pernambucanos, nasceu no Rio Grande do Sul e passou a meninice em mais de um ponto do país, pois seu pai era médico militar. Não é carioca, portanto, o homem que governa os cariocas.

D. JAIME?



Durante longos anos governou a diocese de Mossoró (Rio Grande do Norte), motivo por que muitos o supõem nortista. Nasceu porém em Santa Catarina, cidade de S. José. Encontrava-se como Arcebispo de Belém do Pará quando foi transferido para o Rio de Janeiro, como Cardeal-Arcebispo. A província eclesialística do Rio, portanto, não é governada por um carioca.

OS VEREADORES?



A Câmara dos Vereadores é uma corporação constituída pelos representantes eleitos pelo povo carioca. Compõe-se de cinquenta vereadores, maiores e vacinados. Serão, além

disso, cariocas? Ao menos a maioria? Não. Nem sequer a maioria deles é de cariocas. Mais de 25 são mineiros, fluminenses, sulistas, um amazonense e um matogrossense!



ZENÓBIO?

Será o comando das armas, no Rio de Janeiro, atribuição de um carioca? Ele está confiado ao General Zenóbio da Costa, bravo comandante das tropas expedicionárias na Itália. Mas o comandante da 1ª B.M. (Rio de Janeiro) também não é carioca. Nasceu em Corumbá, Est. de Mato Grosso.



ESPINOLA?

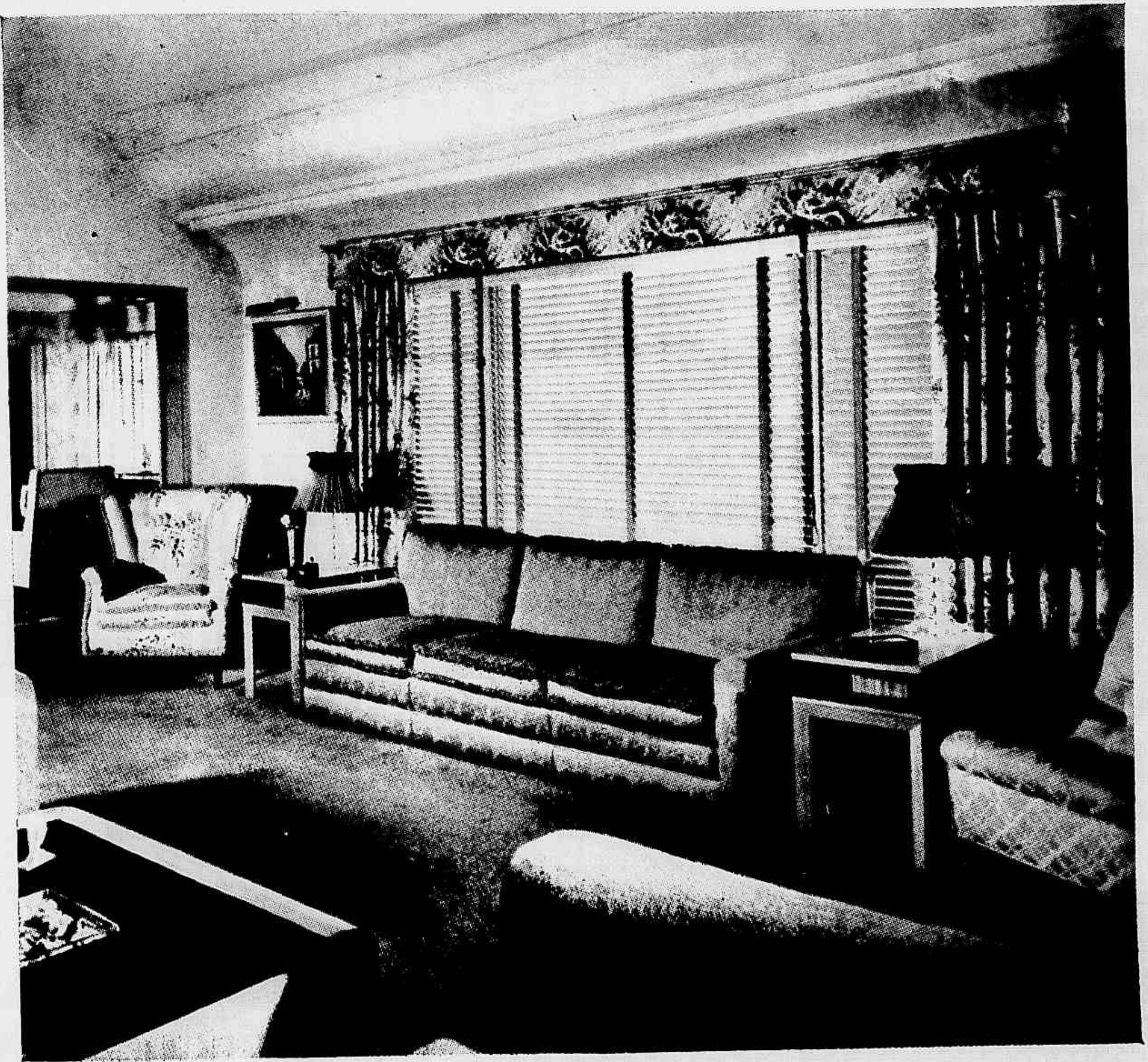
Desembargador no Distrito Federal, onde fez toda sua carreira de magistrado, o Desembargador Toscano Espinola é, atualmente, Presidente do Tribunal de Justiça e, nessa qualidade, o chefe da justiça local. Mais um que não é carioca, nascido que foi no Estado da Paraíba.



MACHADO?

O Dr. João Machado exerce a presidência da Câmara Municipal. Teremos, finalmente, encontrado um carioca? De fato, encontramos. Um ao menos, entre os que dirigem os setores mais importantes da vida pública do Rio de Janeiro, é carioca: o vereador pelo P.S.D., Dr. João Machado!

MÓVEIS e DECORAÇÕES



Projetos executados por
técnicos especializados

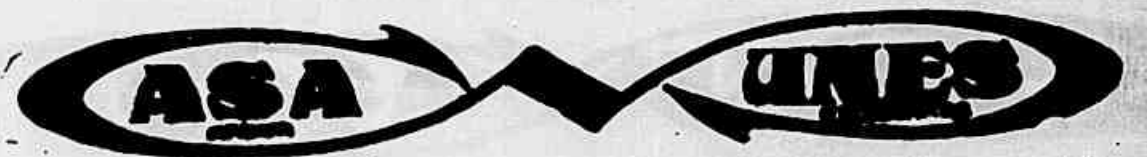


TAPÊTES FEITOS À MÃO TAPÊTES E PASSADEIRAS

de forração, em côres lisas e com flores

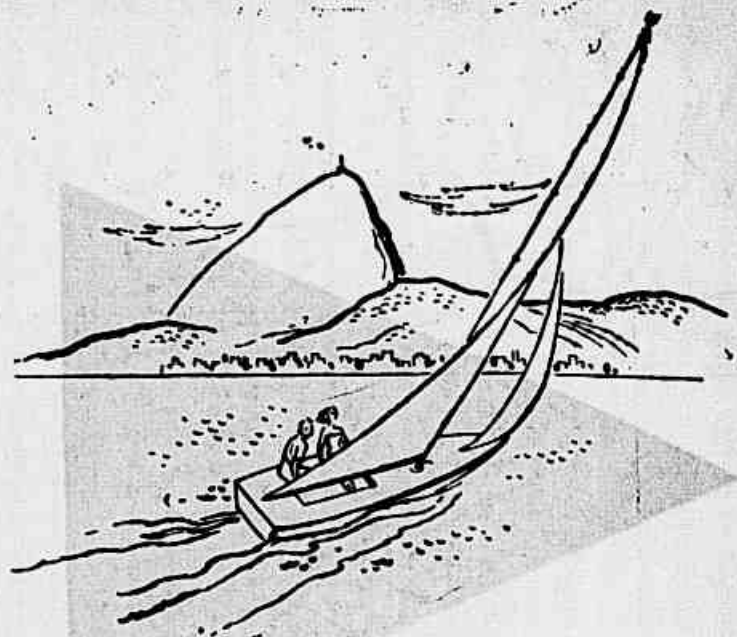
GRUPOS ESTOFADOS

— especialidade de nossas oficinas —



65 rua de CARIOCA 67 — RIO

uma consagração que se deve a você...



A você e a milhares
de outros que sabem apreciar
as coisas boas da vida —
como os sports do mar —
Hollywood deve a sua
inequívoca consagração.



cigarros **Hollywood**

uma tradição de bom gosto

© 1934 SOUZA CRUZ